

REVISTA

DA SEMANA

N. 40 5-10-57 Cr\$ 10,00 em todo o Brasil

JORNAL DA REVISTA: ATUALI-
DADES DO BRASIL E DO MUNDO

JULGAMENTO DE NOEL ROSA

2

Garôtas
(Coloridas)
De Xurupito



O CR
MANS
NOVO

ela... ele... e



Fernand
de, com
é acusa
Ant Jor
re parte

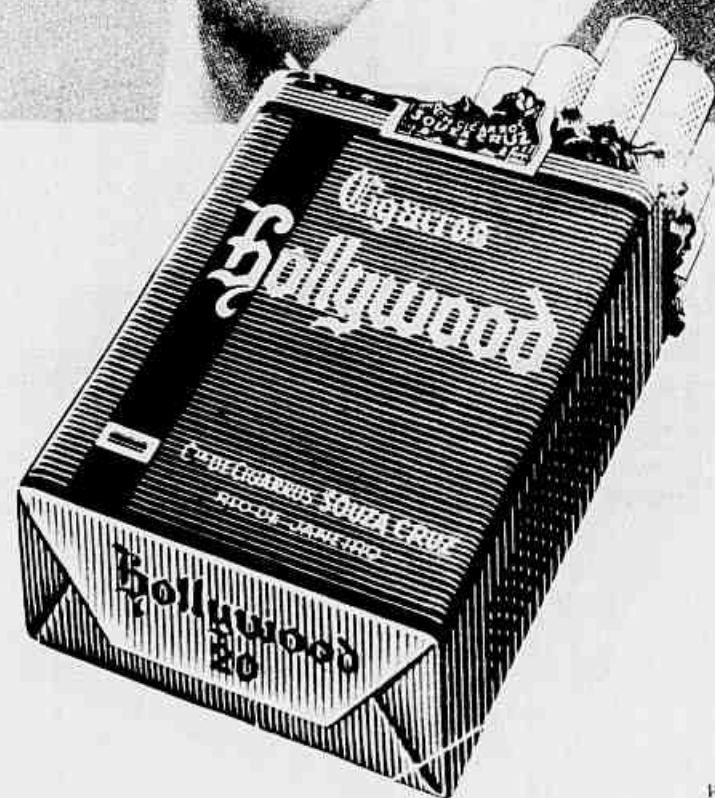
A
D

cigarros

hollywood

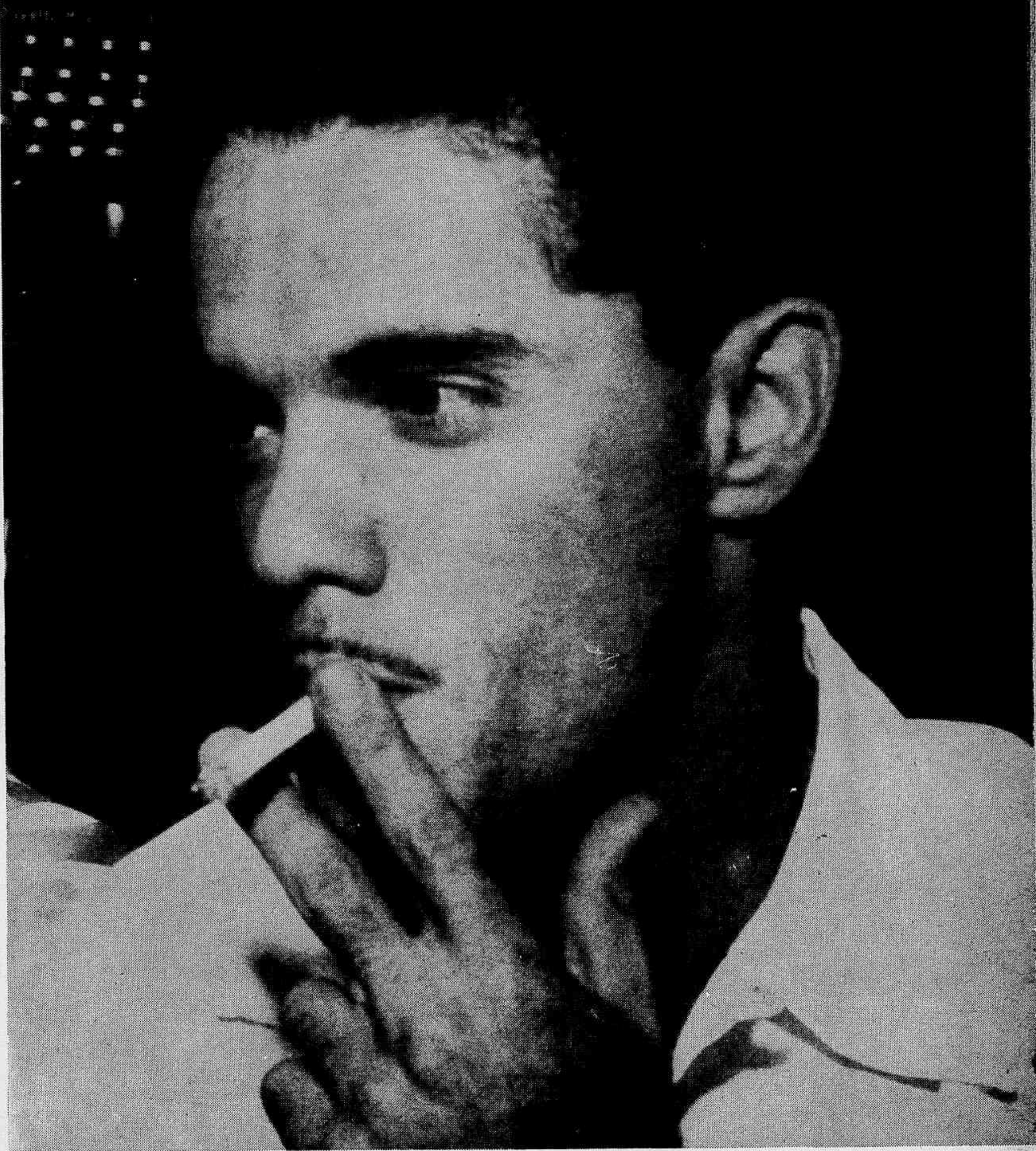
uma tradição de bom-gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ



H-85 393

O CRIME DA
MANSÃO AMOROSO
NOVO SACOPÃ



domando, calmo e despreocupa-
do, com os graves fatos de que
é acusado, assim se portou
Jorge durante a primei-
ra parte do inquérito policial

MARI: TENENTE BANDEIRA DA ZONA NORTE?

Texto de RENO DE TOLEDO — Fotos de VITO VASCONCELOS



Helena Amoroso, jovem e bela, que uma vida agitada levou ao sacrifício, encontrando a morte no carro de sua propriedade, em que teve tantas alegrias

À
do,
prop
Amor
dois
brac
do o
hema
outro
a bo
que
inici
com
em
gidos
prova
pode
poli
ciais
cesse
tos

◆ C
perm
xona
dois
prin
cont
Veja
1)
à v
das
soca
Amo
pria
rosa
impr
dese
amb
cont
carn
mãe
apo
apre
lade
tent
bul
de
par
mon
de
núm
do
vizi
rici
êste
cim
tuta
pre
ro
pre
2
cal
form
que
sem
três
nac
ta
seq
se
e
ma
por
pol
por
pe
rap
do
du
se
ess
bo
riã
do
êl
se
en
sol

me
fôn
se

A bela Helena morreu antes de chegar em casa

ÀS últimas horas do dia 23/8, na mansão de propriedade do conhecido contraventor Francisco Amoroso, foi encontrado, no interior do carro Mercury, de sua propriedade, o corpo da jovem Helena Amoroso, sua filha. Helena estava morta, com dois tiros que, penetrando ambos no antebraço esquerdo (parte superior), e traspassando o tórax, atingindo um o coração (causando hemorragia interna e morte instantânea) e o outro a maior parte dos órgãos do tórax, indo a bala atingir a altura da fossa hiliaca esquerda. Com o aparecimento do cadáver, teve início uma novela policial, em muito parecida com a «Novela do Sacopã». As circunstâncias em que se deu o fato e certos detalhes surgidos no correr das investigações vieram comprovar que estava ali um caso simples, que poderia ter sido resolvido em poucas horas. A polícia, contudo, falhou em três detalhes iniciais e, por isso, temos agora um imenso processo, em que já se encontram 56 depoimentos e que se arrasta há mais de um mês.

♦ **OS PRIMEIROS INDÍCIOS** — Três falhas permitiram que o inquérito se arrastasse, apaixonando a opinião pública, agora dividida em dois partidos: a favor de Ari Jorge França, o principal suspeito e contra a família Amoroso contra Ari Jorge e a favor da família Amoroso. Vejamos as falhas que levaram a isso:

1) Destruição do local do crime, fato alheio à vontade de quem quer que seja, decorrente das próprias circunstâncias e das tentativas de socorro à vítima. Retirou-se o corpo de Helena Amoroso da posição inicial. Primeiro sua própria mãe, dona Gertrudes Gertchmann Amoroso, ao tentar acordar Helena («Eu tive a impressão de que Helena estava dormindo ou desacordada», alega a senhora) e depois pela ambulância. Helena, que fôra inicialmente encontrada sentada ou recostada, no centro do carro, mais para a direita, foi puxada por sua mãe até a lateral esquerda, com o joelho apoiado na almofada, pois dona Gertrudes se aproximara pela porta dianteira do mesmo lado, que encontrou entre-aberta. Depois, ao tentar-se socorrê-la e com a chegada da ambulância, o corpo caiu pesadamente ao solo, de bruços, o que obrigou a nova remoção para que fôsse constatada oficialmente sua morte. E, finalmente, por ser vasto o círculo de amizade da família no local, grande foi o número de pessoas que afluíram à casa, entrando e saindo na garagem, e terrenos circunvizinhos, destruindo, assim, todo o campo pericial. Este é, tecnicamente, em casos como este, de grande importância para o esclarecimento dos fatos. Portanto, quando o Instituto de Exames Periciais chegou ao local, representado pelo papiloscopista Afonso Ribeiro de Melo Filho, o trabalho a realizar estava prejudicado.

2) Quando o suspeito inicial chegou ao local, seu estado de descontrole era visível, conforme descrevem testemunhas e os próprios que o detiveram. Tremia e fazia perguntas sem grande segurança. Inicialmente negou a três policiais que tivesse saído com Helena, naquela noite, fato já citado pela família. Nesta hora, um interrogatório à moda brasileira, seguido de forte pressão moral, talvez houvesse conseguido desmoronar sua defesa inicial e liquidado o caso antes das seis horas da manhã do dia 24. Houve, contudo, certo respeito por sua pessoa, primeiro pela qualidade de polícia rodoviário, que alegou possuir e depois porque não se mostravam muito claras as perspectivas sobre o assunto. Por isso, foi o rapaz encerrado, incomunicável em uma sala do distrito e aí o deixaram ficar em repouso, durante cinco horas, deixando que ele tivesse tempo de recuperar a calma e engendrasse essa história que lhe permitiu aguentar ao bombardeio da polícia durante o mês inicial, não capitulando diante de nada, nem mesmo do desmentido total das provas e histórias por ele armadas para garantir sua defesa. Tivesse havido, na madrugada do crime, uma ação enérgica da polícia e acredito que teria ela solucionado o problema imediatamente.

3) Ari Jorge França não foi submetido a exame químico, que teria, na hora, constatado se fôra ele o autor dos disparos. Como é sabido, sempre que se faz um disparo de arma de



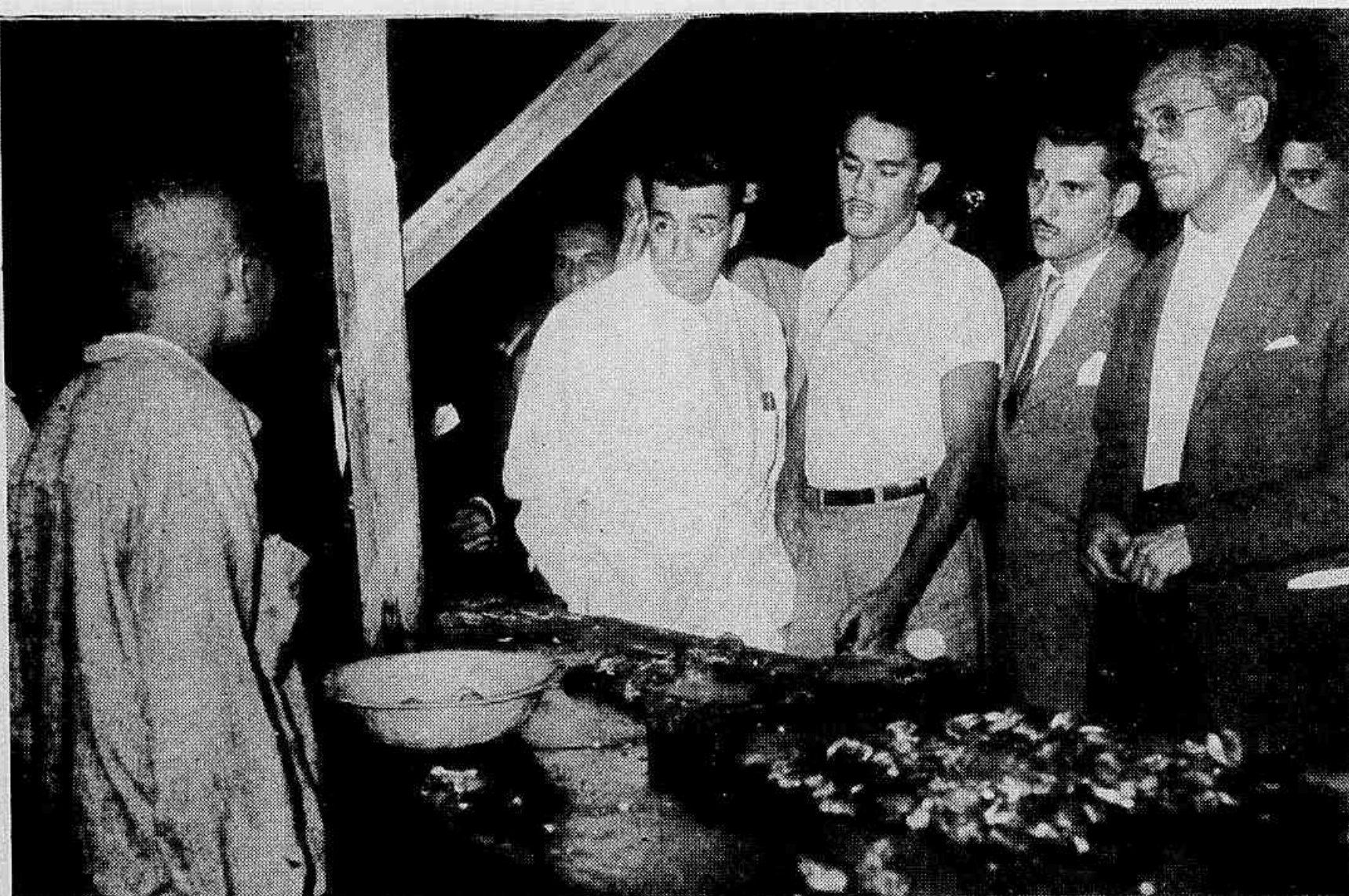
Dentre as testemunhas da polícia, Clarisse Nunes foi a que mais carga fez contra Ari. E este não pôde negar os fatos mencionados



Com as luzes apagadas e transitando fora do percurso descrito por Ari, eu vi o carro de Helena às 23.40 — disse Pascoal André, frente a Ari



Durante toda a acareação com d. Gertrudes, Ari manteve-se de cabeça baixa e preocupado. Às vezes ficava rubro. Por que?



O garoto da foto confirmou às autoridades a passagem de Ari e Helena na Barra da Tijuca, na noite do crime. Ladeia a Ari Jorge França, seu advogado, dr. Celso do Nascimento

Testemunhas destruíram o alibi do suspeito

fogo, o desprendimento dos gases da pólvora deixa nas mãos de quem o faz chamuscamento ou marcas imperceptíveis a um exame simples, mas perfeitamente reconhecíveis a um exame químico. Este exame não foi realizado.

♦ **LOCAL DO CRIME E PRIMEIRAS DILIGÊNCIAS** — Dona Gertrudes Amoroso e o capitão Almeida, acompanhado de sua esposa, Dona Cristina, foram as primeiras pessoas a tentar socorrer Helena. Tiraram-na da posição inicial. Duas cápsulas deflagradas foram encontradas no local, uma dentro do carro e outra do lado de fora, um pouco à frente da porta, à altura do pára-lama dianteiro esquerdo. Havia impressões digitais em grande quantidade, mas, como no Sacopã, com superposição e destruição na maioria dos casos. No assento dianteiro manchas de sangue, correspondentes às posições que a vítima foi sendo posta e por fim, uma grande mancha de sangue no chão, consequência do extravasamento de hemorragia interna.

Depois de conversar com os circunstantes e (demoradamente) com d. Gertrudes, que estava só na casa, por ocasião do aparecimento do cadáver, o Comissário Helber Murinho, levantou um quadrilátero de suspeição que lhe permitiu tomar um ponto de partida para as investigações, levantando três hipóteses, baseadas nas clássicas perguntas «onde», «quando», «como», «porque» e «em proveito de quem».

1) **Lâtrocinio** — Esta hipótese foi logo eliminada às primeiras investigações, pois a vítima estava com todos os seus haveres e jóias e não seria admissível que alguém fôsse esperar quem entrava na garagem, quando era fato do conhecimento público que d. Gertrudes, mais idosa e portanto mais fácil vítima, ficava constantemente sozinha em casa. E, se houvesse o que roubar, estaria na casa e não na garagem.

2) **Vingança** — Helena tinha, de fato, sido alvo de ameaças por parte de parentes e amigos de um rapaz chamado Gelson Maia, que se suicidara por seu amor. As primeiras diligências, contudo, vieram provar que, para a família de Gelson, isso era coisa do passado, pois Helena se redimira ante seus olhos, com sua atitude de colocar sempre flores no túmulo de Gelson e dar demonstrações de grande sentimento pela morte do rapaz.

Poderia ter ocorrido ainda uma vingança da parte de Teresa Temponi. Esta criatura havia sido amiga íntima da família e fora depois, escoraçada do convívio dos Amoroso, sob suspeição de haver-se tornado amante do sr. Francisco Amoroso. Havia sido vítima de ameaças por parte de Helena que chegara a comprar uma arma, alegando que o fizera «para dar uma lição na Temponi». Mas Teresa, como

o sr. Francisco Amoroso, foi afastada do rol dos suspeitos, quando comprovou um alibi para a hora do crime. Calculadamente 23,50 horas.

Restaram, então, duas hipóteses para as quais se voltaram as atenções da polícia.

A primeira, de crime praticado por motivos inconfessáveis, ou em circunstâncias especiais, focalizava a pessoa de d. Gertrudes Amoroso, mãe da vítima. No andamento do inquérito apurou-se que mãe e filha não se entendiam bem, tendo mesmo chegado, algumas vezes, às vias de fato. Depois d. Gertrudes alegava dois fatos aparentemente incríveis: não ter ouvido os disparos, e não ter notado as manchas de sangue, no braço de Helena, exatamente no lado esquerdo, pelo qual se aproximou, e, mais ainda, sua atitude fria e raciocinada depois do crime, quando telefonou às amigas e conhecidos, providenciou a arrumação da casa e serviu café feito por ela própria. Todos estes fatos foram, porém, explicados. Na realidade, Helena e d. Gertrudes não se entendiam bem ultimamente, mas a arma autora dos disparos que mataram a moça não poderia ter sido empunhada pelo braço de uma mulher, pois foi uma Luger-P-38, bala de calibre 9 milímetros. É uma arma de guerra, parabelum tipo alemã, pesada e grande demais para ser acionada duas vezes, com precisão, por um braço feminino. O primeiro tiro seria crível, mas o segundo perder-se-ia, pelo coice que o disparo inicial provocou. Além do mais, está, agora, comprovado que Ari exagerou, em suas declarações, as brigas entre mãe e filha.

Quanto aos disparos e às manchas de sangue no casaco da vítima, em prova pericial e de acústica de disparos, ficou provado que na realidade, d. Gertrudes poderia, estando desatenta, não ter ouvido os tiros que teriam sido disparados dentro da garagem. Também no mesmo exame ficou comprovado que na semi-obscuridade da garagem, e por não estar preocupada com um crime, seria possível à mãe de Helena não notar, inicialmente, as manchas de sangue na lã branca.

Também sua aparente frieza pode ser explicada por sua vida atribulada, com a perda de um filho em poucos dias, desentendimentos na família, separação conjugal, sua ascendência nórdica ou alemã, que é marcadamente fria e aparentemente desapercibida dos fatos.

Houve, ainda, a hipótese de uma possível infidelidade conjugal (perdoe-me a família) surpreendida ou comprovada por Helena ao regressar à casa. Esta hipótese, contudo, está afastada, por sucessivas verificações feitas pela polícia e o único a quem se atribuiu esta qualidade, deu-se pressa em vir a público com uma carta-desmentido. As continuadas buscas sigilosas que a polícia efetuou a este respeito vêm tornar frágil esta hipótese.

Restou, portanto, do quadrilátero inicial de suspeição, o ângulo que focalizou a figura de Ari Jorge França.

♦ **O PRINCIPAL SUSPEITO** — Ari Jorge França é um rapaz pobre, de origem modesta, que, por sorte ou por uma falta de sorte, veio a conhecer Helena Amoroso. Mecânico, motorista, por amizade com Roberto Amoroso, irmão da vítima, teve ingresso na residência da família e, daí, passou à amizade de Helena, primeiro por serviços prestados, depois por camaradagem, foi coisa de pouco tempo.

Ari, desde o primeiro momento, foi colocado no rol dos suspeitos, em virtude de haver sido a última pessoa (comprovadamente) estar com Helena, ainda em vida desta, porque havia passado a noite, ou parte dela, em sua companhia e por ter negado, inicialmente, estes fatos, para depois confirmá-los diante das testemunhas.

♦ **FIGURA DE UM SUSPEITO** — A continuação da convivência entre Ari e Helena e a de Denir de Almeida, companheira inseparável da vítima em todas as horas do dia, vieram criar, para o rapaz, um clima de sentimentalismo, que não havia da parte das duas partes com ele, se bem que fôsse possível haver simpatia de Helena. Esta o procurava, para afastar de si a idéia da família desunida, pai fora de casa, expulso por ela própria porque uma companhia masculina, de um mecânico e motorista, era sempre interessante para seus intermináveis passeios de carro. Acreditamos que entre Ari e Helena houve algo mais que o contato de patroa e empregado ou «serviçal», como quer a polícia. Mas algo que, não chegou a namoro, pois o gênio impulsivo, ciumento e intempestivo de Ari era contrário à personalidade de Helena Amoroso, independente e incapaz de se submeter a quem quer que fôsse. Por isso ele, a certo ponto das relações entre ambos, passou a entender que seu desejado casamento, ou mesmo sua mancebia com ela não se realizaria. E entrou em desespero. Era um rapaz pobre, que havia ascendido a um nível monetário que as posses de Helena permitiam manter, mas que cessada a camaradagem entre ambos, desapareceria. Havia abandonado o emprego de polícia rodoviário, faltando durante 34 dias seguidos, para, em sua obstinação estar com Helena. Nos últimos tempos, não mais saía do perto do palacete Amoroso, gravitando em torno de Helena. Tudo isso, aliado às constantes brigas que sua presença na casa provocava as sucessivas humilhações a que a própria Helena, com seu gênio imperioso, vez por outra o submetia, as proibições de contato com a família da moça, primeiro de Arquilau Mequita, o cunhado, que o proibiu de entrar e

(Continua na pág. 5)

Diretor Gratuliano Brito
Redator-Chefe Reynaldo Jardim
Chefe de Publicidade J. M. Costa Júnior
Paginação Victor Tapajós
Desenhos Alberto Lima
Fotografia Arnaldo Vieira e Alberto Ferreira
Laboratório V. M. Vasconcelos

Redatores e Corretores:

S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Ana

Colaboradores:

Eneida, José Roberto Teixeira Leite, Helio Polito, Jeff Thomas, Haroldo Damasio, L. Junqueira, Nelson Gomes Leite, Octavio Lins, Carlos Normando, Carlos A. Nascimento, Marita Lima, Quintino Carvalho.

Propriedade da Companhia Editora Americana — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Tels: Redação, 22-4447; Publicidade, 22-9570; Portaria, 22-5602; Gerência, 22-8647; Contab., 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 500,00
Seis meses	Cr\$ 250,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 750,00
Seis meses	Cr\$ 375,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 900,00
Seis meses	Cr\$ 500,00

O número avulso custa Cr\$ 10,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 11,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spinos, C. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Fone: 34-1569

MULHERES

ESTÁ a União Universitária Feminina vivamente empenhada na reforma do Código Civil considerando que este é demasiado cruel com as mulheres, principalmente as casadas. Direitos iguais para o homem e a mulher no casamento, bradam elas. Que melhor grito do que esse, quando a mulher casada se torna uma criatura inexistente para as leis, quando deixa de ser alguém, um ser pensante, para se tornar um móvel, um objeto, uma coisa sem direito a não ser o de amar o marido, pregar-lhe botões nas roupas, costurar-lhe as meias e como única aventura — se a tiver — criar os filhos, pô-los no mundo, encaminhá-los?

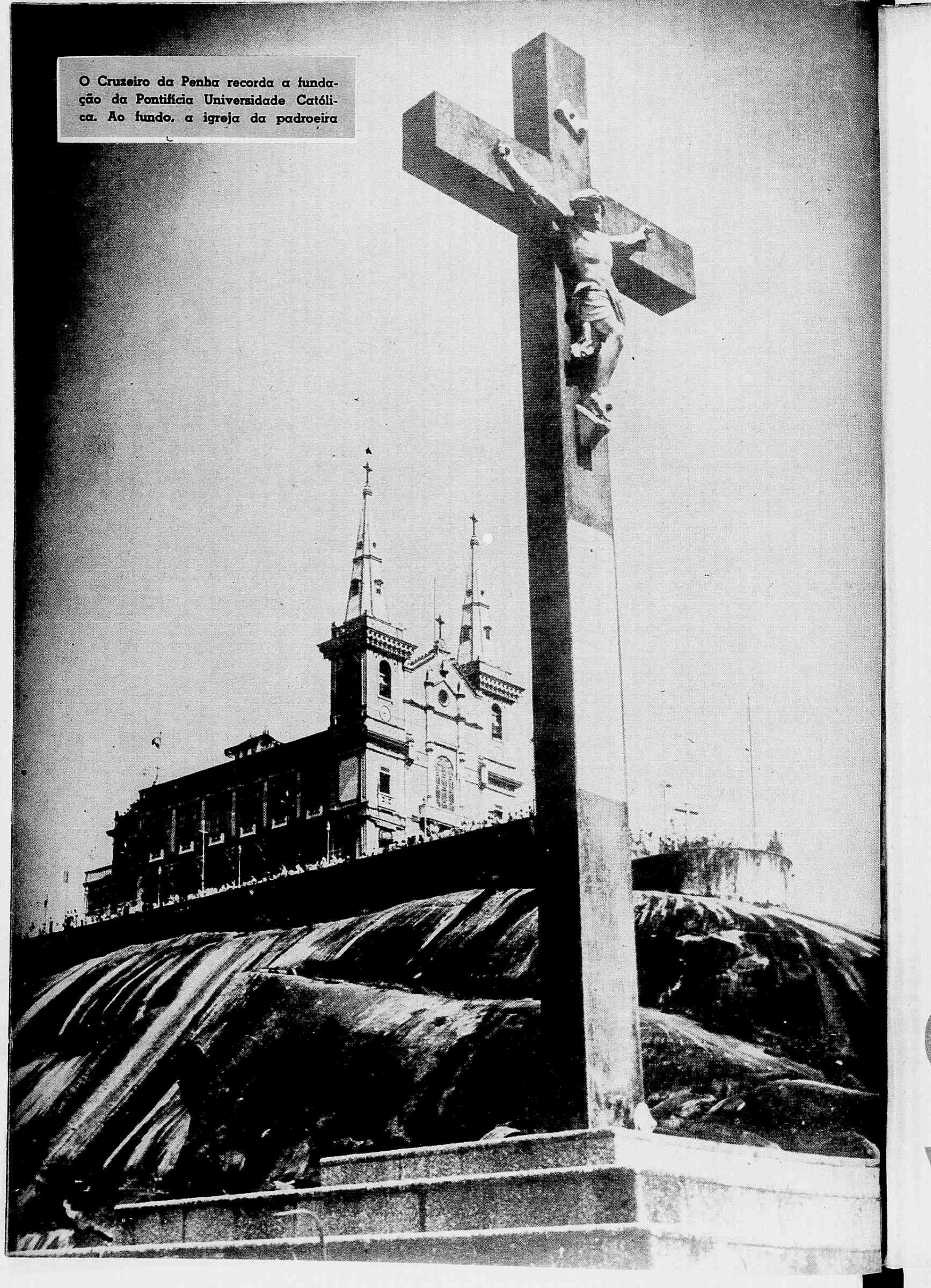
Não se pense que as moças — advogadas, médicas, engenheiras, professoras — que compõem os quadros sociais da U.U.F. são feministas, que odeiem o homem e outras tolices. Nada disso. São muitas delas também mulheres casadas, também conscientes dos deveres do lar, felizes naturalmente, mas que por isso mesmo estão em condições de vir de público, para a imprensa, o parlamento, as ruas, defender os direitos das irmãs espoliadas, humilhadas por um Código que não as defende nem as apoia.

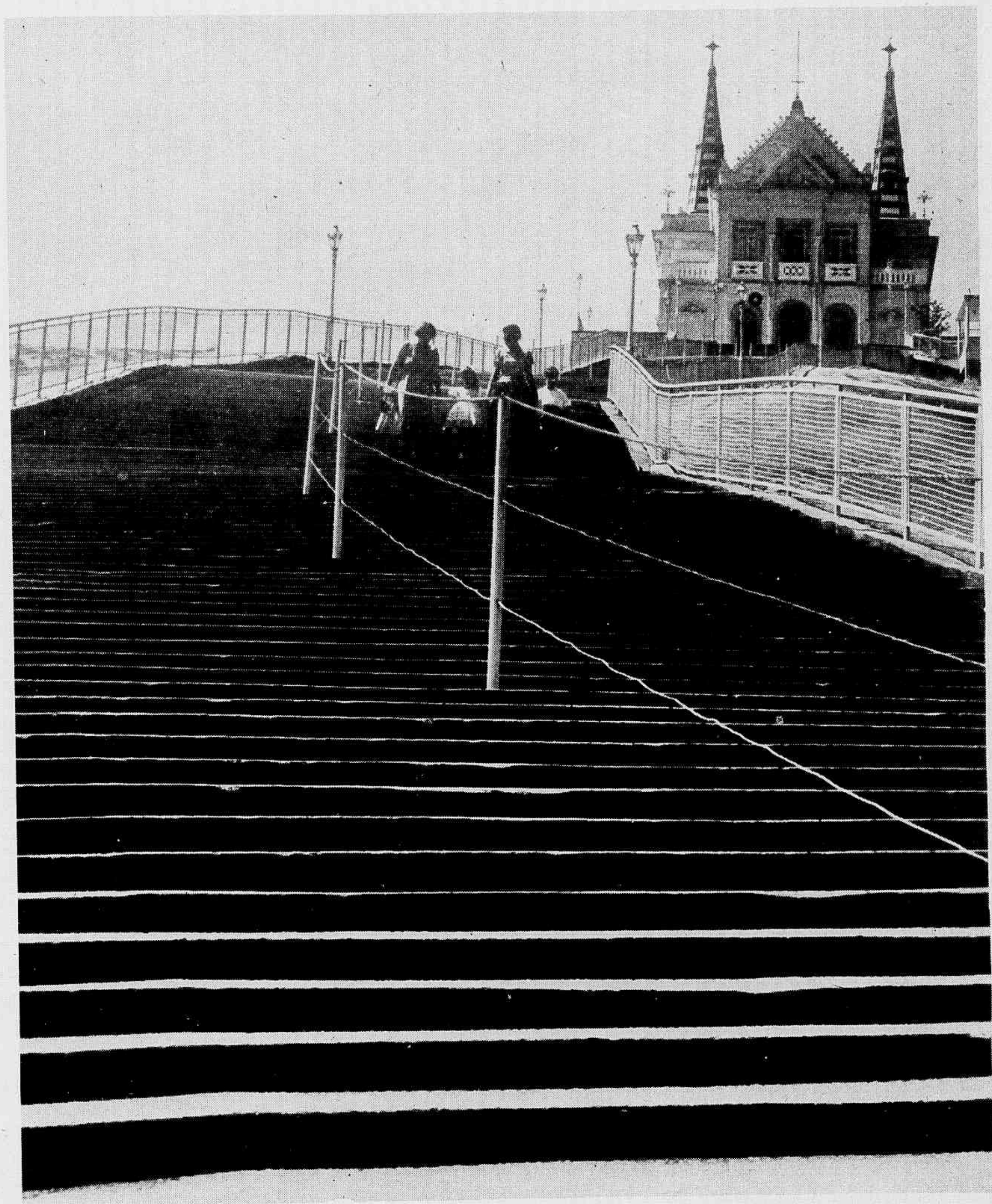
NÃO sou entendida em leis e códigos; quando muito sei artigos aqui, ali e se conheço direitinho nossa Constituição é porque creio obrigatório estarmos a par daquilo que afinal é a base de nossa vida como nação. Mas estou inteiramente de acordo com a luta da U.U.F. Gosto de ouvir Zélia Pinto de Rezende Silva discorrer sobre nosso Código Civil, falar em pátrio poder, em fixação de domicílio, no artigo 6º do mencionado Código que diz: «são relativamente incapazes a certos atos, ou à maneira de os exercer: I — Os maiores de 16 anos e menores de 21 anos; II — as mulheres casadas, enquanto subsistir a sociedade conjugal; III — os pródigos; IV — os silvícolas. «Digam, não é espantoso que estejam as mulheres no rol dos incapazes apenas porque casaram? Incapazes a certos atos como seja: ter um emprêgo, arranjar trabalhos caseiros como costurar para fora ou vender docinhos, etc. e ainda a receber herança? Se o marido não consentir, nada feito. É duro esse papel, convenhamos.

TANTO mais espantoso que exista um Código assim tão contra a mulher casada, quando ela já tem o direito do voto, quando pode eleger até mesmo presidentes da República. Mas se ela tem o direito de voto não tem o direito de ser votada, a não ser que o marido lhe conceda licença. Como é ridículo, pois não? Por tudo isso e muito mais, pois as incongruências de nosso Código não cabe numa crônica, estou aqui pedindo às mulheres em geral que apoiem a luta que neste momento está realizando a União Universitária Feminina. É uma bela e nobre campanha para que a mulher tão responsável sempre, tão crivada de deveres — solteira, casada, viúva ou desquitada — para que a mulher, repito, neste país onde só agora vamos conquistando um lugar ao sol, tenha garantidos os seus direitos. Continuando como estão as coisas as mulheres vão acabar odiando o casamento que as torna tão escravas. E aí o panorama será negro. A família, senhores, pensemos na família...

ENEIDA

O Cruzeiro da Penha recorda a fundação da Pontifícia Universidade Católica. Ao fundo, a igreja da padroeira





A escadaria imensa, que os romeiros sobem a pé. Tantos degraus quantos são os dias do ano: penitência

O passado vai voltar à Penha



O sineiro da Penha toca música num piano de sinos. São dezoito sinos ligados a teclas de madeira, na torre



Romeiros olham o subúrbio de cima do morro lá em baixo. O homem não vê

QUANDO NOEL SAÍA DA VILA PARA APRESENTAR SEUS SAMBAS NA PENHA, O CARNAVAL COMEÇAVA EM

Texto de CESÁRIO MARQUES

A PENHA, — festa e tradição do passado, volta a despertar a atenção da cidade com sua música, quando dezenas de compositores preparam-se para disputar duzentos mil cruzeiros em prêmios, enquanto mocinhas bonitas de todo o subúrbio recebem a missão de chamar o Rio de Janeiro para a igreja da pedra. A música da Penha foi, no passado, um dos pontos altos de sua popularidade e todo bom folião sabia que, entre as petecadas, «peladas», pique-niques e romarias, surgia o grande sucesso do Carnaval seguinte.

Os «donos» do Carnaval dos bons tempos deixavam a boemia da Lapa ou do Estácio, para testar o valor do samba no arraial, naquele tempo tão distante quanto moroso era o trem, único meio de transporte.

Até Noel Rosa deixava Vila Isabel com seus companheiros para entrar no duelo das músicas, que foi desaparecendo com o passar dos tempos, morrendo com a própria Festa da Penha, depois entregue ao desprestígio nas mãos de desordeiros.

Almirante, Lamartine Babo, Pixinguinha e muitos outros, boêmios e admiradores das coisas populares, são até hoje saudosistas da velha Festa da Penha, dos passarinhos recheados com balas, das flores e dos colares havaianos. E até a própria Penha, com seus 300 anos de lembranças e esquecimentos, sabe disso e sente a necessidade de reviver. Quando o *Jornal do Brasil*, com sua rádio e seu prestígio, se lança numa campanha, contando com a boa vontade e o patrocínio das «Lojas Palermo» (que dará os prêmios), pode-se prever que algo de novo está para acontecer: o esplendor do passado vai ressurgir na Penha de hoje.

◇ **NAQUELE TEMPO...** — O subúrbio da Leopoldina não existia, era apenas uma zona esquecida ao largo da Guanabara, e já os romeiros viajavam de barcos, carroções enfeitados, ou a pé, cantando e bebendo pelos caminhos e depois pela estrada, que o imperador mandou construir para ir a Petrópolis.

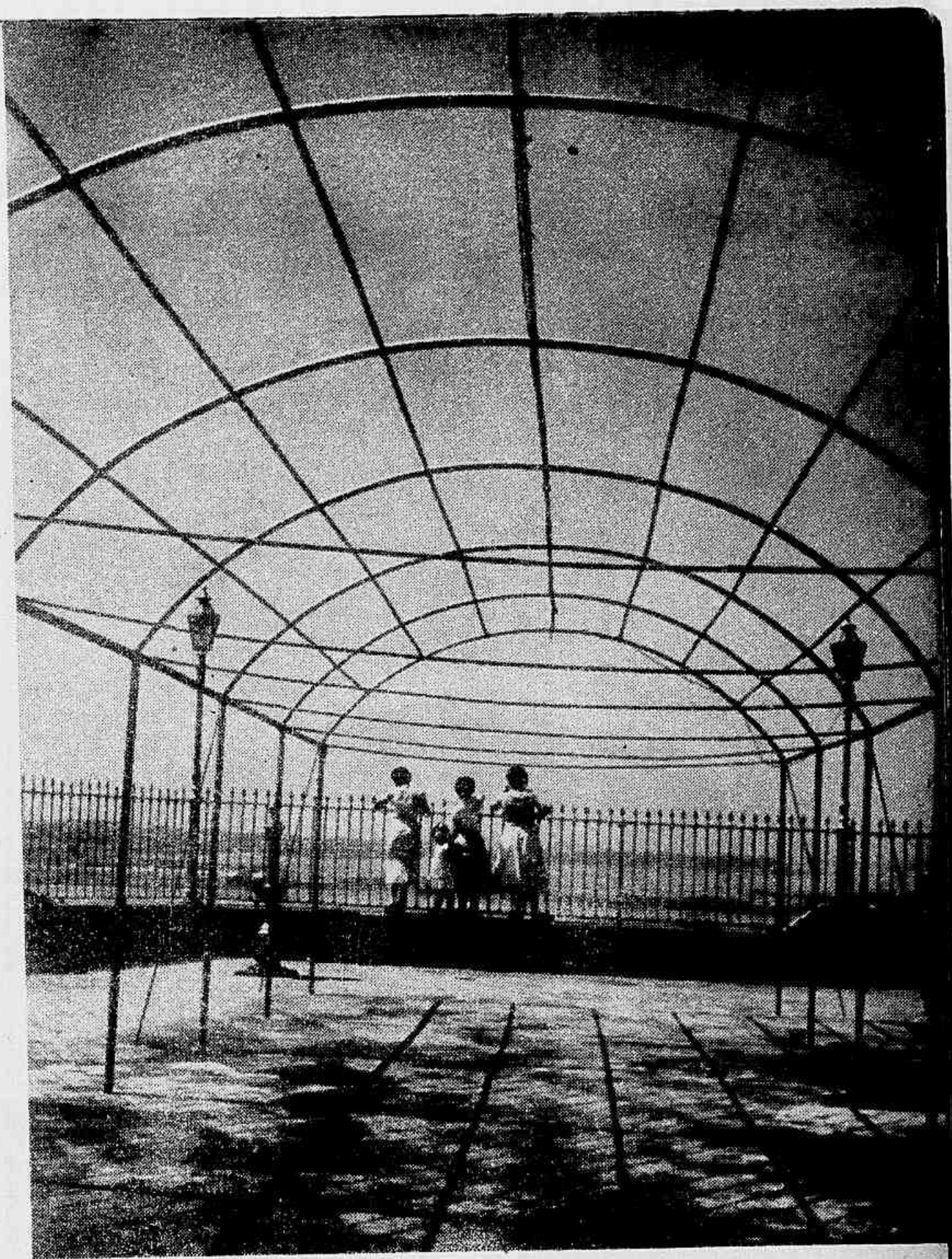
A bebida sempre foi parte da festa, responsável por parte da frequência. Sua aliada era a música. O outro grupo que não gostava da bebida, mas pelo menos apreciava a música, viajava à Penha chamado pelos milagres da santa, que há 300 anos corriam de boca em boca. Quando até os milagres foram esquecidos e só lembrados na galeria enorme de agradecimentos da Casa dos Romeiros, primeira igreja na subida da Penha, quando a música desapareceu, ficou a bebida e com ela veio o desprestígio.

Deixando de ser uma «sesmaria», enorme faixa de terra que ia de Inhaúma a Vigário Geral, a Penha deu campo para o subúrbio, que foi progredindo e transformado em bairros (como os moradores gostam que sejam chamados) bonitos como Higienópolis, Ramos, Vila Kosmos e outros. Tudo no subúrbio era Penha, hoje os suburbanos apenas olham a igreja do morro, com orgulho mas sem ânimo para chegar até lá, devido à falta de cuidado e esquecimento do Departamento de Turismo da Prefeitura.

◇ **LUZES DA PENHA.** — Em 1635 a igreja da Penha era menor, mas já existia no penhasco, onde aparecera milagrosamente a imagem até hoje venerada. De lá até os nossos dias muitas modificações foram



cima. A vista é bonita, o casa-
vê (e esquece) os problemas



No pátio em frente à igreja, os romeiros descansam da
subida e olham a cidade. Nos dias de festa, muita gente

EM OUTUBRO E O SUBÚRBIO DAVA À CIDADE UM MÊS DE FESTAS: AGORA OS BONS TEMPOS VÃO VOLTAR

Fotos do JORNAL DO BRASIL

feitas e já os turistas recém-chegados ao Galeão descem dos «Constellations» ansiosos por ver a Cidade Maravilhosa, com o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e Copacabana. Mas o que primeiro podem ver, mesmo antes de sentir o cheiro pouco recomendável de Manguinhos, é a igreja brilhando na Penha, com 5.400 lâmpadas mostrando o seu contorno e fazendo-a a mais bem iluminada do mundo.

A Penha tem um parque grande e arborizado. Antes do parque, uma praça mal tratada e um cinema que dizem ser o maior do Rio (São Pedro). Depois do parque a Casa dos Romeiros, a Escola Cardeal Câmara e os 365 degraus que sobem à igreja. Nos dias comuns quase ninguém se lembra do parque. Nem mesmo os suburbanos, porque ele nunca foi bem tratado, devido à falta de meios da irmandade e ao descuido da Prefeitura. Nos dias de festa todos vão ver a santa ou passear. O parque de diversões faz função o dia inteiro e os barraqueiros vendem petecas e balões de ar.

◇ **O PATRONATO.** — Passados os dias de festa tudo volta a ficar como antes e até o padre Isaac, capelão da Igreja, compreende a necessidade de transformar o parque numa «Quinta da Boa Vista» suburbana. Mas a Irmandade não pode gastar o dinheiro assim. Há um projeto, já aprovado, para a construção de um patronato, o mais moderno do Brasil, um ginásio e uma escola, tudo avaliado em 36 milhões de cruzeiros. Também um restaurante e três platôs estão previstos, assim como a doação de 18 metros de terreno à Prefeitura para tornar maior a praça do Largo da Penha.

◇ **REVIVENDO.** — Nos últimos anos, a Penha retomou parte do seu brilho antigo, voltando a ser quase o que era. Em 1956 a iluminação da Igreja chamou muita gente que foi e notou falta de alguma coisa. Os saudosistas perguntaram pela música. Música que agora parece ressurgir. Criando o «Festival da Penha», o **Jornal do Brasil** pode fazer voltar à Penha de hoje o esplendor do passado.

O concurso da rainha da Festa da Penha, reunindo representantes dos principais clubes e candidatos independentes, dará um novo brilho à festa, principalmente no desfile e coroação, marcados para o último domingo de outubro. O concurso dos conjuntos regionais será o ponto mais característico da Penha antiga. Os homens se reuniam em grupos e rumavam tocando e cantando as melodias da época.

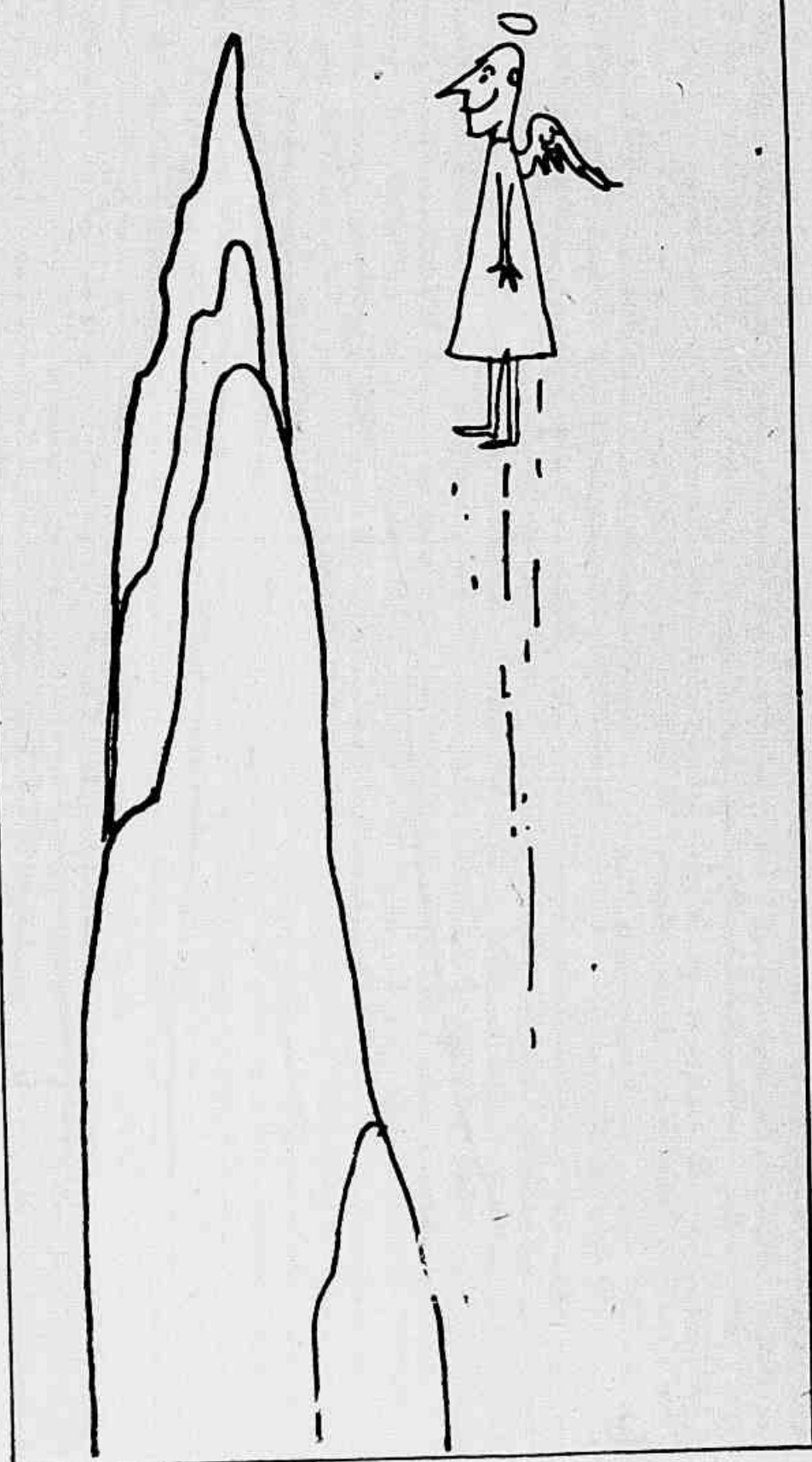
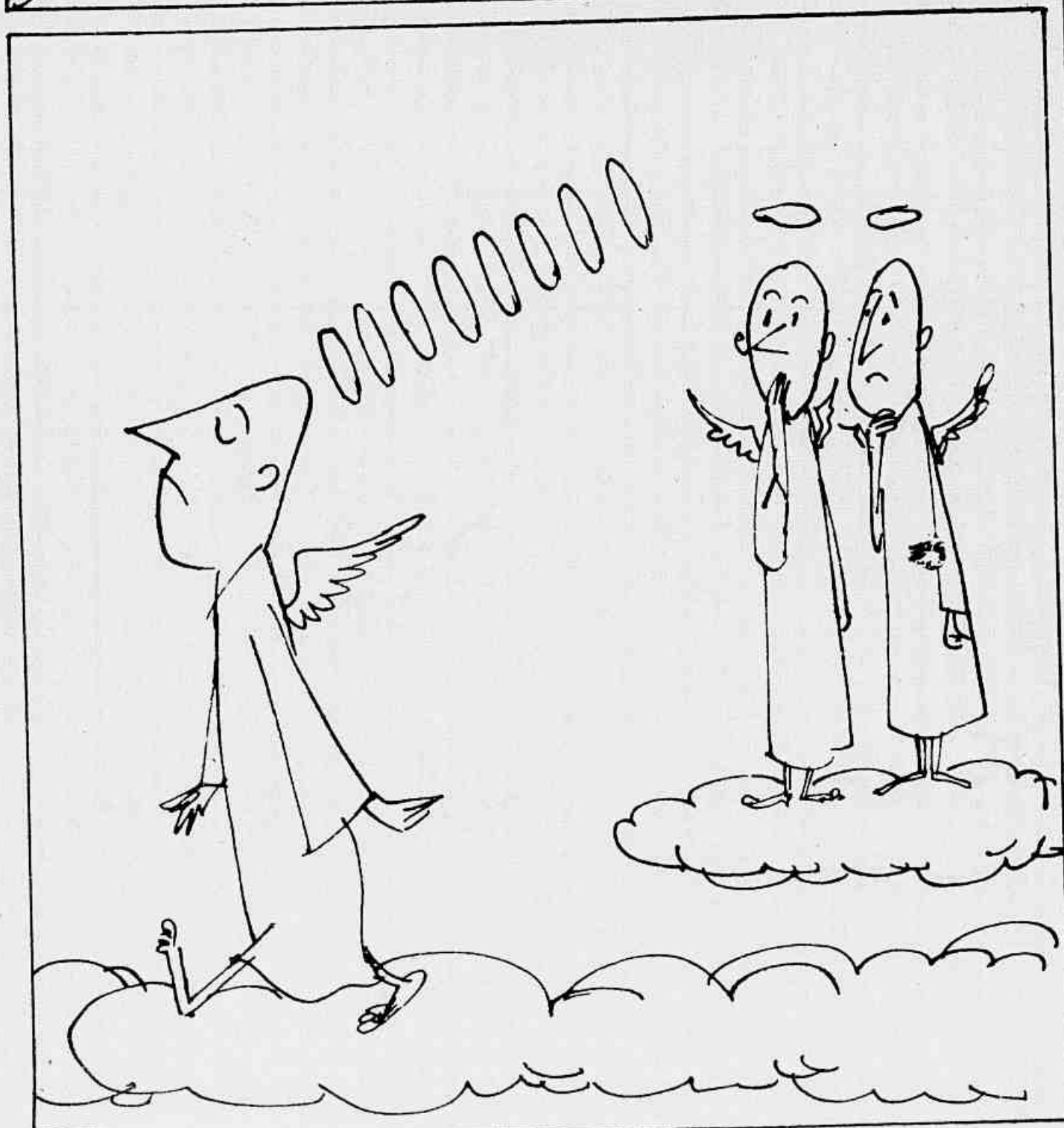
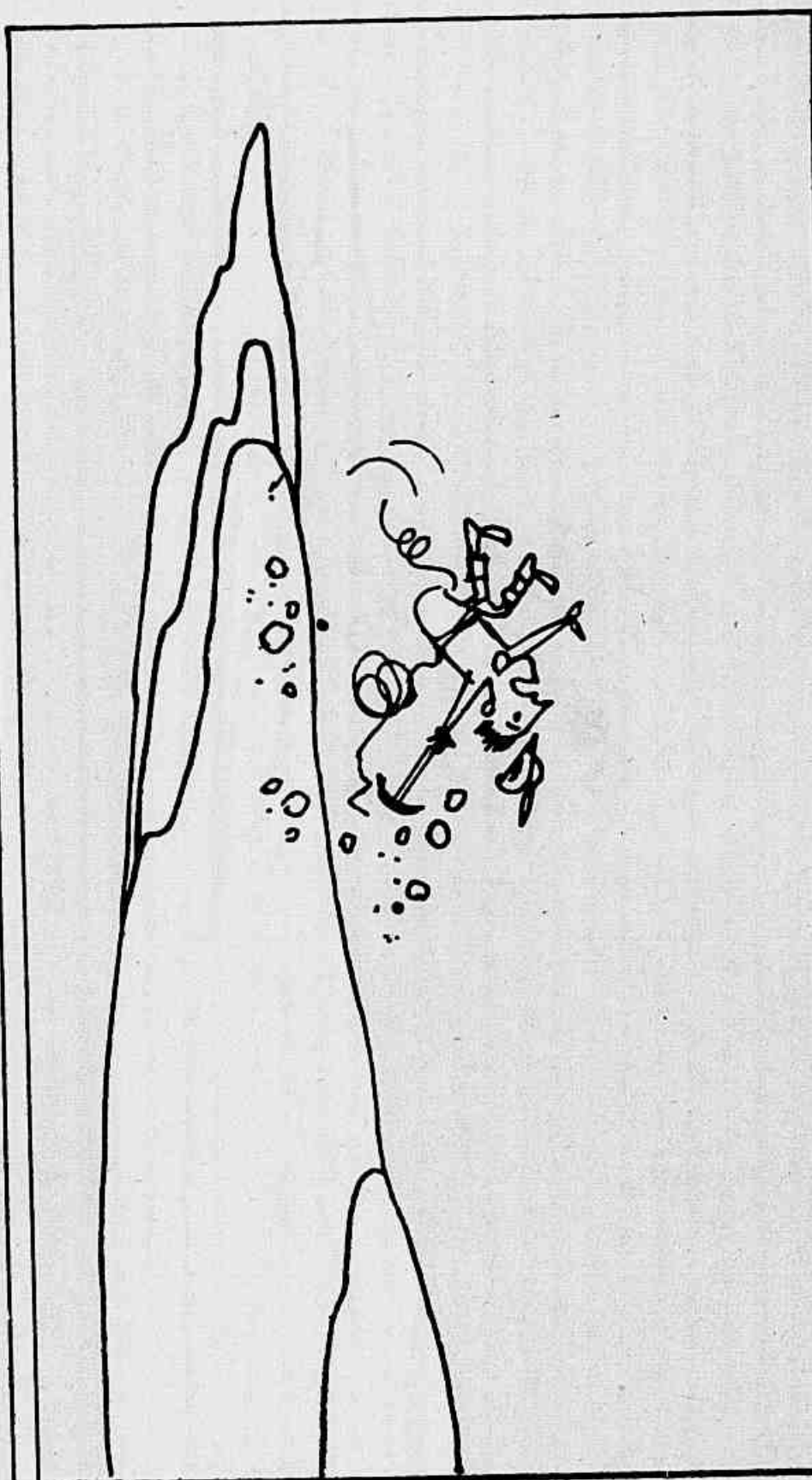
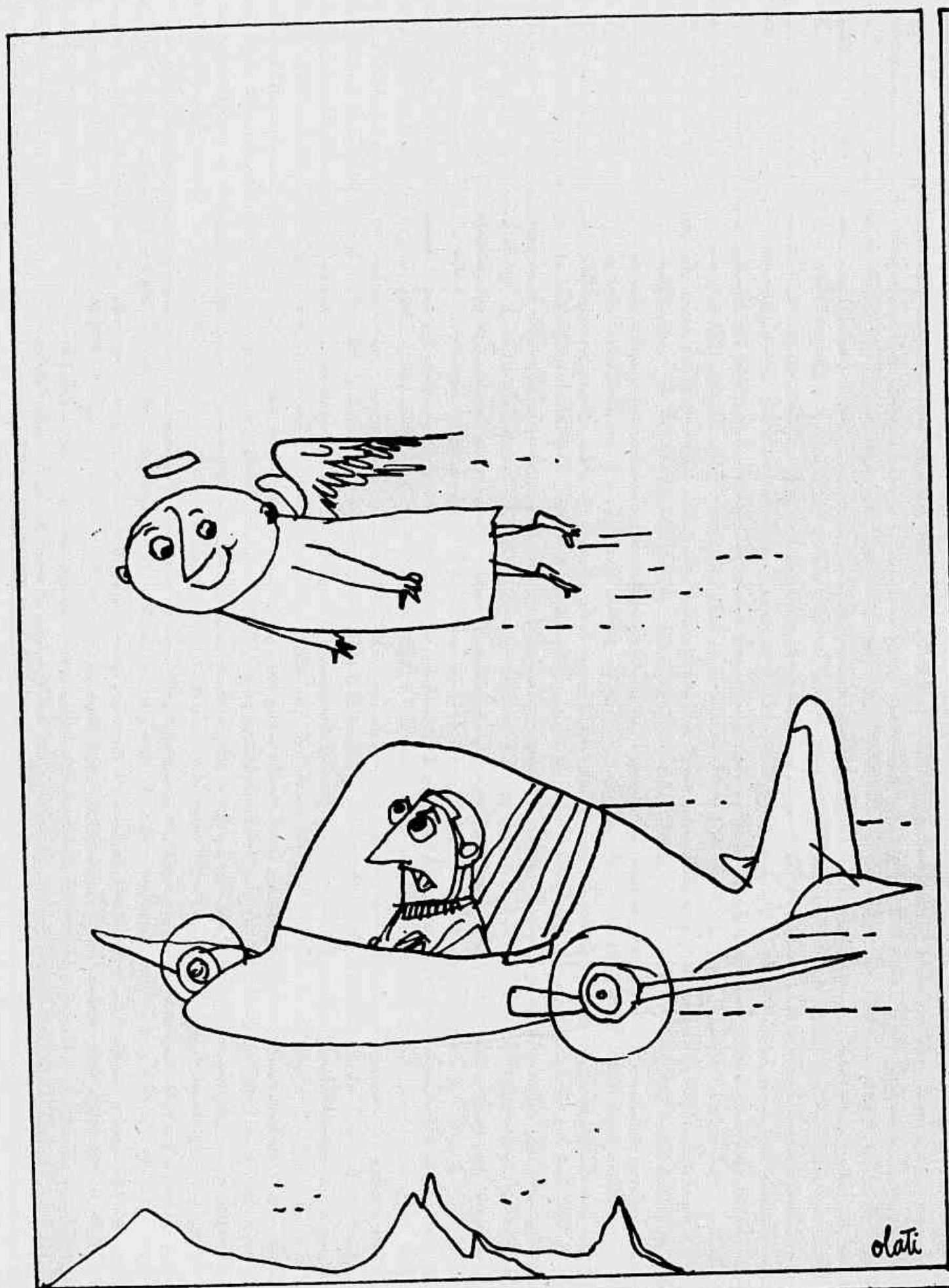
A procissão de Nossa Senhora da Penha, com a imagem verdadeira percorrendo os subúrbios, desde Ramos até a Penha, é o ponto alto das festividades religiosas, capaz de levar toda uma cidade ao subúrbio, no terceiro domingo de outubro. O programa, que conta com uma corrida rústica e a exibição da turma da velha guarda, terminará com o concurso de música popular brasileira que está despertando grande interesse entre compositores profissionais e amadores.

Músicas exclusivamente populares, compostas especialmente para a apresentação na Penha, levam ao combate nomes famosos como «Braguinha», Rômulo Pais, Herivelto Martins e outros desconhecidos completamente do povo. Assim, a Penha vive dias de expectativa e o subúrbio irá testar a grande transformação. Uma transformação que há muito pedem os saudosistas, isto é, a volta ao passado, fazendo da Penha uma festa e tradição do presente.

ANJOS

OLATI





a viúva que sabia demais

NÃO existia motivo real para o senso de culpa que dominava Beatrice Samples, mas o caso é que ela o alimentava. Não fôra por sua culpa que, três anos antes, o marido morrera afogado durante uma pescaria. Mas, acaso ela não podia ter impedido que ele fôsse pescar? Ela sabia que ele não era bom nadador. Não devia ter-lhe chamado a atenção?

Depois, dois anos mais tarde, quando o filhinho Jimmie, de oito anos, fôra atropelado e morto por um caminhão, ela de nada teve culpa. No entanto perseguiu-a a pergunta: «Eu devia ter tomado mais conta dele, não?» Se tivesse ensinado o menino a ser mais cuidadoso, se tivesse dado conselhos para nunca atravessar a rua sozinho, não teria impedido que ele morresse? Talvez a tragédia que parecia segui-la fôsse um julgamento divino, para puni-la de alguma coisa que fizera no passado. Se assim era, precisava aplacar a justiça tão severa, protegendo, ao mesmo tempo, os três filhos que lhe restavam. Como conseguir isso? Ora, podia dedicar-se a obras religiosas; iria para o meio daqueles que haviam perdido a graça e tentaria trazer os pecadores para o caminho do bem.

Quando a bela viúva de 33 anos foi encontrada assassinada em sua residência em Fulton, County, Georgia, nos arredores de Atlanta, no dia 30 de agosto de 1949, os detetives não tardaram a descobrir que tinha sido o senso de culpa o causador de tal morte.

NO entanto, quando os detetives do Chefe de Polícia Neal Ellis chegaram ao local do crime, não havia indícios de tal complexo como motivo. Na verdade, não encontraram pista nenhuma. Naquela manhã, uma vizinha, com quem a sra. Samples se dava, reparou que a porta da frente estava meio aberta. A princípio batera, depois entrara, encontrando o cadáver. E chamou a polícia.

A sra. Samples estava numa chaise-longue, os cabelos escuros espalhados sobre o travesseiro. Dir-se-ia que estava dormindo se não fôsse um furinho — como o sinal de casta dos hindus — na testa. Nenhum sinal de luta. Não lhe tiraram os anéis nem o relógio-pulseira. A roupa não parecia repuxada. O motivo não fôra roubo nem tentativa de estupro. Tudo

indicava que Beatrice conhecia ou mantinha relações amigáveis com seu matador até momentos antes do tiro fatal. Nem sinal da arma. Quem seria o visitante da viúva? Duas probabilidades. À luz escassa do distante lampião, da rua, a vizinha que encontrara o corpo tinha visto duas pessoas chegarem à porta de Beatrice Samples na noite anterior. Uma delas era um homem alto, moreno e magro. A outra era uma mulher, baixinha e apressada, de cabelos ruivos. Chegara depois do homem ter saído e ficara uns segundos apenas. O homem fizera visita mais longa; a vizinha vira-o sair.

A irmã da sra. Samples, que morava a poucas milhas dali, deu mais algumas informações. Beatrice a tinha visitado na tarde anterior, deixando as três filhas pequenas com ela, para passarem a noite. Nada tinha de extraordinário esse fato, pois isso já acontecera diversas vezes. Mas, nas primeiras horas da noite, um homem com quem Beatrice marcara encontro, aparecera procurando-a. Era alto e moreno. Ela não o co-

nhecia, e Beatrice não o apresentou. Mas saiu com ele e afastou-se num cupê preto, um Ford.

A pequena casa em que a sra. Samples morava forneceu duas outras pistas. A primeira, um bilhete, em caligrafia masculina, que dizia: «Irei vê-la em breve, muito em breve.» E estava assinado: «Valor». Outra, era um livro de endereços, no qual estavam anotados os nomes de sete homens. Mas nenhum deles se parecia com «Valor». Foi com aqueles sete homens que os detetives souberam da mania de Beatrice Samples tentar reformar todos os homens que conhecia. Apesar dos sete protestarem inocência em tudo, com pequenos defeitos como bebidas e farras — e talvez cobiçarem os encantos da linda viúva amável — todos declararam que Beatrice apenas desejava «reformá-los». E quando insistiam que não precisavam corrigir-se de nada, ela teimava. Nada mais natural que tal tática

depressa os fizesse perderem o interesse. Nenhum deles via Beatrice há uma semana ou mais. Todos sete apresentaram alibis perfeitos para a noite do crime.

FOI no centro de Atlanta, cidade para a qual se mudara Beatrice sete meses antes, que os detetives encontraram a resposta. Ali, informou a ex-senhoria da viúva, Beatrice continuara com as táticas de reformar alguns homens. Um desses era um sujeito chamado John Carrigan, que morava num hotel residência, do outro lado da rua. E Beatrice saíra com ele diversas vezes, num cupê Ford preto, que ele tinha.

Carrigan tinha longa ficha na polícia, inclusive condenações por furto e por fuga da prisão. Achava-se em liberdade sob fiança, aguardando a decisão de novo julgamento por acusação de ter roubado um carro. A letra dele, no registro do hotel, era igual à do bilhete achado na casa de Beatrice e assinado «Valor». Por intermédio do fiador que pagara a fiança de Carrigan, a polícia seguiu o suspeito até a nova residência, para onde se tinha mudado após recente casamento. Empregando o método de escuta das telefonemas, os detetives ouviram quando Carrigan dizia à sua mulher que iria para casa «assim que dividirmos o dinheiro». E quando ele chegou, os detetives o esperavam. Com ele encontraram o revólver de calibre 32, que matara Beatrice Samples e mais 6,200 dólares em notas cujos números de série provavam terem sido roubados num assalto ao banco, dias antes. Os quatro assaltantes tinham fugido no carro de Carrigan — o cupê Ford preto.

Os outros três assaltantes foram presos e, posteriormente, condenados. A vizinha que vira Carrigan em casa de Beatrice e a irmã de Beatrice, em cuja casa ele fôra procurar a viúva assassinada, reconheceram-no logo. Diante de tantas provas, ele confessou. Fôra exatamente como os detetives tinham pensado. Beatrice sabia muita coisa sobre o projetado assalto ao banco, e ele ficara com medo que ela os denunciasses. A ruiva que também visitara Beatrice naquela noite? Nunca souberam quem era. Talvez uma simples visita, que encontrara Beatrice morta e fugira apavorada. Ou, talvez, viera para dar aviso à viúva.

A RUIVA
NÃO CONSEGUIU
REFORMAR OS AMIGOS
— E UM DELES
TORNOU-SE
ASSASSINO.

Por NORMAN ABBOTT

DOS ARQUIVOS DO CRIME

JORNAL DA REVISTA

General Kruel:
Polícia ostensiva,
único meio para
combater o
crime no
Distrito Federal



DESARTICULADO O ESTADO MAIOR DO CRIME
A HUMANIDADE ESTÁ FICANDO RADIOATIVA
SANTA CATARINA TAMBÉM FAZ CINEMA



GENERAL KRUEL

SEGUNDO O CHEFE DE POLÍCIA, COM AS RECENTES ELIMINAÇÕES ESTÁ DESARTICULADO O ESTADO MAIOR DO CRIME — NÃO PODERIA RECEBER «BITINHA» DAS MÃOS DE PARTICULARES — CUMPRIU A PROMESSA FEITA — NECESSITA VERBAS PARA COMBATER OS MELIANTES — DUAS PALAVRAS (NOSSAS) AO GENERAL KRUEL

Reportagem de HÉLIO POLITO

◆ O General apareceu elegante e satisfeito. Com um sorriso largo cumprimentou, um a um, os jornalistas da sua Sala de Imprensa e convidou a todos para sentar-se em volta a si. Há quatro dias que vinha freqüentando a ante-sala do Gabinete, voltando a redação, no fim do primeiro expediente, com a promessa de que «talvez à tarde fôsse possível a entrevista». Mas a noitinha a resposta também era desfavorável: «Lamento muito. O sr. sabe, o General não gosta de dar entrevista. Porém se quiser pode vir e tentar amanhã» — adiantava o ajudante de ordens. Paciência e perseverança são duas qualidades indispensáveis a um repórter, e que também possuímos, felizmente. Nada portanto nos faria desistir do nosso objetivo. Havia porém uma outra razão (oculta até àquele momento) que fazia o General Krüel protelar o seu pronunciamento à imprensa. Sentia-se a ansiedade da polícia, em liquidar o elemento considerado o mais perigoso de que todos os outros, já capturados. Fuzilado este («Buck Jones»), na noite anterior a esta entrevista, o General achava-se em condições de enfrentar as perguntas muitas vezes indiscretas dos repórteres. Daí a sua satisfação e euforismo, até certo ponto indistigável, quando nos disse:

— Havia declarado, aqui mesmo nesta sala, que em 15 dias seria desbaratado o Estado Maior do Crime, no Rio de Janeiro. Lógico, não poderia afirmar que depois deste prazo, não haveria mais assaltos ou homicídios, no Distrito Federal. Mas quando aqui chamei os meus auxiliares, responsáveis por este setor de policiamento, vi na fisionomia de cada um deles, que poderia garantir a captura dos principais meliantes sem correr o risco de estar fazendo um pronunciamento leviano. Tenho razões para acreditar que, com a eliminação de «Buck Jones» a captura de Plínio e o recolhimento de «Bitinha», estejam realmente sem comando os principais bandos que intranquilizavam a população carioca. Atribuo o êxito dessas diligências à descentralização de alguns setores especializados, bem como à ordem que transmiti, para que reagissem enérgicamente, atirando se preciso fôsse, contra aqueles que teimarem em não respeitar a lei, entregando-se pacificamente, quando procurados pelas autoridades. Os senhores Deputados prometeram prioridade na votação de determinadas verbas com que poderei enfrentar certas providências indispensáveis, como sejam: construção de um novo depósito para presos (Rua Frei Caneca), melhor aparelhamento da Rádio Patrulha (aquisição de maior número de veículos), e aumento do efetivo de pessoal para melhor policiamento.

— Poderia nos dizer quais as zonas de maior índice de criminalidade? — perguntamos.

— Seria difícil responder com exatidão por que elas variam. Às vezes Copacabana lidera tristemente as estatísticas, tempos depois esta má fama cabe aos subúrbios, para logo depois os números apontarem o Estado do Rio como palco dos principais crimes e assaltos.

Lamentável dizer, mas a verdade é que do SAM tem saído a maior parte deles.

— Porque não é feita uma modificação de base, nos métodos adotados pelo Serviço de Assistência aos Menores? — indagamos.

— Como o sr. não desconhece, isto foge a minha responsabilidade, de vez que este serviço está diretamente subordinado ao Ministério da Justiça. Poderia tão somente dar a minha colaboração e, assim mesmo, quando solicitada.

— Soubemos que V. Excia. teve uma importante reunião com os Senadores e gostaríamos que nos adiantasse alguma coisa a este respeito.

— Realmente compareci ao Senado a convite da Comissão de Justiça. O que lá foi tratado não constitui nenhum segredo. Solicitei dos ilustres Senadores a criação de um Tribunal Especial que, funcionando juntamente com a polícia, pudesse julgar e decidir com rapidez, sobre as contravenções corriqueiras. Com os métodos atuais (a Justiça repetindo os interrogatórios da mesma forma que o faz a polícia) teremos apenas uma duplicidade de serviços e, conseqüentemente, maior demora nos julgamentos, sem falar nos ônus para o Estado. A lentidão atual com que se arrastam os processos serve apenas de estímulo àqueles que trilham os caminhos da contravenção e do crime.

— Mais duas perguntas, General: a polícia sabia onde estava homiado o «Bitinha», e não deu maior importância para detê-lo, certa de que o repórter de um vespertino carioca o entregaria no Presídio, ou não teve meios, realmente, para localizá-lo? Quais as providências para garantir, em definitivo, maior segurança à população do Distrito Federal, contra os marginais?

— Na realidade sabíamos que «Bitinha» estava escondido no Estado do Rio. Disto tínhamos certeza. Quando tivemos conhecimento de que se entregaria, aguardamos que ele fôsse apresentado ao Presídio, através da autoridade judicial, ou à polícia, através do Delegado do Estado do Rio. Naturalmente sem afrouxar o cerco que vínhamos mantendo em torno dele, há vários dias. Sobre as providências necessárias a restituir as garantias de que necessita o habitante de uma cidade como o Rio, só existe um meio: o policiamento ostensivo, nos morros, nos subúrbios, nas ruas, em qualquer parte. Enquanto a Câmara não aprova as verbas pedidas, faremos o que estiver dentro de nossas possibilidades, com a ajuda da Polícia Militar, representada pelos Cosme e Damião.

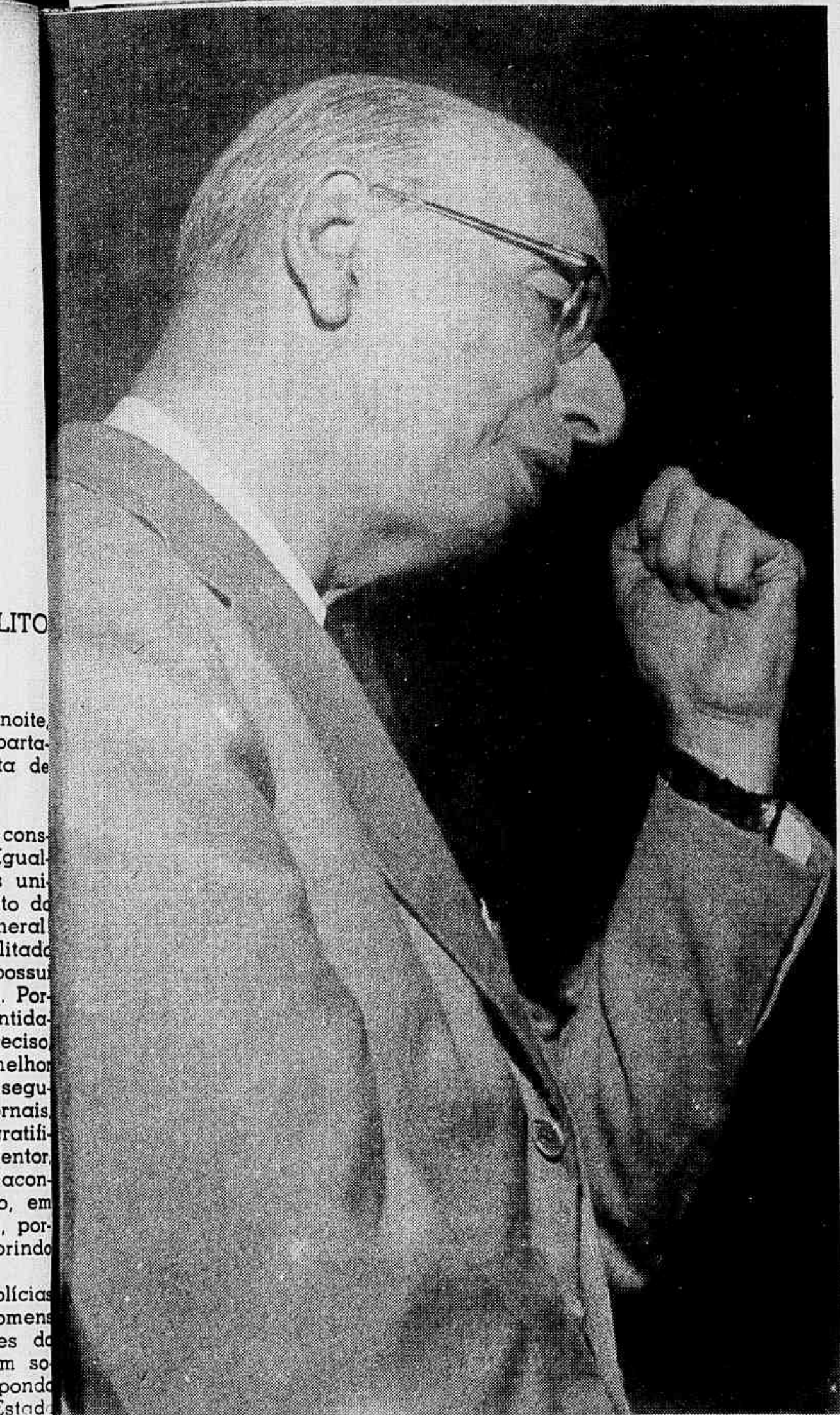
Este foi o nosso primeiro contato com o General Amauri Krüel. E devemos dizer que saímos da entrevista, de certo modo, satisfeitos. Mas o que sentimos é que o mal dos administradores brasileiros esteja também atacando o probo militar. A primeira resposta de um encarregado por qualquer setor da vida pública nacional, é de que «lhes faltam meios, e as verbas são insuficientes». Isto mesmo ouvimos

do sr. Negrão de Lima, quinta-feira à noite, pela televisão, alegando que alguns Departamentos da Prefeitura queixava-se da falta de funcionários...

Concordamos quanto à necessidade da construção de um novo depósito de presos. Igualmente admitimos a necessidade de novas unidades para a Rádio Patrulha. Mas aumento do quadro de funcionários? Paciência, General. Vamos evitar mais esta sangria ao debilitado Brasil. Todo mundo sabe que o Rio possui quase duas dezenas de polícias diferentes. Por que não unificá-las? Além do mais, quantidade nem sempre quer dizer eficiência. É preciso, isto sim e urgentemente selecionar melhor estes homens responsáveis pela nossa segurança. Quantas vezes não lemos nos jornais, com tristeza, que o policial tal recebia gratificações polpulas de determinado contraventor, de um bicheiro, por exemplo. Isto pode acontecer e acreditamos que aconteça mesmo, em outras especializadas. Necessário se torna, portanto, o expurgo desses elementos, cobrindo suas vagas com outros sadios.

Com a unificação de comando das polícias civil, militar e especial, V. Excia. teria homens de sobra, para policiar até duas cidades do tamanho do Rio de Janeiro. Tudo isto sem sobrecarregar os magros cofres públicos e pondo a trabalhar muita gente que ganha do Estado para não fazer nada!





Liberdade com responsabilidade para o rádio e estações de TV

♦ Consubstanciado em 26 artigos, mas com uma justificação de mais de 100 páginas, o deputado Prado Kelly redigiu um projeto para regulamentar o funcionamento das estações de rádio e televisão, a pedido da direção da UDN. Ao que se sabe, o projeto estabelece um sistema de controle livre de injunções políticas ou da chefia governamental, na base de "liberdade com responsabilidade". O projeto deverá ser apresentado esta semana na Câmara dos Deputados. O Governo, entretanto, já se manifestou contrário a qualquer alteração no atual "sistema constitucional de controle da radiodifusão", de acordo com a portaria do Ministério da Viação que disciplina a matéria.



John Kasper e Ezra Pound

♦ Quando era maior a tensão racial em Little Rock, um jovem imberbe, muito magro e um tanto desajeitado apareceu na cidade e subindo a tribuna improvisada conclamou o povo a resistir a qualquer preço a integração racial. "Se fôr preciso — disse — usaremos isto": e mostrou uma corda com um nó — era John Kasper o "cruzado ambulante" da segregação racial mostrando uma força para os negros que ousassem invadir as escolas brancas de Little Rock. Em Washington, o poeta Ezra Pound sorria, internado num hospital para doentes mentais. Se sair dali será julgado por 19 acusações de traição à pátria por ter colaborado com os fascistas. Não está longe o dia em que Kasper cruzou àquelas portas e ouviu, embevecido, a dialética de Pound. "Foi a maior emoção de minha vida" — confessou. E desde então, como se fôsse um cruzado, John Kasper percorre os Estados Unidos lutando contra a integração racial.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPATICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, é o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.



INSTITUTO BIOLOGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

POR ESSE MUNDO DE DEUS

★ NOVA IORQUE

No dia 25, pela primeira vez na história da Escola Secundária de Little Rock, capital de Arkansas, alunos brancos assistiram às aulas em companhia de estudantes negros, enquanto em frente ao colégio, a Divisão 101 de pára-quedistas entrava em choque com turbas racistas semi-históricas, depois que o Presidente Eisenhower interveio no conflito federalizando a Guarda Nacional declarando que «a pedra de toque de nossas liberdades será mantida, não se permitindo que os abusos de uma multidão se imponham às ordens judiciais».

O conflito racial de Little Rock é o mais severo já registrado na luta pela integração escolar desde que a Suprema Corte considerou ilegal qualquer medida destinada a proibir a entrada de alunos de cor nas escolas norte-americanas. Este ano o conflito principal se deslocou de Clinton para Little Rock, com incidentes de menor gravidade em outras cidades sulistas.

Depois de três semanas de tensões e de desordens, com cenas de histerismo coletivo, ameaças, agressões e tentativas infrutíferas os 9 alunos negros conseguiram assistir às aulas na escola secundária de Little Rock. Resta saber se o boicote — mais de 700 alunos não compareceram às aulas — e outras medidas adotadas pelos próprios estudantes brancos não obrigarão os jovens negros a desistirem de cursar a Escola Secundária de Little Rock. A experiência malograda do Governador Orval Faubus servirá, aos governadores sulistas — que se reuniam em Sea Island quando — conflito, atingia seu clímax — para traçarem uma linha de conduta quanto ao futuro da integração racial em suas escolas; em virtude da determinação do Governo federal. Estes governadores já constituíram uma comissão que se avistará com o Presidente para uma ampla troca de pontos-de-vista sobre o problema racial no sul dos Estados Unidos.

★ BUENOS AIRES

— Sacudida por uma onda de greves, o Governo argentino transigiu e nomeou um representante, com plenos poderes para chegar a um acordo com os grevistas de comunicações. Ao que tudo indica o Governo concederá o aumento pleiteado pelos grevistas, ainda que isto signifique caminho aberto para outras classes solicitarem aumento.

★ LONDRES

— A Scotland Yard recusou-se a discutir a afirmação de um jornal londrino, onde se diz que um atentado contra a Rainha Elizabeth II seria perpetrado quando a soberana britânica visitasse os Estados Unidos e Canadá em outubro. A denúncia foi feita por Lady Patricia Fairweather que teria sabido do plano durante sua estada em Barcelona, Espanha.

★ LA PAZ

— As nações latino-americanas não estão satisfeitas com a orientação que o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial vêm dando aos pedidos de empréstimos das 20 repúblicas latino-americanas. A América Latina deseja, sobretudo, decidir sobre a prioridade dos projetos de financiamento, atualmente a cargo da direção dos dois organismos. Além disso, a Bolívia acusou o Banco Mundial de condicionar um pedido de empréstimo ao pedido de indenização, decorrente da nacionalização das minas de estanho.

★ BUENOS AIRES

— Mais de 1.300 refugiados brasileiros chegaram ao território argentino da província de Misiones, depois de incendiarem e depredarem os escritórios da Companhia de Colonização Agrícola Brasileira em Santo Antônio, quando esta tentou aumentar seus aluguéis, alegando maiores impostos fiscais. Os agricultores se rebelaram e entraram em choque com os representantes da CITLA. O Governo da província de Misiones destinou a soma de 100 milhões de pesos para subvencionar as necessidades mais urgentes dos refugiados, enquanto dois enviados militares do Brasil chegavam a região para investigar a situação.

★ MOSCOU

— A Agência Tass admitiu, pela primeira vez, que um dos famosos «planos quinquenais» soviéticos é demasiado ambicioso para ser realizado no prazo estipulado pelo Conselho de Ministros. O plano deverá, assim, ser terminado em 7 a 8 anos.

Renovação no partido conservador S Inglês

♦ A vitória do candidato trabalhista nas eleições parciais de Gloucester, somada a crescente perda de prestígio dos conservadores, obrigou o Primeiro-Ministro Harold Macmillan a uma renovação em seu gabinete e na direção do Partido Conservador.

Lorde Hailsham, novo presidente do Conselho, é considerado um orador de grandes recursos e capaz de polarizar todas as alas conservadoras e, ao mesmo tempo, popularizar o partido em todas as classes. Por outro lado, a elevação da taxa de juros bancários de 5 para 7%, além de outras medidas para conter a inflação, anunciadas pelo Ministro da Fazenda, Peter Thorneycroft, causaram viva sensação nos círculos financeiros britânicos. A elevação da taxa além de provar retração do crédito, aumentará os preços dos produtos. As medidas foram consideradas tão ousadas que o líder trabalhista, Hugh Gaitskell pediu que o Parlamento se reunisse imediatamente para debatê-las. Entretanto, o pedido foi rejeitado por Macmillan que achou a convocação extraordinária desnecessária. O Parlamento se reunirá em outubro, no período normal, quando as medidas financeiras já tiverem produzido seus efeitos.

Agricultura e fome

♦ O último relatório da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas assinala que a produção agrícola para a América Latina, no período de 1956-1957, aumentou em 3%, aproximadamente, mas que o ritmo de crescimento da população foi tão rápido que o aumento, por habitante, foi reduzido e continua sendo inferior ao nível de antes da guerra. Depois de assinalar que a produção teria registrado um índice maior não fosse as secas, o relatório afirma que a produção cafeeira do Brasil decresceu em 20% em relação a produção do ano passado, a maior do período de pos-guerra. Revela ainda que a procura, nos mercados internacionais, de artigos alimentícios e matérias-primas agrícolas deve se manter firme com uma ligeira tendência para aumentar.

O relatório revela, por fim, que a redução dos lucros aos benefícios de exportação, a inflação e, às vezes, certos fatores políticos, foram as principais influências limitadoras do ritmo de desenvolvimento, na América Latina. A Organização das Nações Unidas confirma a maior elevação do índice de nascimentos em relação ao da produção, colocando a humanidade diante do espectro da fome.



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



Loção XAMBÚ

DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO

LEIAM

EU SEI TUDO

CR\$ 10,00

Ha quasi
UM SÉCULO

MILHARES DE HOMENS
EM TODO O BRASIL
PREFEREM ESTE
CALÇADO

Calçado SOUTO

UMA
TRADIÇÃO
DE
ELEGÂNCIA
E
QUALIDADE

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

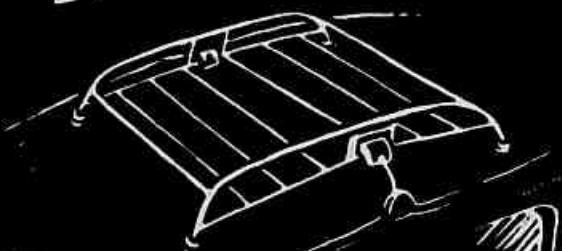
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

“Mil” lhe oferece:



**PORTA MALAS
SUPER LUXO
CROMADOS-PINTADOS**

REMOVIVEL - COLOCAÇÃO FÁCIL

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



A SEMANA EM REVISTA

★ Buscando uma solução para o conflito entre colonos e posseiros no sudoeste do Paraná, conferenciaram secretamente os srs. Nereu Ramos e Moisés Lupion. Em São Paulo está acontecendo a IV Bienal. Jânio, Ademar e Juscelino estiveram juntinhos na inauguração. Muita gente preferiu ir à Fazenda de Iolanda Matarazzo a ver a mostra de arte. A asiática pegou o Prefeito Negrão de Lima de jeito. Está de cama mesmo e não recebe visitas. Chega ao Rio Mis Universo e garante que não vestirá maiô. Na direção do Mundo Ilustrado, agora propriedade do Diário de Notícias o jornalista Joel Silveira. Está convocando a melhor equipe de repórteres da cidade. Morre o veterano cronista de turfe (Jornal do Brasil) Vale Júnior. Já há algum tempo que as páginas de turfe daquele matutino vinha sendo feitas por Oscar Vareda e Bolonha. Sexta-feira foi o dia dos velhos. Entregue ao professor Jaime Tiomo o Prêmio Moisés Santista de 1957, no valor de um milhão de cruzeiros, concedido ao maior cientista brasileiro do ano. A asiática ataca o Rio e já fez mais de 50 mortes. O dr. Nelson de Moraes, presidente da comissão da Gripe, declarou que vinte e cinco por cento da população carioca será atingida pela Síndrome. Jeff Thomas ganha a causa que manteve contra Ibrahim Sued. O programa de Televisão que Ibrahim mantinha a TV tinha o nome registrado anteriormente por Jeff. Desmentida pelas autoridades municipais a existência de epidemia ou ameaça de epidemia de febre tifóide ou de varíola no Distrito Federal. Mas a asiática é uma realidade: a equipe de basquete que treina para o campeonato mundial foi toda atingida. Exceção de Neuci e Marli. O resto de cama. O Dinamo de Moscou virá ao Rio jogar com o Vasco. Com essas notícias passou a semana.



BRÔTO DO SÉCULO — Marisa Allasio é a nova sensação do cinema italiano. Embora tenha trabalhado em vários filmes («Herói de Domingo», «Coração de Mãe», «Baile Trágico», «Mazzurella», «As Colégias», etc.) foi em «Brotos do Século» que se revelou como grande atriz e ingressou no estrelato. Marisa (que nasceu em Turim, há vinte anos) é esportista e os guardas de trânsito têm medo quando avistam seu «Alfa-Romeo» cinza-pérola. Porque os fãs também avistam, cercam-no e, enquanto há alguém que não ganhou autógrafo, o tráfego fica interrompido.



Humanidade radioativa

"Já não há ninguém no Mundo que não tenha absolvido elementos radioativos depois das explosões atômicas" — disse o cientista alemão Walter Hebst durante o III Congresso Internacional de Nutrição em Stuttgart. À esta afirmativa devemos reunir outras centenas, de quase todos os homens de ciência do Mundo, advertindo contra os perigos da radioatividade em conseqüências das explosões nucleares, inclusive a do austríaco Hans Thirring de que "100 mil pessoas poderão morrer, no futuro, em conseqüência de doenças leucêmicas ou cancerosas no sistema ósseo, resultantes das radiações provocadas pelas experiências atômicas já efetuadas". Já foram reveladas declarações dos maiores cientistas nucleares prevendo a humanidade contra a precipitação radioativa. Entretanto, estas advertências caem em ouvidos moucos. Os Estados Unidos, além das experiências ora em curso no deserto de Nevada, planejam realizar outras com bombas de hidrogênio de grande poder, enquanto a Inglaterra continua com as suas em Maralinga e a Rússia aperfeiçoa seus artefatos na Sibéria. Vale acentuar que as experiências não cessarão enquanto os Três Grandes não chegarem a um acôrdo sôbre o intrincado problema do desarmamento, atualmente em ponto morto depois de mais de 5 meses de negociações infrutíferas. Os cientistas já proclamaram a absoluta necessidade da suspensão das provas nucleares; mas os políticos estão surdos.

De 6 de Outubro

a 12 de Outubro

ASSIM SERÁ SUA VIDA

◆ PEIXES

(19 de Fevereiro a 20 de Março)

Excelente para receber amigos. Faça visitas. Um dia inteiramente favorável para você. Se sofreu algum contratempo agora a situação vai melhorar.

◆ ARIES

(21 de Março a 20 de Abril)

Trate de negócios. Seja cauteloso. Evite excessos. Faça planos com cautela. Não misture trabalho com prazeres.

◆ TOURO

(21 de Abril a 20 de Maio)

Economize. Domine os impulsos. Paciência e tolerância. Mantenha o trabalho de rotina em dia. Não assine documentos importantes. Não escreva cartas.

◆ GÊMEOS

(21 de Maio a 21 de Junho)

Evite atritos. Procure descansar à noite. Boas relações comerciais. Êxito financeiro. Novas aventuras coroadas de sucesso.

◆ CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

Ótimo para viagens. Trate de seus interesses sociais. Cuidado com os problemas financeiros. Confie em suas qualidades. Evite discussões.

◆ LEAO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

Procure a companhia de pessoas da família e de amigos. Você precisa de apoio. Deixe para a próxima semana as decisões mais importantes. Cuidado no amor.

◆ VIRGEM

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

Bom para escrever cartas ou visitar superiores importantes. Os amigos poderão ajudá-lo muito. Cuide de sua saúde. O importante deve ficar resolvido.

◆ LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

Evite aborrecimentos não comentando a vida alheia. Não se irrite com as pessoas amigas. Idéias novas vão ajudá-lo a resolver antigos problemas.

◆ ESCORPIAO

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

Examine tudo antes de assumir compromissos comerciais. Evite relações importantes com o sexo oposto. Bom senso agora é mais do que necessário. Faça compras.

◆ SAGITARIO

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

Aproveite a oportunidade para defender seus interesses. Não viaje. Evite questões pela manhã. Todas as tardes deste período são favoráveis.

◆ CAPRICÓRNIO

(22 de Dezembro a 19 de Janeiro)

Em evidência seu magnetismo pessoal. Cuidado com as irritações. Adie as atividades financeiras. Os problemas afetivos serão todos resolvidos.

◆ AQUARIO

(20 de Janeiro a 18 de Fevereiro)

Mostre-se paciente com as crianças. Diminua as despesas. Não insista em suas opiniões. Bom para o amor. Faça compras usando a cabeça.



VIÚVA NOEL ROSA (D. LINDAURA): FIQUEI ADMIRADA DE VER O VADICO FAZER ESSE PAPEL TRISTE APOIANDO

• Noel escondia os nomes dos parceiros? Esta a pergunta que voltou à discussão, depois de breve intervalo na polêmica iniciada por Flávio Cavalcanti e Vadico. Esta reportagem apresenta ao leitor (sem tomar partido) quatorze respostas. Duas — de Flávio e Vadico, este o parceiro que se julga escondido —

positivas. Doze negativas. Entre estas a da viúva do Poeta da Vila, de Almirante, de Aracaju, de Almeida, João de Barro (Braguinha), Henrique e Marília Batista e de outras grandes figuras do rádio que conheceram Noel. Tire o leitor, por si mesmo, a conclusão e tome o partido que julgar melhor.

Uma pergunta (é verdade que Noel escondia os co-autores de seus sucessos?) e 14 respostas

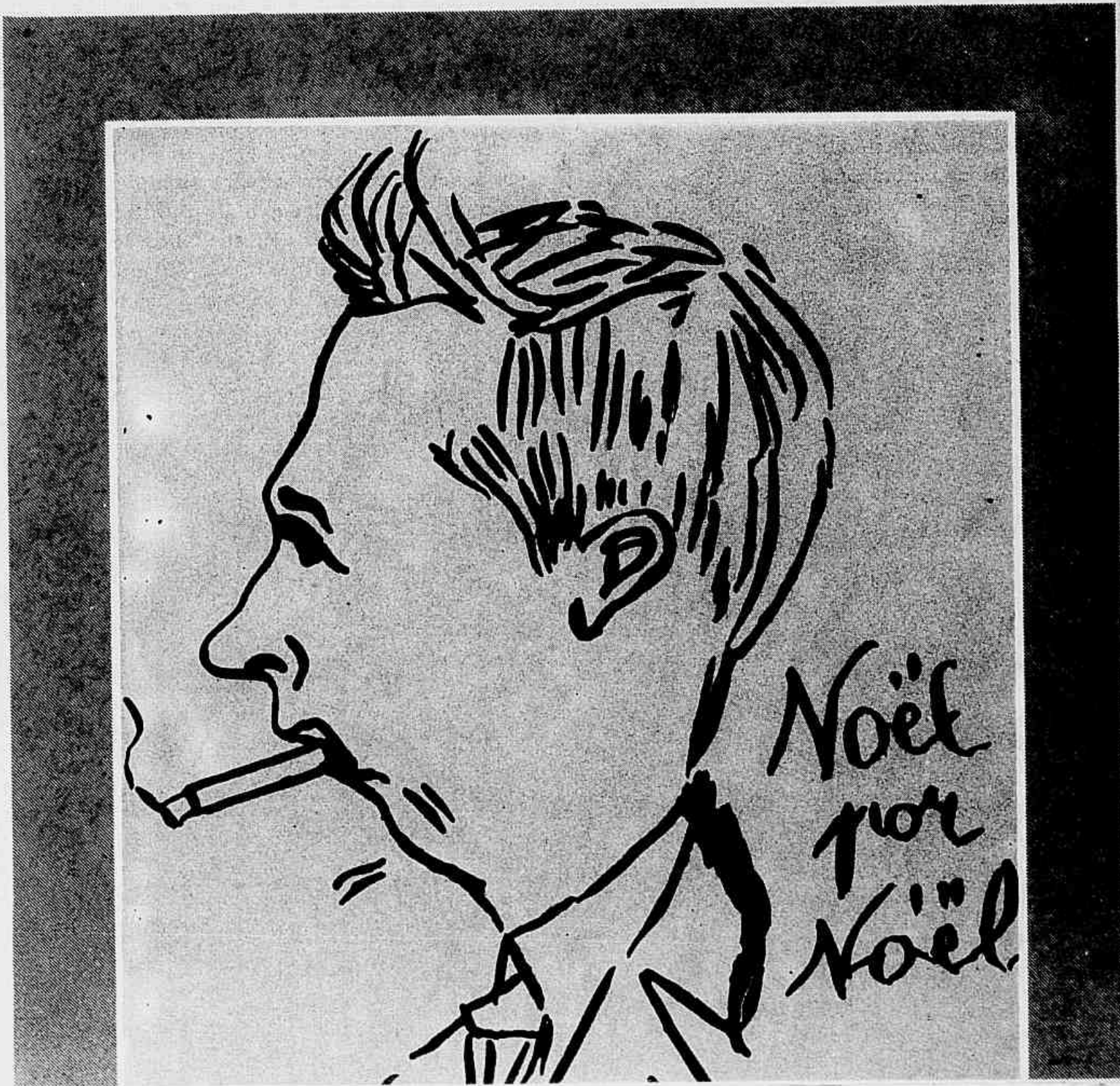
COM A MORTE DE NOEL ROSA SECOU A FONTE DA INSPIRAÇÃO DOS PARCEIROS



UMA CAMPANHA DESONESTA

Reportagem de
JEANETTE ADIB

Fotos de
A. VIEIRA e V. VASCONCELOS



"Por que os parceiros de Noel não fizeram mais nada de

◇ COMO SURTIU O «CASO» (Flávio Cavalcanti)

No dia 6 de maio último, quarta-feira, em meu programa de televisão «Um instante, maestro», levei como convidado especial, o compositor Vadico. Tratando eu, em meu programa, da música popular brasileira, tudo que a ela se refere é por mim abordado. Vadico é autor de lindas e inspiradas melodias, que atravessaram os anos transformadas pelo público em autênticos sucessos, e por isso mesmo, essas melodias de Vadico são consideradas verdadeiros clássicos de nossa música popular: «Feitiço da Vila», «Feitio de oração», «Conversa de botequim», «Prá que mentir» são melodias de Vadico. Injustamente vem ele sendo «esquecido» ou «omitido» ao serem lembradas suas composições, aparecendo somente o nome de Noel Rosa, como único autor das mesmas, pelo fato de Noel ter escrito os versos para essas canções de Vadico — versos muito bem feitos — é verdade, aos quais, no entanto, as melodias de Vadico nada ficam a dever. Esse esquecimento ou omissão vem desde o tempo de Noel Rosa, e o próprio Noel escondia, sempre que possível, a co-autoria de Vadico nessas composições.

Foram estas as minhas palavras. E aí começou a celeuma.

Almirante, a quem sempre admirei muito, investiu então contra minhas declarações neste programa, com recursos confusionistas, no elogiável e nobre objetivo de defender seu amigo Noel, e no dia 11 de maio, publicou uma entrevista em dois jornais desta capital, onde deturpou completamente as minhas palavras. Não contente com isso, acusou-me de levandade e sensacionalismo, e ainda mais, pretendeu desmentir-me quanto à veracidade de um documento que eu declarara ter existido nos cofres da gravadora Odeon.

Dessa entrevista transcrevo agora alguns trechos, para melhor esclarecer a questão. Disse Almirante: «Criaturas apressadas, totalmente ignorantes da verdade sobre pessoas e coisas da música popular, e que não trepidam, por mero sensacionalismo, em fazer afirmativas das mais levianas, como essa de que Noel só foi bom compositor quando tinha parceiros».

Eis aí a primeira mentira de Almirante. O meu programa foi todo gravado, assim como todos os outros programas que venho fazendo.

O que afirmei é bem diferente do que me pretendeu atribuir Almirante, pois não disse ter sido «Noel Rosa bom compositor só quando tinha parceiros», e sim que «procurou esconder a co-autoria de Vadico nas músicas que fizeram juntos».

Almirante: seus arquivos (fabulosos, reconhece Flávio) comprovam a lealdade e a honestidade do compositor

Continuando a entrevista, Almirante pôs em dúvida a existência do documento, dizendo: «A declaração de que o documento existiu, portanto, faz supor que não exista mais, é um tanto mal feita. Se existiu, quem foi que o viu?».

Diante dessas deturpações de minhas palavras, diante dessas acusações de «levandade» e ignorância do assunto, vi-me obrigado a explicar aos espectadores, a origem de minhas afirmativas, a consistência de minhas declarações e isto eu fiz em outro programa.

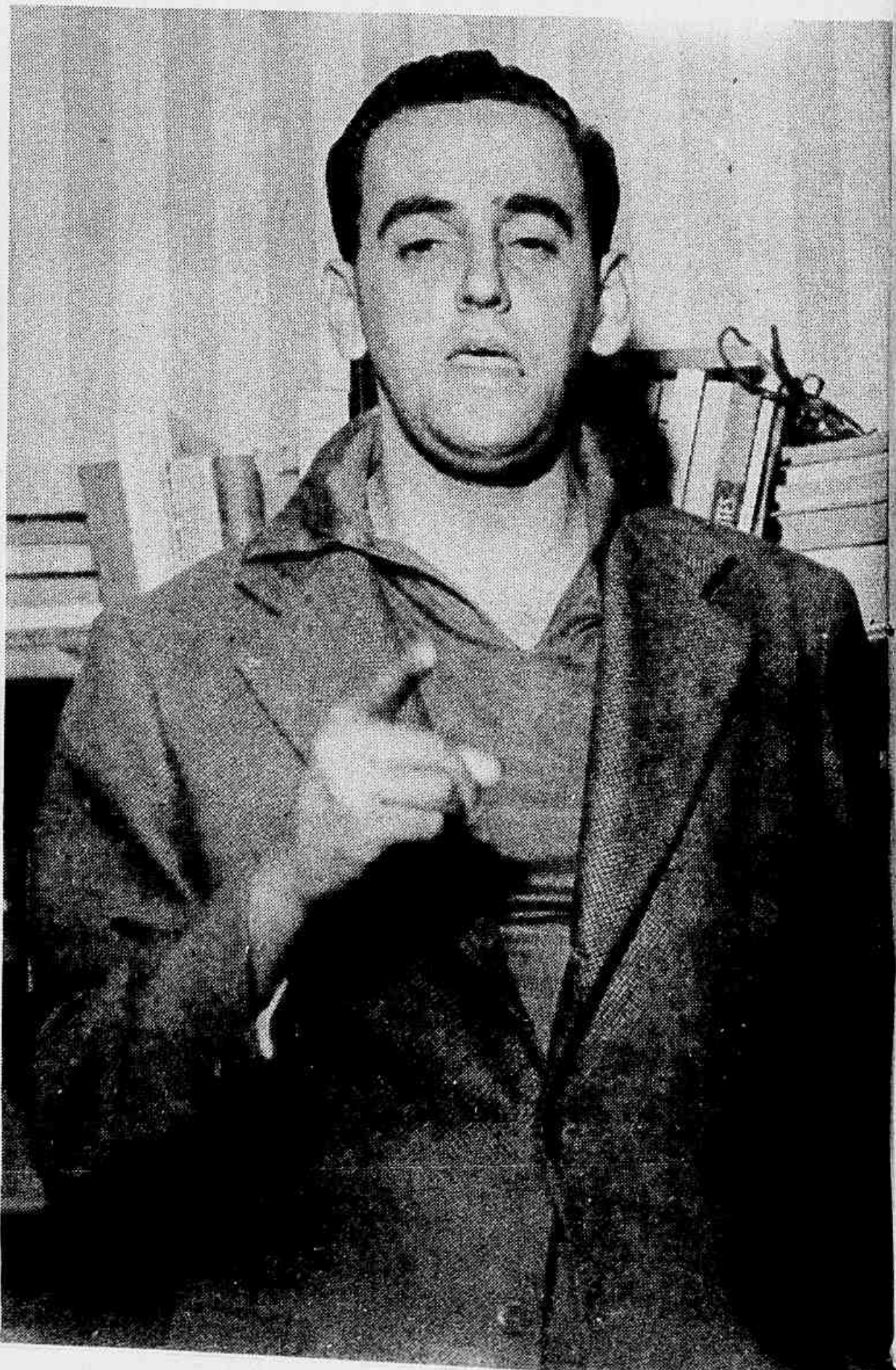
No segundo programa na televisão, resolvi trazer à público os depoimentos de várias pessoas que conviveram, também, com Noel Rosa e que estão habilitadas, por isso mesmo, a comentar e opinar no assunto, tanto quanto Almirante. A várias pessoas havia eu me dirigido procurando informações e esclarecimentos, antes de realizar o meu primeiro programa. Em primeiro lugar, citei o próprio Vadico, que no assunto, teria de ser ouvido — merecia ser ouvido. Depois, João de Barro, de quem ouvira vários comentários quando de uma das apresentações do programa «Museu de cera», com Iara Salles. Ainda Silvio Caldas, Paulo Roberto e Henrique Pongetti. Não foi assim levianamente, como supôs Almirante, que tratei da questão.

Havia Almirante declarado que... «era possuidor do mais completo documentário sobre Noel»... e tive então de referir-me ao seu conhecido e comentado arquivo. Sim, todos sabem que seu arquivo é fabuloso, eu inclusive. Mas esse arquivo não é tão perfeito assim, pois tendo Almirante duvidado da existência do documento por mim comentado, onde Noel se diz «proprietário» de melodias de Vadico, (chegando a perguntar «quem foi que o viu?»). Muitos dias após, o próprio Almirante vem, por intermédio de um jornal, declarar: «o documento existe. Aliás, são em número de três».

Então, Almirante, já agora você admite que o documento existe? E ainda admite mais (o que eu não declarara) que não era um só o documento, mas sim três os documentos?

Voltemos a seu fabuloso arquivo... Afirmei naquele programa, e continuo afirmando agora, que a bibliografia sobre música popular (livros de estudo e pesquisa no assunto) é inexistente. Falei ainda: «...que para se conhecer, para se escrever, para se comentar a música popular, temos que nos estribar, temos que nos basear na tradição oral, nas informações verbais. Partituras musicais não são documentos tão certos como deveriam ser».

Flávio Cavalcanti lançou a campanha na Televisão. Agora é acusado de teimoso e caluniador pelos amigos de Noel



da de grande depois que morreu o poeta da Vila ? ”

Não menosprezei nem pretendi ridicularizar seu arquivo — que continuo achando fabuloso — mas unicamente **reduzi sua indiscutibilidade às proporções exatas.**

É difícil, é mesmo impossível precisar-se sobre a autoria de uma música, pois que sambas e marchas foram, e ainda são, mercadoria que muita gente vende e que muita gente compra. Partituras musicais não são suficientes para dizer se um dos parceiros escondia ou não a participação do outro. Embora esteja escrito na partitura o nome dos dois, ou dos três parceiros, isto não elimina a afirmativa de que um deles tenha sempre «esquecido» de citar o seu, ou seus companheiros. Partituras musicais não são documentos nem mesmo para a comprovação de autoria.

Em resumo, o que eu disse não foi documentariamente destruído. Noel Rosa, grande musicista, grande letrista, escondia, sempre que possível — conforme depoimentos por mim citados na televisão — a co-autoria de Vadico nas belas músicas «Feitiço da Vila», «Feitio de oração», «Conversa de botequim» e outras 7 composições. Idêntico recurso usam as fábricas de discos, na mais clamorosa injustiça a Vadico. A verdade é dura de se dizer, mas a qualquer preço ela deve ser dita.

◇ «ESTOU SENDO BOICOTADO» (Vadico)

— «Se reclamo, tenho minhas razões. Não é justo que meu nome continue sendo omitido, sempre que se anuncia uma música de minha autoria. Isso vem do tempo do Programa Casé, na Rádio Phillips, quando os locutores anunciavam composições apresentadas pelo próprio Noel, citando-o como único autor.

No programa de Flávio Cavalcanti eu só disse a verdade — só procurei defender meus direitos. Nunca tive a intenção de acusar Noel Rosa; pretendi, apenas, que se fizesse justiça, no caso da omissão do meu nome.

Quando fui convidado, juntamente com Almirante, a comparecer ao programa do dr. Abellard França, para falar sobre o caso Noel Rosa, estranhei o fato de Almirante ter exigido recibos assinados por Noel cedendo os direitos de suas músicas a terceiros. Ele pensou ter «argumentos» para provar que Noel não escondia seus parceiros. Outro fato importante: nos meios artísticos sabe-se que Noel vendia suas obras sempre que estava precisando de dinheiro.

Quanto à existência de documentos em poder da Odeon, segundo

Araci de Almeida (o samba em pessoa) diz que Vadico tem razão em alguma coisa mas Noel não tem nada com isso

os quais Noel declarou-se proprietário exclusivo de músicas em que eu sou co-autor, não se pode dar crédito a um recibo sem a assinatura da parte interessada. Se esses documentos não têm a minha assinatura, de nada valem. Eu nunca vendi minhas músicas, pois não precisei lançar mão desse meio. É lamentável que Almirante tenha insinuado que sou trapaceiro, e que recebo direitos autorais de músicas vendidas a Noel Rosa.

◇ O LEAL NOEL (Mangione)

— «Conheci bem Noel Rosa e o considerava incapaz de fazer qualquer negócio escuso. Em todas as músicas que editei figuram os nomes de seus parceiros, de acordo com contratos assinados. Vejamos as provas: «Feitiço da Vila» — na partitura musical figuram os nomes dos autores: Vadico e Noel Rosa. Outros exemplos: A marcha «Mas como?» — Francisco Alves e Noel Rosa; «Prá que mentir?...» — Vadico e Noel Rosa. Os autores são mencionados, com a especificação de música de Fulano e letra de Beltrano. Vejam a música que se intitula «100\$000»: música de Vadico e letra de Noel Rosa. Perfeitamente claro... Outra composição: «D. Emília» — música de Glauco Viana e letra de Noel Rosa. Temos, por outro lado, músicas que são exclusivamente de Noel: «Fita amarela», «Côr de cinza», «Meu barracão», etc., em cujas partituras de piano consta «letra e música de Noel Rosa».

Sempre fui grande admirador de Noel, como o sou também de Vadico, como compositor. A verdade é que existe gente interessada em desacreditar o nome de Noel Rosa. Acredito que Vadico não tenha o propósito de desprestigiar seu companheiro.

Quero esclarecer qualquer dúvida que paire sobre a música «De bado» — de autoria de João da Mina e Noel. Todo mundo sabe, inclusive Flávio Cavalcanti, que existe um João da Mina nessa melodia, e se verificar detidamente, verá que seu nome figura na partitura musical como co-autor, e tem seus direitos assegurados no contrato.

Em síntese: não se pode acusar um homem que sempre procedeu corretamente. Eu tenho a certeza de que Vadico reconhece esta verdade.

◇ NOEL, O PRIVILEGIADO (Heitor dos Prazeres)

Noel Rosa nunca foi responsável pela omissão dos nomes de seus parceiros. Os únicos culpados são os locutores, que estão sempre come-

Estou sendo boicotado, diz Vadico, o parceiro de Noel em algumas músicas. «Chega de burrice!», responde Almirante





Noel Rosa nunca precisou de parceiros para fazer grandes sambas: Marília Batista está indignada



Ofendido com a campanha contra Noel, João de Barro (Braguinha) defende seu velho amigo das acusações



Henrique Batista, com sua irmã Marília e o compositor, formaram um trio que se tornou famoso na época

"A verdade é dura, mas deve ser dita: Vadico (parceiro

tendo enganos dessa natureza, isto é, ao anunciarem uma música quase nunca citam, na íntegra, os nomes dos autores. Isso continua acontecendo atualmente. Quando mencionam o nome de um, não mencionam de outro. Na minha opinião, Flávio Cavalcanti é um idealizador de programa que está constantemente procurando um motivo que desperte a atenção de todos sobre seu trabalho. Ele não tem conhecimentos musicais suficientes para provocar debates. Seus argumentos são feitos à base de informações e nunca com provas concretas.

A memória de Noel Rosa não será maculada com acusações inverídicas. Ele foi um excelente companheiro, incapaz de fazer qualquer coisa que viesse a prejudicar um amigo. Ao contrário, ele sempre foi o único prejudicado.

Muitas vezes Noel encontrava-se em situação financeira tão precária que não tinha outro recurso senão vender suas composições. O mesmo aconteceu comigo. Cada música dava 50 mil réis. E quantas vezes ele fazia letras para amigos, sem querer entrar na parceria...

Noel não tinha necessidade de se apoderar de obras de ninguém. Ele possuía músicas em quantidade e faria tantas quantas quisesse. Noel foi um compositor privilegiado pela inspiração.

◇ TEIMOSIA E BURRICE (Almirante)

— «Eu já estou cansado de apresentar provas que derrubam todas as declarações de Flávio e Vadico, mas eles são tão inconformados que voltam ao ponto inicial da questão. E a coisa vai rendendo...

Flávio mente com muita facilidade. Eu nunca neguei a existência de documentos onde Noel se diz proprietário de melodias de Vadico. Eu mesmo investiguei sobre esses documentos e descobri que há três contratos na Odeon. Nesses documentos está provado que Flávio mentiu novamente. Ele não consegue entender o que é «autoria» e o que é «propriedade». Uma hipótese: você faz uma música e vende-a a mim. Eu então posso fazer o que quiser com essa música, menos tirar o nome do co-autor da autoria e botar o meu nome.



Vicente Vitale, um dos editores de Noel, recusou-se a entrar na polêmica. Poderia dizer coisas incômodas



Ademar Casé foi reservado: não confirmou nem desmentiu as acusações lançadas por Flávio Cavalcanti e Vadico



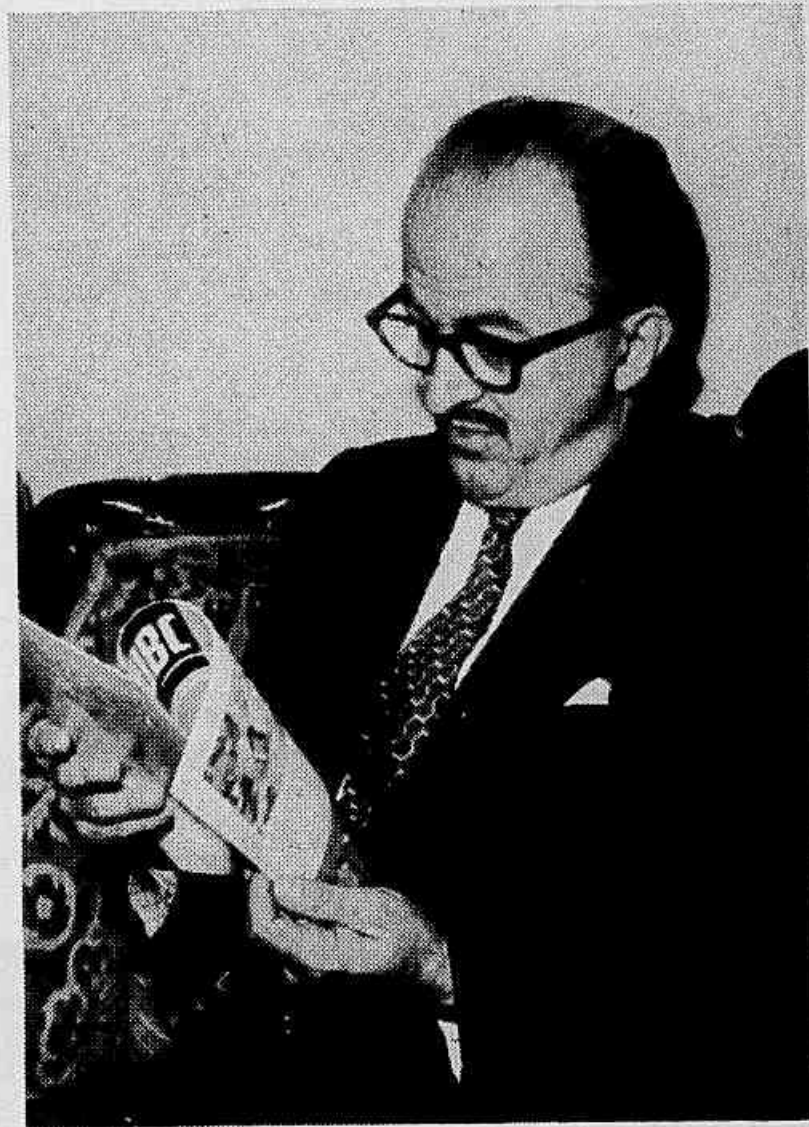
Jair Amorim: «Depois que Flávio Cavalcanti atreveu-se a criticar Castro Alves, deixei de levá-lo a sério»



Mangione foi o principal editor do Poeta da Vila e apresenta provas em seu favor: Noel nunca escondeu parceiros



Compositor mais antigo do que Noel, Heitor dos Prazeres conheceu o poeta e está contra Flávio e Vadico



Lamartine Babo está revoltado com a campanha de Flávio Cavalcanti: não se pode manchar a memória do poeta

de Noel) tem sido vítima da mais clamorosa injustiça"

No mês seguinte, após ter sido entregue à Odeon o documento que tornava Noel proprietário de determinadas músicas, quando Vadico foi receber seus direitos autorais (naquele tempo o pagamento era feito mensalmente) naquela gravadora, ele devia ter notado que não lhe foram pagos os direitos das referidas melodias. Logicamente ele teria reclamado. Não houve nenhuma reclamação neste sentido. E a Odeon ficou pagando os direitos integrais a Noel, até ele morrer. Isto foi em 1933. Mas voltemos ao caso do pagamento dos direitos. No ano seguinte, a mesma coisa se repetia com outras músicas. Quando Vadico foi receber os direitos autorais de outras melodias, não havia dinheiro nenhum para ele, porque aquelas músicas eram de propriedade de Noel. Uma vez admite-se um engano, mas duas vezes, que diabo!... Continuemos. A Odeon ficou pagando os direitos integrais a Noel Rosa. Passa-se mais um ano. Aparecem outras músicas no mesmo caso, e Vadico, ao receber os seus direitos autorais, nada reclamou. Agora ele quer se justificar pelo fato dele, Vadico, não ter assinado contratos.

Quanto ao fato de Vadico se queixar que seu nome tem sido omitido, chegou a minha vez de perguntar: que culpa tem Noel do locutor não anunciar o nome do parceiro? Será que foi o Noel quem agarrou a garganta do locutor para que o nome do Vadico não fosse dito? Esse negócio de ser dito ou não os nomes dos autores no rádio, acontece frequentemente. O próprio Flávio que «defende» ardorosamente os interesses do compositor, incorre no mesmo erro de omissão. Num dos seus programas, comentando o samba «A saudade mata a gente», ele atribuiu a autoria só ao João de Barro, quando em verdade, existe outro autor chamado Antônio Almeida. De outra feita, num artigo publicado por ele, Flávio Cavalcanti, no «Diário Carioca», outros erros de omissão foram cometidos. Vários autores deixaram de ter seus nomes mencionados em composições conhecidíssimas.

Flávio é um sujeito teimoso que nega documentos, e Vadico é burro até dizer chega!!! E eu já estou farto de tanta teimosia e de tanta burrice!

(Continua na pág. 38)

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

CRÔNICA

JOSÉ LINS DO RÊGO

● MELHOR DO que lembrar a figura do homem, é celebrar-lhe a obra; melhor do que chorar a morte de um romancista, é ler-lhe os livros. Por isso, tão logo tivemos notícia da morte de José Lins do Rêgo Cavalcanti, corremos à estante e dela tiramos o recém-aparecido «Meus Verdes Anos», que nos davam um José Lins não morto, com o fardão de acadêmico coberto de flores, porém em plena meninice inquieta de menino de engenho, paraibano. Catamos, depois, aqui e acolá, na vasta obra do escritor, aqueles pedaços de seus romances que mais nos impressionam — a morte de Lili, em «Menino de Engenho», a maldição da mãe, em «Cangaceiros», as imprecações de Vitorino Carneiro da Cunha, em «Fogo Morto»...

José Lins foi um poeta, um temperamento lírico, um dramático e outro épico habitando um corpo de nordestino. E nesse homem robusto, de aparência tão saudável, nesse eterno doente imaginário, como a preocupação da morte era patente! Como, sob a aparente alegria desse homem, escondia-se a maior das tristezas — a tristeza do homem que

sabe que sua passagem sobre a terra é breve, e que mais dia, menos dia, terá de abandonar seres e coisas que amou, para mergulhar no nada! No nada? José Lins do Rêgo era cristão. E foi como cristão que morreu, entre parentes e amigos, deixando na maior tristeza seus leitores e companheiros. Nada de sentimentalismos, porém: recordemo-lo forte, são, como se ainda bradasse, indignado, contra alguma arbitragem desfavorável ao seu querido Flamengo, a pegar rastreiras de surpresa em seus amigos,

a bradar seu grito de guerra, «Com o Zé do Rêgo ninguém pode», a ler bulas de remédio por detrás dos óculos de míope. Afinal, o melhor de Lins do Rêgo, aquela parte que não morre nunca, nós o temos para sempre, nos livros que nos legou — nos livros em que deixou, integral, a sua alma, e a alma de seu povo.



POESIA

HEPTÁGONO

1 — A sensação de molusco atinge-me excessiva. Em passo de lesma se vertebram meus esforços.

2 — Clarifica-se minha seiva com algum vegetal transido de vigília interminável.

3 — Assim me surpreendo. Prenúncio lastros funiculares de clarevidência. Eretro, luminoso, um raio. A firmeza de um tronco, contudo vigília.

4 — Há um debater por despertar, sem sucesso; e resta o gózo ligeiro do adormecimento.

5 — Pouco importa se existem horas trabalhando os alvos. Na palma côncava do tempo prevejo que vou passando e não me livro das amarras dessa parturiente retardatária. Mas sei o ventre do tempo.

6 — Mas sei. O embrião só tem força para espreguiçar-se nas diferentes camadas do mundo. Mas sei.

7 — Como é terrível a fugacidade das aberturas; como nada fica.

De fato, fizemos a cavalaria, mastigamos o feno e sopramos, descansados, a tênue palidez dos nossos símbolos. Eu sei...

MARIO CHAMIE



Guimarães Rosa



Jorge Amado

AS PESSOAS

● AFRÂNIO COUTINHO é o diretor da filial brasileira da Editora Aguilar, espanhola, a qual pretende lançar, em papel bíblia, a Obra Completa de inúmeros escritores nacionais. Já está programada uma edição integral dos romances de Jorge Amado, entre outras. *** HÉLCIO MARTINS, jovem ensaísta brasileiro, prepara um estudo crítico sobre a poesia de Jorge Guillén. Hécio estreou nos «Cadernos de Cultura», com um trabalho excelente — sobre a poesia de Pedro Salinas. *** A ENFERMIDADE que culminou na morte de nosso maior romancista, José Lins do Rêgo, serviu ao menos para nos revelar um Thiago de Mello diferente: o amigo dedicado, de todos os instantes, não na hora da alegria somente. Todos precisavam ter um amigo assim. *** HAMILTON NOGUEIRA lançou pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura uma novela bem fraquinha. *** O

POETA Mauro Mota esteve no Rio, concertando com Simeão Leal os detalhes, para a publicação de novo livro — também sobre o Nordeste, como o anterior, «O Cajueiro Nordestino». *** PARA A vaga de Lins do Rêgo na Academia Brasileira de Letras, diz-se que Mário Palmério concorrerá. Também o romancista Guimarães Rosa e o veterano Pinheiro Chagas. *** LÉLIA COELHO FROTA venceu o concurso de poesias patrocinado pela «Gazeta» de São Paulo. *** DENTRO DE algum tempo mais, Octávio Tarquínio de Souza lançará, pela José Olympio («Documentos Brasileiros») sua obra em dez volumes sobre a «História dos Fundadores do Império do Brasil», que será o coroamento de sua carreira de historiador ilustre. *** NO EXAME vestibular ao Instituto Rio Branco, as perguntas sobre literatura (portuguesa e brasileira) atrapalharam as pretensões de mais de um candidato. Exemplo de uma delas: «Em que obra Antônio José da Silva narra as peripécias de um soldado que, ao regressar da guerra, tem um encontro com o diabo?»; de outra: «De quem é, e a quem foi dedicada a «Prosopopéia»? *** ACHA-SE EM Roma o romancista Octavio de Faria; mas um seu livro — «O Senhor do Mundo», da série «Tragédia Burguesa» —, deverá aparecer ainda esse ano, graças aos trabalhos de revisão que estão sendo empreendidos por Antônio Olavo («Marcoré») Pereira.

ARTES

CHAGALL FOI PRETERIDO

● COMETEU O Júri Internacional da IV Bienal do Museu de Arte de São Paulo, uma injustiça inominável, ao conceder o prêmio São Paulo, que é o mais alto e mais cobiçado do certame, não a Marc Chagall — o insigne artista judeu que todos apontavam como seu vencedor natural —, porém ao italiano Giogio Morandi, pintor de talento, porém longe, muito longe de igualar os méritos do primeiro. Que critério terá seguido o Júri — onde tantos nomes ilustres se acumulavam — para a atribuição a Morandi de tal recompensa? O lugar de Marc Chagall no cimo da pintura moderna já foi reconhecido por inúmeros tratadistas e historiadores de Arte: Chagall é verdadeiramente um clássico da pintura contemporânea, um grande, ao lado de Picasso, de Braque, de Rouault, por exemplo. Foi um dos pioneiros da corrente — e todas essas características, ao lado das qualidades essencialmente pictóricas de sua obra, de tanta força poética, não permitiam fôsse sequer imaginado outro nome para os trezentos mil cruzeiros do «Prêmio São Paulo».

No entanto, vem um Júri de categoria internacional, e resolve premiar Morandi, e não Chagall. Esse Júri errou. E tanto sabe que errou (o que prova que errou deliberadamente) que no Comunicado que distribuiu à Imprensa sobre a atribuição a Morandi do «São Paulo», reconhece ampla e expressamente o valor de Chagall, quase chegando a pedir escusas por o não ter premiado. Em linguagem jurídica, dir-se-ia que esse Júri «concluiu contra os autos». Falha clamorosa, indiscutível, indisfarçável. Rubem Braga escreveu também a respeito dessa injustiça. E em dado instante, assim falou da obra de Chagall: «Diante daqueles quadros que nos falam de amor, de sonhos, de infância, de medo e de Deus, como nos parecem pobre a geometria de Nicholson e vazias as garrafinhas de Morandi!» Braga acredita que a circunstância de ser Chagall judeu, e russo, deve ter pesado sobre a decisão do Júri. Não o cremos: preferimos acreditar na frase de Renan: uma assembléia de quinhentos sábios, ao exprimir-se, terá a mentalidade de um porteiro. Os sábios da Bienal erraram, e erraram grosseiramente.

OS LIVROS

◇ POESIA

MÁRIO CHAMIE — «O Lugar (Em Quatro Alcances)». (Coleção «XI de Agosto», São Paulo, 1957. 77 páginas).

CHAMIE É um poeta que estreou em livro há apenas dois anos, através de «Espaço Inaugural» (Editôra Leia, São Paulo, 1955). «O Lugar», livro de agora, divide-se em quatro partes, ou «alcances»: **Planta de Pé, o Sexo, Rispido Calor, Campo e Alvo Tôpo**. A poesia de Chamie recorda-nos por vezes a de um jovem poeta paranaense, Foed Castro Chamma; não que haja influência de um sobre o outro: o que existe é coincidência expressional: tanto Mário como Foed são poetas por assim dizer **iniciados**, Foed decerto com mais convicção íntima. A linguagem de «O Lugar» é nobre e inegavelmente convida à poesia. E seus poemas possuem uma vibração nova, um tom bastante pessoal, tom e vibração que conferem a Mário Chamie um lugar de relêvo na poesia paulista da atualidade.

DOMINGOS PAOLIELO — «Poemas Inaugurais» (Edição do Autor, São Paulo, 1957. 78 páginas).

TALVEZ PORQUE lido imediatamente em seguida ao de Chamie, o livro de Paoliello (o quarto que esse poeta vê editado) não nos seduziu nem um pouco. O pórtico já explica a atmosfera dos poemas: «Aquele que um dia ousou fazer-se mito quando apenas era anunciadora de uma aurora efêmera». São poemas de inspiração amorosa, alguns roçando a poesia popular, como «O Retrato»: «O retrato que me deste / não sei, meu bem, se o levava...»; outros, tentando renovar temas já por demais gastos, e sem consegui-lo: «A chuva bate na vidraça / chia a enxurrada na calçada...»; outros ainda traindo a influência de Rilke e outros metafísicos: «Degusto, lentamente, o sal de acerbos minutos / resíduos do martírio, irmão, em que cristalizaste / pétalas as mais sutis na mais delgada haste / a flor de fogo do teu ser — flor que fôste sem frutos / flor apenas, mas flor!». Raramente a voz de Paoliello pode ser ouvida, nesse livro que é, sem qualquer dúvida, um retrocesso em sua carreira artística.

◇ ENSAIO

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDO — «Caminhos e Fronteiras» (Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1957. 334 páginas. Coleção «Documentos Brasileiros», volume 89. Edição ilustrada).

FELIZMENTE, AINDA existem autores como Sérgio Buarque de Holanda, capazes de nos propiciarem, de quando em quando, livro de tanto valor como esse «Caminhos e Fronteiras», onde não se sabe o que mais se aprecie, se o sólido conhecimento, ou o estilo agradável e fluente. Divide-se esse estudo em três grandes partes: «Índios e Mamelucos», «Técnicas Rurais» e «O Fio e a Teia». Na primeira, dá-nos o A. um verdadeiro, pôsto que pequeno, tratado de etnologia indígena brasileira; na segunda, estuda com rara acuidade alguns ângulos pouco explorados de nossa História, sob o ponto de vista do sociólogo; na última, certos fatos brasileiros apenas esboçados mesmo em livros de especialistas: «O Declínio da Indústria Caseira», «Redes e Redeiras», etc. Ficamos felizes ao saber que Sérgio Buarque de Holanda já tem, no prelo, não somente uma nova edição de «Monções», como dois livros novos: «Literatura Colonial Brasileira», e sobretudo «A Era do Barroco no Brasil» — um estudo sobre a Cultura e a Vida Espiritual nos séculos XVII e XVIII, no Brasil.

GARÔTAS DE XURUPITO



Pernas e... mais pernas!.. Bonitas, morenas, claras, emprestam graça e harmonia a um bom espetáculo. Garôtas como estas, desfilando na passarela, deixam os espectadores tão boquiabertos que, de forma pitoresca, se empresta à primeira fila o nome de: "fila do Gargarejo". Ora, pois...

Texto de FRANCISCO MANOEL

Fotos de ARNALDO VIEIRA

GARÔTAS ... garôtas e... mais garôtas "xurupitando" beleza, alegria e bom humor. "É de Xurupito" apresenta, realmente, um trabalho que deixa transparecer, com exceção do texto — um pouco pobre —, o cuidado na feitura desse espetáculo musicado que, no seu todo, é agradável e bonito, gracioso — no tocante às garôtas —, de grande montagem, com banhos de "banheira", sátiras sadias e muito movimentado. Na coreografia, cavalo, elefante, tigres e... garôtas misturam-se num colorido exuberante, que surpreende e agrada, como no quadro do desfile de "mulheres famosas". O guarda-roupa é harmonioso e impressiona bem, atingindo, mesmo, a suntuosidade, na apresentação de "Mme. Pompadour". A coreografia, importada de Paris, é do tipo "musical da Metro", sem, todavia, apresentar aquele modernismo da peça passada. As garôtas... (quanta menina bonita!...) marcam com desembaraço e, em alguns quadros, lembram as famosas "Rockets" do Radio City de Nova York. Os nus, característica dos espetáculos Pinto, não chegam a dar aquela sensação de acanhamento de noivo para noiva, quando espectadores, uma vez que estão bem apresenta-

dos e com fundo artístico "até debaixo d'água", como no número da piscina. No elenco, a parte masculina está superior à feminina. Válder Dávila é o elemento principal e, juntamente com Zeloni, é o responsável pela melhor parte humorística do "show". Sabe tirar partido da sua máscara cênica e da "escada" preparada pelo bom Zeloni muito espirituoso para contrabalançar o que falta em texto. Pedro Dias faz alarde da sua tarimba de palco. Paulo Celestino é quem melhor tem o que apresentar e o faz bem, "mas... muito bem mêeesmo, oh!..." Valdir Maia consegue aparecer no meio dos bons e o baixo José Tobias agrada nos números de canto, principalmente em "Old Man River".

Na parte feminina Nélia Paula e Rose Rondeli figuram como principais. Apesar de poucas vezes aparecerem — para tristeza dos espectadores —, fazem-no de maneira marcante, seja pela presença graciosa, seja pela beleza de suas formas. Sandra Sandré é a novata da turma e, quando adquirir mais tarimba, poderá ser um cartaz positivo na nossa revista. Valéria Amar aparece de vez em quando. Manon Godói, bem lançada na peça passada, pouco se dá a "xurupitar".



NÉLIA PAULA — Com sua figura muito bem posta, apaga, de certo modo, a beleza da fantasia ornada com penas de faisão

REVISTA
DA SEMANA

A Censura passou por aqui, mas no palco a nudez aparece em toda a sua beleza e arte

HILDERGARD — Importada diretamente da Austrália, via Lido de Paris, para os amantes do belo de forma xurupitosa



ELIZABETH, LILIAN e POCHE — Três portenhas que, correspondem aos inúmeros flu-fius dos menos recatados

ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de AGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

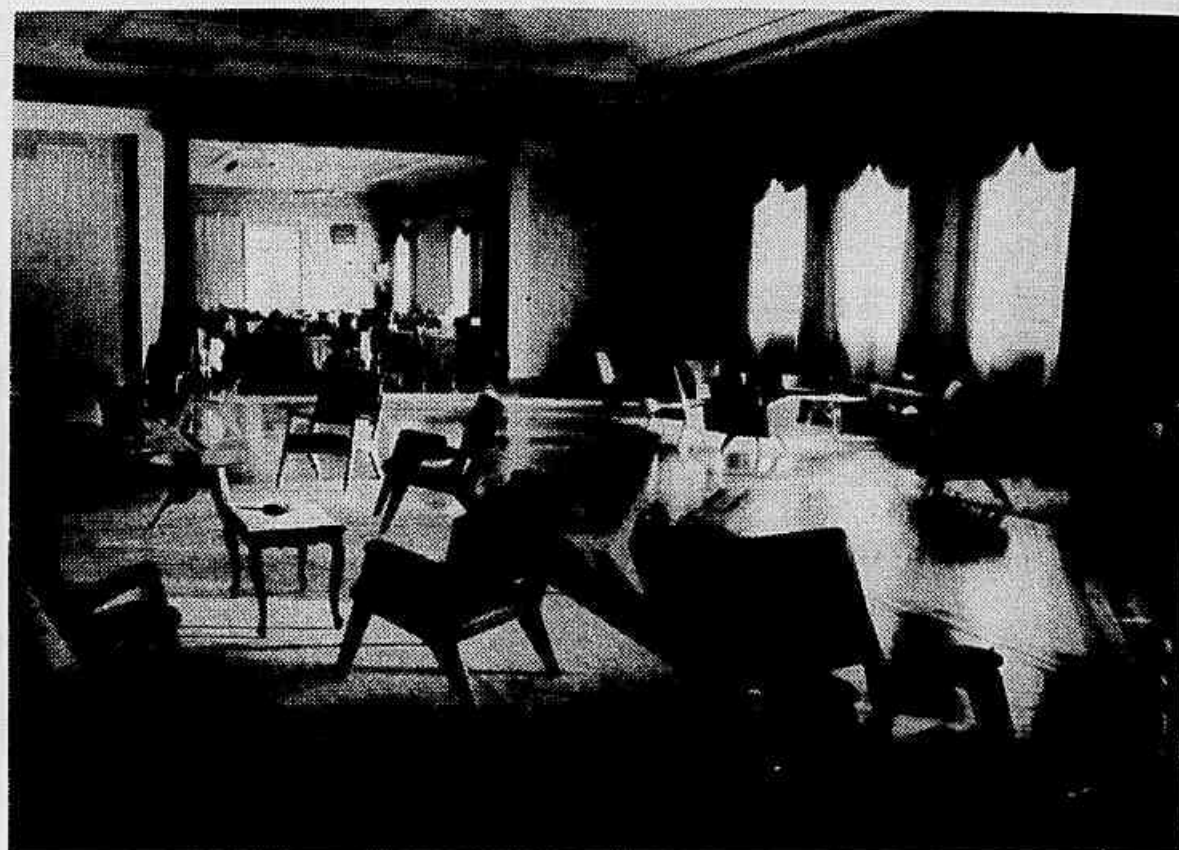
◆ Aguas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num escrínio de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernos. «AGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «AGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gôta.

AS DÁDIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACO-
LHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter», Av. Rio Branco, 57-A, Tel.: 23-5361 e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4. Aguas da Prata, Est. S. Paulo. ◆ AGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

HÁ UMA SOMBRA NO CORAÇÃO DOS CAPITÃES DO PSD: O PLEITO DE 60

CAMINHA PARA O OCASO O PARTIDO MAJORITÁRIO — TERÁ QUE RENUNCIAR O LUXO DE INDICAR OS NOMES PARA CONSEGUIR O APOIO DE OUTROS

Há uma sombra na alma dos dirigentes pessedistas. Tudo nos capitães do partido majoritário denota o temor de que se fraccione a unidade central da agremiação que tem sabido combinar astúcia, matreirice e realismo e que sobretudo tem um sentido do que é considerado a pior tradição de costumes políticos de nossa terra, ganhando eleições mesmo quando as perde. Isto é: vai para o governo mesmo quando o resultado das urnas os coloca na oposição. É por isso que se diz — não sem alguma dose de malícia — que o primeiro pessedista foi Pedro Álvares Cabral. O que há de continuidade (do pior) na vida política brasileira está suficientemente representado no PSD. Agora, porém, diante de vários fatores que se fazem sentir na vida política brasileira, a preocupação com o futuro transparece nos gestos dos chefes do pessedismo. Não é possível alimentar mais ilusões, afirma-se nas altas esferas do partido. Nunca mais faremos sôzinhos um presidente da República. E nenhum outro partido vai nos presentear com seu apoio a um nome novo, em troca da vice-presidência, apenas decorativa.

◇ **VELHA QUESTÃO.** — A questão não é nova, sabem-no bem os chefes da agremiação majoritária. Nas vésperas do último pleito presidencial, o PSD — que participava do governo Café Filho, como estava inteiro no Ministério de Vargas, sem ter concorrido para a eleição de nenhum deles — os homens do PSD começaram a dividir-se no que dizia respeito ao equacionamento do problema.

Os mais velhos capitães sentiam que era chegada a hora de um grande entendimento para congregar as forças mais conservadoras do país. Os mais novos, que sabem das dificuldades práticas para levar a termo palavras de ordem dessa natureza, dada a diversidade de interesses dos partidos e grupos, sentiram que era dividindo o PSD que eles poderiam ir para a luta e forjar alianças e aproveitar sua oportunidade.

E foi o que fizeram. Desnecessário lembrar o que foi a campanha do sr. Juscelino Kubitschek, desde os primeiros dias de sua aventureira candidatura. JK lançou-se à luta para cindir o velho PSD. Contou com o apoio dos pessedistas mais ligados ao PTB e teve de saída o apoio e o incentivo de Amaral Peixoto, que significava o aval do pessoal de Vargas e a perspectiva do apoio peitebista.

Os velhos dirigentes do PSD olharam e esperaram pelo fracasso da manobra juscelinista e quando quiseram acabar com a aventura já era tarde: JK era virtualmente candidato do partido majoritário e quem quisesse romper a unidade do partido acabaria em minoria, como acabou sucedendo.

◇ **CONSIDERAÇÃO.** — Mas, por outro lado, ficou rompida outra tradição do partido, que era a escolha «maçônica», na cúpula: JK retirou do círculo dos conselheiros de sua agremiação o poder de escolher os nomes que devem ser impostos ao eleitorado e mostrou que é possível a um aventureiro lançar mão da coroa anblemática pessedista: já que os altos dirigentes não têm mais força para escolher candidatos nem para dar a linha ao partido (os novos impuseram até a conduta nacionalista a todo o PSD), pouco vale a hora das eleições. E aí está porque a grande manobra para, a pretexto de reforma eleitoral, tentar o bloqueio do alistamento,

foi conduzida por Valadares, o que há de mais típico do velho pessedismo em falência.

Era a reforma a oportunidade para uma tomada de posição dos velhos para o pleito de 60: enquanto houver eleitorado de cabresto esses velhos capitães pessedistas terão força. O que aconteceu mostra que eles já não têm muito poder. Vai portanto aumentar nêles o medo das eleições, porque pouco pesarão na escolha do candidato. É este, desde agora, o grande problema do PSD: quem poderá ser o candidato do PSD à sucessão de JK?

◇ **DILEMA.** — É fora de dúvida que o assunto não pode ser afloado abertamente no PSD, mesmo porque representa o reconhecimento implícito do fracasso da administração Kubitschek. Falar na substituição do homem que ainda não chegou nem à metade de seu mandato é abonar tôdas as críticas que se fazem ao governo. Por outro lado, não tomar algumas providências elementares será também adiar demais uma questão que, mais dia, menos dia, vai fazer o velho PSD tremer de alto a baixo, do Rio ao mais distante interior do país.

Nenhuma fórmula poderá encobrir ou disfarçar o problema da escolha do nome e neste sentido é vão todo esforço para desviar a questão que se coloca de um ângulo prático: o melhor nome será o que trouxer o apoio do PTB, que é o mais fiel (pelo menos até agora) dos aliados já conseguidos pelo pessedismo. Mas — resta saber — até quando os trabalhistas aceitarão o papel de caudatários do PSD? Será que eles não se sentem ainda com forças para tentar impor um candidato seu?

E a UDN não será ela capaz de fazer um acôrdo com o PTB para, à base de um nome equidistante dos dois partidos, apoiar um candidato juntamente com os getulistas? Fora de dúvida está que nenhum partido sôzinho fará mais valer seu candidato, nem conseguirá reunir nas urnas número de votos suficiente para fazer um presidente da República.

◇ **CORRE O TEMPO.** — Assim, vê o PSD aproximar-se 1958, com os pleitos estaduais e parlamentares, sabendo que logo depois terá de equacionar a questão presidencial. Como vai ser? Os velhos foram desbancados pela escolha, pela eleição e finalmente pela posse de Kubitschek, com as quais Valadares e toda a «velha guarda» nada teve a ver. JK e os novos acham que nada lhes deve, o que não deixa de ser verdade em parte. E foi por isto que o sr. Amaral Peixoto começou a dar os primeiros passos, pois representa ele em potencial a possibilidade de manutenção do apoio trabalhista. Mas, resta ainda saber se o PTB continuará por muito tempo ainda como instrumento da família Vargas, o que não parece muito provável. Quanto perderá em força o PSD nas eleições estaduais e na renovação da Câmara no próximo ano?

Tudo indica que a escolha dos candidatos para o próximo pleito presidencial será precedida de outro tipo de consultas, para evitar candidatos que pareçam resultar de simples conchavos ultra-secredes de classe, tanto na vida sindical como entre as classes produtoras brasileiras, que vão representar papel ativo no debate político. E haverá também alguma surpresa, mesmo que tudo decorra como está sendo desejado: chegarmos à eleição presidencial. Pois está para haver ainda pleito sem mistério neste país, pessedista desde o seu descobrimento.

CARA OU COROA



OTÁVIO MANGABEIRA



MILTON CAMPOS



AFONSO ARINOS

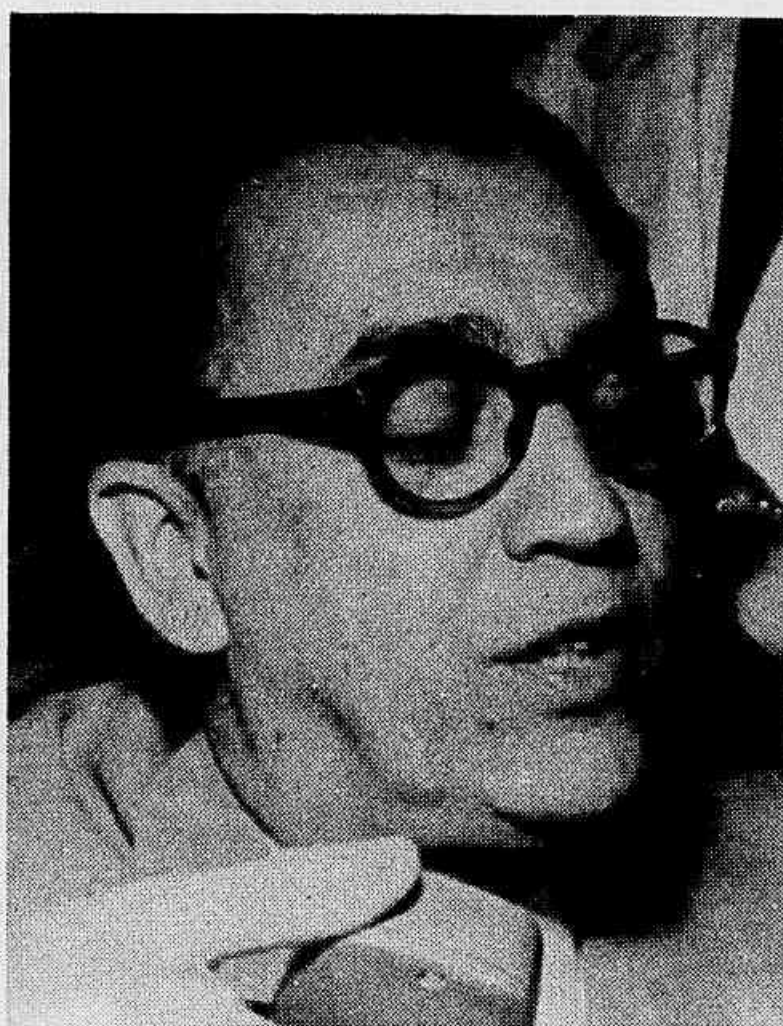
ATTITUDE — Informa-se que os srs. Milton Campos, Afonso Arinos e Otávio Mangabeira — entre outros homens de oposição — não pretendem mais voltar à Câmara. Vão desistir da vida parlamentar, por considerar que os processos políticos

em voga não são os que eles desejaram para o país.

— Eles perderam o eleitorado, dizem os governistas. Menos do que os tempos, mudaram os eleitores. Eles desistem para não conhecer a derrota. São mais intelectuais do que políticos.



BILAC PINTO



JUSCELINO

AVAL — JK afirma que está tranquilo porque sabe que o general Lott quer ser candidato, conforme lhe disse pessoalmente, mais de uma vez, o ministro da Guerra (e de todas as vezes Kubitschek lhe prometeu seu apoio). Garantiu por isso que o atual governo irá até o fim do mandato, enquanto ele, Lott, for ministro.

— Não está tranquilo coisa nenhuma o presidente, segundo afirma o sr. Bilac Pinto. E explica: Ele procura incentivar essa disposição do general Lott para ganhar tempo, pois sabe muito bem que o general jamais terá o aval do PSD e o PTB sozinho (como andorinha) não faz eleição.

PAGAMENTO

◇ Na noite em que o sr. Café Filho leu a mensagem dos ministros militares sobre a conveniência de um debate mais alto sobre a sucessão (e que correspondia a um veto ao nome de JK), Kubitschek andou a noite inteira pelos corredores do Palácio da Liberdade, acompanhado de tresnoitados auxiliares e torcedores. E quem mais animou o então governador a manter a sua candidatura foi o sr. Amaral Peixoto, que lhe telefonou para dizer que respondesse topando a parada.

◇ Ainda sobre o mesmo episódio: enquanto ia e vinha em meio a seu séquito, JK afirmou num momento de coragem:

— Se os velhos do PSD não me apoiarem, e se eu não puder ser candidato, vou promover a dissidência do PSD e apoiar a candidatura do general Estilac Leal.

RIO DE JANEIRO POÇOS DE CALDAS LINDOIA SERRA

Sempre às suas ordens!

SÃO PAULO SANTOS SÃO VICENTE

JUNDIAÍ



CAMPINAS RIBEIRÃO PRETO SOROCABA

**EXPRESSO
BRASILEIRO**

NEGRA AGUAS DA PRATA BELO HORIZONTE

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

BELO HORIZONTE

Av. Ipiranga 885 - Fone 34-1395

Pça. Mauá (Estação Rodoviária) Fone 23-3912

Rua Oiapoque 276 - Fone 4-9060

NOEL ROSA

(Continuação da pág. 27)

◇ FLÁVIO É PRECIPITADO (Araci de Almeida)

— «Noel não tinha esse hábito que lhe atribuem Vadico e Flávio — não escondia seus parceiros. Ele não se interessava por suas próprias músicas, muito menos pelo que pertencia aos seus amigos. Noel «cantou» de endireitar letras de outros compositores. Ele ajudou muita gente. Eu poderia até citar nomes, mas prá que complicar ainda mais as coisas? De Noel gravei as seguintes músicas: «Último desejo», «Palpite infeliz», «Cansei de pedir», «Que baixo», «Maior castigo», «Rapaz folgado», «Só pode ser você», etc., músicas de maior sucesso: «Palpite infeliz» e «Último desejo».

Em parte, Vadico tem razão. Se anunciam músicas de Noel e dêle, e não dizem seu nome, está errado. Porém Noel está morto e não tem culpa nisso.

Em sua precipitação, Flávio cometeu uma grande injustiça acusando Noel Rosa sem tê-lo conhecido, e baseado em palpites de compositores que também não o conheceram. Noel era um filósofo e nunca se preocupou em passar um colega para trás. Também Noel não precisava de parceiros para fazer sucesso. São de sua autoria exclusivas: «Palpite infeliz», «Maria fumaça» e «Último desejo». Quantas músicas ele compôs sozinho, nas mesas do Café Nice, com um copo de cerveja do lado e marcando o compasso com um níquel sobre o mármore... Ainda me lembro do dia em que, sentada ao lado de Noel, numa daquelas mesas, esperei que ele terminasse um samba para mim: «O x do problema».

◇ A FONTE SECOU (Henrique Batista)

Noel Rosa nunca foi cabotino! Nunca teve ilusões, sabia a gravidade do seu estado de saúde e, consciente, voluntariamente abreviou a sua vida! Era um conformado, mas nunca foi um triste como quem não o conheceu poderá supor.

Mesmo doente, sempre foi brincalhão e alegre; gostava de ouvir e dizer piadas e vivia armando brincadeiras pitorescas com desconhecidos, principalmente com os «garis».

Trabalhamos juntos durante muitos anos, em várias emissoras — e com a mana Marília Batista formamos, modestia à parte, o mais aplaudido «trio» daquela época, apresentando com versos improvisados o célebre «De babado»...

Nós três, mais o mano Renato e outros idealistas fundamos há mais de 23 anos o programa «Samba e outras coisas...» de onde têm saído grandes nomes do rádio.

Um fato interessante: os grandes autores a quem acusam Noel de prejudicar, deixaram de produzir há vinte anos ou, pelo menos, não fizeram sucesso durante esse tempo. Parece que, extinguindo-se a vida do «filósofo do samba», secou também muita fonte de inspiração!...

Tenho a certeza de que Noel Rosa não escondia seus parceiros, era por demais superior para agir dessa maneira. Os discos e partituras musicais do tempo em que ele era vivo estão aí, com os nomes... Devadoras e editôras, de nomes de co-autores. Noel Rosa vendeu, ofereceu e terminou muito samba para os outros e nunca disse nada a ninguém. Isso sim, ele sempre escondeu!

◇ A ÉPOCA DOS TANGARÁS (Lamartine Babo)

Não me consta que Noel — pelo tempo em que eu convivi com ele (na época maravilhosa de Vila Isabel, dos velhos carnavais e do «Bando dos Tangarás») — escondesse seus parceiros. Ao contrário, o que eu posso afirmar é que ele fazia letras para músicas de outros, sem exigir que seu nome constasse como parceiro. Escrevia letras para seus amigos, na camaradagem. É lamentável que se esteja fazendo alarde dessa natureza contra a memória de um autor como Noel. Sua capacidade para fazer versos era notável! Quantos versos ele improvisou nos palcos desta cidade!...

◇ EM Sã CONSCIÊNCIA (Ademar Casé)

Conheci muito o velho amigo Noel Rosa, de quem guardo as mais gratas recordações. Os contatos com Noel e com os demais elementos que compunham a equipe do «Programa Casé» da Rádio Phillips — eram apenas de assuntos relativos à função que essa equipe desempenhava para o brilhantismo daquelas audições dominicais. Sei, todavia, que Noel Rosa pautava sua vida dentro das normas dos homens de bem.

(Continua na pág. 46)



De Mille é visto nesta foto ao lado de Anne Bancroft, veterana colaboradora do grande diretor. Por mais de 30 anos Anne vem assistindo



ao realizador de «Os Dez Mandamentos», em suas espetaculares produções: Ao centro, o diretor que é ator antes de tudo. De Mille explica

CECIL B. DeMille, considerado o maior produtor-diretor de cinema da atualidade, iniciou sua carreira na sétima arte em 1913 num estúdio alugado por 25 dólares. Naquele «estúdio», DeMille realizou seu primeiro filme de sociedade com Samuel Goldwyn e Jesse Laski, denominado «The Squaw Man» (Amor de Índio), marcando, assim, o início de sua extensa filmografia. O êxito de sua estreia na indústria cinematográfica o influenciou para outras produções e, no ano seguinte DeMille aparecia com 6 películas de longa metragem. Entretanto, sua produção em massa deu-se em 1915, quando criou 13 películas. Daí para cá, suas produções caíram em número mas subiram em qualidade. Com o advento do cinema falado, a indústria filmica tomou novo incremento; o então jovem DeMille, como homem empreendedor, deu início a uma série de grandes produções e, em 1926, fez com sua 51ª realização: «O Rei dos Reis», película que até hoje é cartaz em porta de cinema em algumas partes do mundo.

Sua filmografia, quase que daria para empatar com sua idade, pois a partir de 1913, produziu 70 películas, inclusive «Os Dez Mandamentos». Apesar de seus 75 anos, DeMille ainda é o mesmo homem que no limiar do século marcou a eclosão de uma nova era para a cinematografia. O «jovem septuagenário», ainda é a mesma figura, com aquela personalidade otimista em relação ao futuro e que confia sobretudo na sua própria capacidade de realização. E tem razões para isso, pois os seus filmes já foram assistidos por cerca de 3 bilhões (bi-

lhões, mesmo) de pessoas em todo o mundo. Esse «record» (tanto de público como financeiro) dificilmente será batido porque DeMille é, indubitavelmente, uma figura ímpar no cenário cinematográfico internacional; ele é o homem que não faz cálculos de quanto vai custar determinada produção; emprega quantos milhões forem necessários e depois vai buscá-los com juros. Acredita o mestre que o êxito financeiro de uma película esteja no segredo de como narrar a história; o resto, intérpretes, diretores e produtores, são figuras de segundo plano; o essencial é contar a história e contá-la bem. Essa assertiva, por outro lado, não implica em desleixo para a escolha do elenco de seus filmes, bem ao contrário, DeMille procura sempre o artista mais adequado para cada papel. Vale lembrar aqui o fato que ocorreu com a sua mais recente produção; o diretor precisava de um ator para o papel de Ramsés II de «Os Dez Mandamentos» e o encontrou num teatro de Broadway — Yul Brynner — DeMille assistiu a seu desempenho no palco por mais de uma vez e, depois de um prolongado estudo de sua personalidade, não teve dúvidas em contratá-lo. Aliás, o próprio diretor de «O Rei dos Reis» confessou que a primeira vez que entrevistou o famoso careca, sentiu-se diante de um verdadeiro rei; sua autoridade e seus gestos imponentes e sobretudo seu majestoso crânio luzidio o influenciaram de tal maneira que o produtor lhe deu imediatamente o papel do poderoso rei que viveu há cerca de 3.200 anos.

A vida profissional de DeMille é uma verdadeira epopéia dentro da sétima arte. Detentor de dois «Oscars» da Academia de Artes e Ciêr

PELO VIRUS DO DIVÓRCIO, TÃO COMUM NAQUELAS PLAGAS



(com «fala» e gestos) a Charlton Heston uma cena de «Os Dez Mandamentos». Dirigir não é só dar ordens; é também «executá-las»

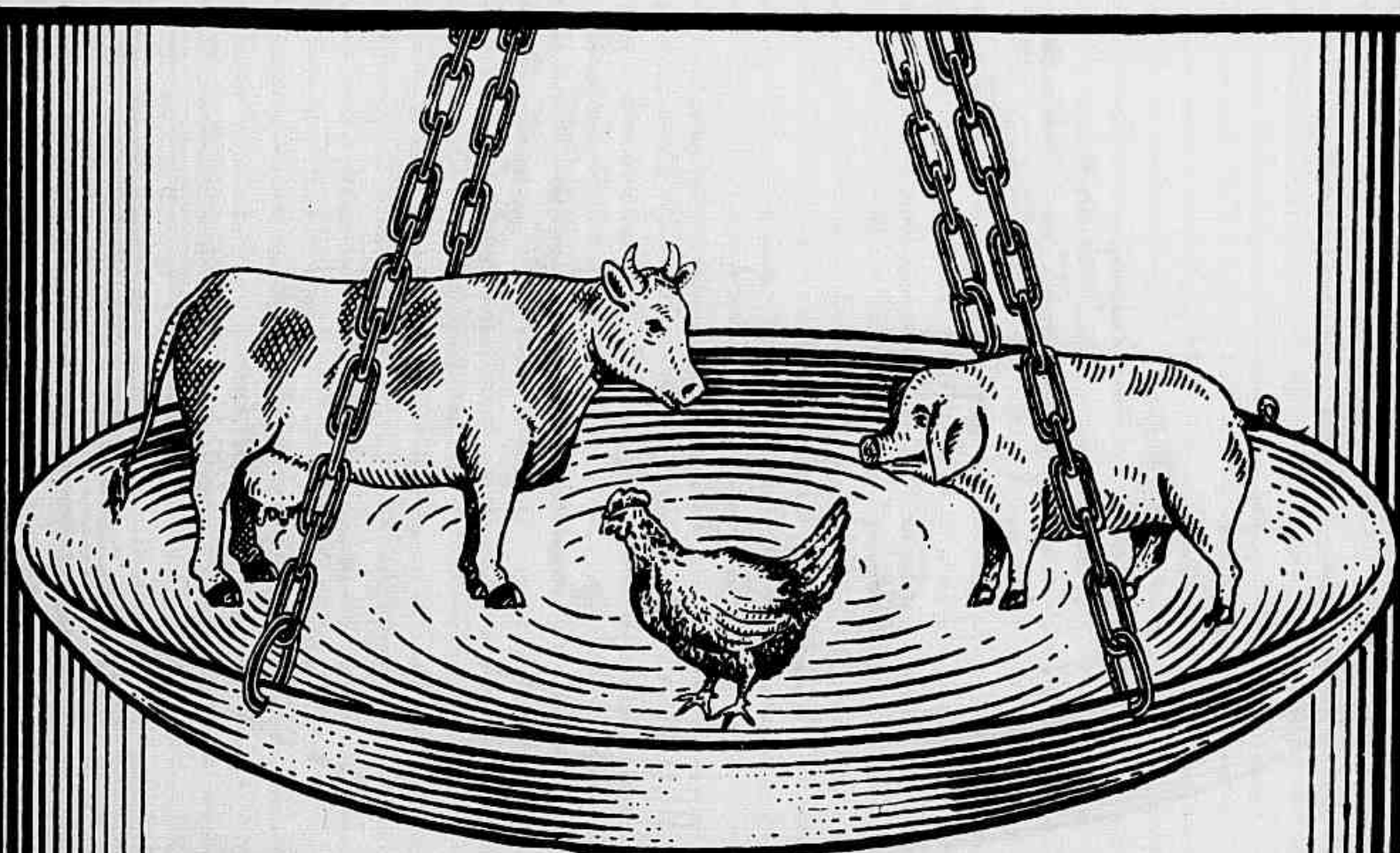
Texto de CARLOS A. NASCIMENTO

cias do Cinema; possuidor do «Prêmio Thalberg», pela alta qualidade de suas produções; homenageado com a «Coroa de Louros», pela Associação dos Produtores Cinematográficos; eleito pela sétima vez consecutiva «o melhor produtor-diretor de cinema», além de inúmeras laureas oferecidas por governos, inclusive citações do governo de Washington pelos relevantes serviços prestados à causa aliada durante a segunda guerra mundial, tornaram-no a mais eminente personalidade do cinema norte-americano. Sua filosofia na indústria cinematográfica é encarada como um exemplo para os jovens e um estímulo para os velhos. Sua obra atravessou as fronteiras de sua terra e se projetou no mundo na mensagem visual de sua filmografia de 30 mil metros de película.

Na vida íntima, DeMille é um dos raros homens de cinema que não foi atingido pelo vírus do divórcio, tão comum por aquelas plagas. É um dos poucos homens de Hollywood que se mantém ao lado da esposa há dezenas de anos. Casado aos 21, DeMille vive até hoje (durante 54 anos) junto de sua companheira, na mais perfeita harmonia. Assim é Cecil B. DeMille, o homem que criou Hollywood, o homem que lançou nomes na estrada da fama; que os viu subir, agigantar-se e desaparecer na bruma do tempo. O **jovem** de 75 anos ainda se mantém firme na sua cadeira de diretor e há quem afirme que DeMille viverá tanto quanto um dos personagens de sua última produção — Moisés — que, segundo a Bíblia, morreu aos 120 anos com a mais perfeita lucidez e vitalidade.



DAVID (PÔRTO RICO)
ADVERTE O GIGANTE
(ESTADOS UNIDOS)



DEVOLVENDO ao dono o seu pêso em OURO!



- TORTA COMPLETA Nº 1
(para vacas)
- TORTA COMPLETA Nº 2
(para porcos)
- TORTA COMPLETA Nº 3
(para pintos)
- TORTA COMPLETA Nº 4
(para frangos)
- TORTA COMPLETA Nº 5
(para galinhas)
- TORTA COMPLETA Nº 6
(para cavalos)
- TORTA COMPLETA Nº 7
(para coelhos)

ANIMAIS SADIOS
BONS PRODUTOS
BOM RENDIMENTO

• O Governador de Pôrto Rico, Luis Munoz Marin, pediu ao Governo dos Estados Unidos que seja menos «insensível» frente as aspirações humanas dos povos latino-americanos que vivem sob o regime de governos que não os representam. Convidado a escrever um artigo em substituição ao escritor Robert Allen, que se encontra de férias, para o serviço que distribui as crônicas do leste, Munoz Marin ressaltou que não defende que os Estados Unidos se imiscuem nos assuntos internos de um país latino-americano simplesmente porque não gosta de seu Governo. Assinalou, contudo, que os Estados Unidos não estão obrigados a «abraçar» os chefes autoritários nem «abrandá-los com presentes» nem aceitar seus «discutidos favores». Em troca, devem demonstrar a estes países que «nos mesmos temos princípios em que acreditamos e que conseguimos prosperar graças a eles».

Disse ainda que não há melhor lugar que Pôrto Rico para que os Estados Unidos demonstrem que o sistema de vida democrático pode conduzir à prosperidade. Acrescentou que isso é o que estão fazendo os Estados Unidos. Munoz Marin prosseguiu: «Por acôrdo comum, os Estados Unidos e Pôrto Rico aliviaram o espírito do povo de Pôrto Rico do opróbio do colonialismo, e este goza, agora, de uma situação de autonomia como estado livre associado com os Estados Unidos. Pôrto Rico elege suas próprias autoridades, faz suas próprias leis e criou seu próprio progresso, afastando-se da miséria. E isto foi feito numa cidadania comum com os Estados Unidos e com a bandeira destes ondeando ao lado da sua. Nos últimos anos, mais de 4 mil estudantes, funcionários e homens de negócios vieram a Pôrto Rico de todo o mundo (cêrca da metade da América Latina) para ver esta grande experiência de amistosa vida intercultural. Esta é uma grande recordação para a América Latina e todo o mundo de que os Estados Unidos acreditam na liberdade, a autodeterminação e a dignidade de todos os povos, grandes ou pequenos».

EU SEI TUDO (DE OUTUBRO)

- EXISTEM PESSOAS INSENSÍVEIS A DOR?
- SEIS HOMENS CONTRA O LEVIATÃ DA BÍBLIA
- O GÔSTO: MARAVILHOSO MECANISMO

PREÇO CR\$ 10,00

CO)
NTE
S)

Rico,
Go-
que
e as
novos
sob
to os
scre-
o ao
en-
rviço
este,
não
s se
s de
bles-
seu
que
bri-
au-
com
dis-
vem
que
em
gui-

hor
os
e o
ode
es-
tão
mu-
ôr-
e
do
do
ra,
nia
om
le-
az
ó-
da
ci-
os
es
úl-
n-
e-
le
le
a
a
a
g-
e
n
o
s,

SOCIEDADE

Por JEFF THOMAS



A condessa Modesto Leal, enquanto olhava as revistas era fotografada para a coluna de Jeff Thomas. Nota:
A condessa é fascinante, mas nada tem com essa história de: «Depois dos trinta» — (Foto de «A Noite»)

FASCINANTES SÓ DEPOIS DOS TRINTA



A loura Sueli Machado da Silva, uma das mais fascinantes colheitas de 57

SOCIEDADE



Em um «night-club» de Nova Iorque, o sr. Eduardo Tapajós e a beleza americana Moris



Vanja Orico, atualmente em Paris, continua adiando sua viagem ao Rio. Por que?

GOSSIPS

★ **COMENTA-SE** — Que a professora Rosinha Serzedelo Machado, que já foi pequena de vários (4) milionários paulistas, atualmente não é pequena de milionário nenhum. Apenas a nossa muito querida «Rose» é a pequena do homem de Televisão Bob Lacerda, ex-caso sentimental de sua mais íntima amiga: Verinha Dolabela. Coisa que está sistematicamente errado.

... que desta vez o eterno solteirão Francisco Eduardo de Paula Machado será mesmo pescado. Ela chama-se: Anna Bentes. O romance está decididamente sério. Agora quem não vai gostar dessa notícia é uma determinada senhora. E daí?

... que mais uma vez a temperamental beleza Ava Gardner tem um dissabor sentimental. Seu bem amado Walter Chiari, com quem pretendia casar-se, está apaixonado pela loura «Sabrina» inglesa, que é uma edição londrina de Marilyn Monroe em matéria de decotes provocantes. Miss Gardner transformou-se numa **insatisfeita**.

... que a jovem Gilda Chamma, depois que resolveu pôr um ponto final no seu curto noivado, anda sistematicamente bem cortejada.

... que a loura (muito Sophia Loren) Sueli Machado da Silva é decididamente uma das mais fascinantes colheitas de 57. Sueli está sem «date», mas não será por muito tempo.

... que o sr. José Madeira está decididamente em «love» com a bela Jerusa Pessoa de Azevedo.

... que a paulista Milu Loureiro continua sem «date». Até quando Milu?

... que o britânico (no vestir) deputado baiano Augusto Viana tem um novo caso sentimental. Trata-se de um bom partido meninas.

PORQUE ... o sr. Estélio Belchior resolveu inesperadamente acabar seu noivado com a

loura Suzana Pôrto, para reatar com a sua ex-espósa?

... determinadas senhoritas continuam tendo os seus nomes cortados das colunas sociais?

... o advogado Tarso de Abreu deixou de transitar pelos «night-clubs»?

... o ex-caso sentimental da Princesa Margaret, Lord Patrick Beresford resolveu, a exemplo do solitário Coronel Townsend, deixar a carreira militar?

... a Lilia de Sousa Gomes recentemente divorciada em Nova Iorque, (já morando no Rio) que continua saindo com vários «dates», ainda não se decidiu?

... a **Insatisfeita** quando dirige sua conversível, usa a capota descida até quando chove?

... Vanja Orico resolveu adiar sua programada viagem ao Rio?

... a **Insatisfeita** do Planalto não faz um regime?

... o Embaixador de Hollywood ultimamente não tem sido visto frequentando os salões do «high-society» carioca?

... o pacato solteirão José Siqueira ainda não casou?

... Baby Thomas me pediu para «snobar» determinada senhora paulista?

... **FASCINANTE** só depois dos trinta (30)?
STOP

SOCIAL SET

★ **FASCINANTES**, só... — O assunto que vou escrever para vocês, está provocando muitas discussões no «high-society» carioca, além de comentadíssimo. Trata-se do seguinte: Uma importante Senhora do «Estado-maior» do «high-society» conversando com o colunista, aconselhou-me a só publicar na minha lista das «Dez mulheres mais FASCINANTES do Brasil», aquela que tivesse no mínimo trinta (30) anos. A seguir peguei essa notícia e publiquei na minha coluna de «A Noite», e o negócio foi mesmo que mexer com barril de pólvora.

Meus telefones passaram a tocar com uma frequência record, eram as FASCINANTES opinando sobre o assunto em questão: umas prós, e outras contra. Acontece que o primeiro (prós) está vencendo o segundo, mas claro que com exceções, que no momento deixo de contar, para deixar vocês em «suspense». E agora, você, prezado leitor, o que acha do assunto em questão. Acha ou não que a mulher para figurar na lista das FASCINANTES precisa ou não, ter no mínimo trinta (30) anos? Fico aguardando sua respeitada opinião.



Leila Limpo de Abreu, morena, bela e sobretudo fascinante. Leila ainda não tem trinta. Mesmo assim sua participação na lista é decididamente necessária



Josefine Jordan é uma das mais fascinantes do «high-society». Tem uma filha de 23 anos (a famosa bailarina Dalal Aschar), mas seu fascínio é de dar «suspense»



Liza Veiga, loura esportiva e fascinante. Quando aparece no Country, seu fascínio é muito conhecido. Apesar de jovem, já tem uma filha com 13 anos

NEWS DOS ESTADOS

★ O VAIDOSO governador potiguar, Dinarte Maris, residente no Rio, onde aqui passeia pelos «night-clubs» e restaurantes de luxo, exibindo sua empáfia de grã-fino forçado, parecendo um homem civilizado, está transformando (daqui mesmo, porque lá vai só a passeio) seu Estado numa sucursal de Alagoas. É o que informa nosso correspondente. Lamentamos, porque esse sistema arbitrário de governar não se admite mais num país civilizado. Esperamos que o Governador em questão corrija-se com a devida brevidade.

★ Na «soirée-snob» do outro sábado, em Belo Horizonte o Minas Tênis Clube aconteceu com seu tradicional «Baile da Primavera». Foi uma grande promoção para o jovem «high-society» local, que tem no Minas Tênis o seu clube preferido.

★ Ainda das ALTEROSAS, foi comemorado com uma pomposa recepção, a união matrimonial da srta. Ila Correia com o paulista João Didier. A presença mais comentada foi a do Ministro José Maria Alkmin, que funcionou como padrinho da noiva.

★ O nosso muito conhecido Jair Negrão de Lima está decididamente residindo em Belo Horizonte. Existem umas beldades cariocas reclamando essa mudança. É o que se comenta.

★ Em PÓRTO ALEGRE, ao que parece, a colunista Gilda Marinho de «A Hora», deixou esse setor de atuação. Em seu lugar, está um novo colunista que se assina Ruy.

★ De FORTALEZA, sou informado que o colunista Eutímio Moreira comemora dia 5 de outubro, no Ideal Clube, com «champanhotas geladíssimas» o seu primeiro aniversário de coluna social, no vespertino «O Povo» e no Rádio Iracema. «Congratulation».

★ Lia Pires de Castro, «Miss Ceará», não tem atualmente nenhum caso sentimental para re-

gistro nas colunas de «Gossips». Trata-se de uma beldade muito fascinante.

★ Falando em fascinante, é bem provável que uma cearense venha participar da minha lista final das «Dez mulheres mais fascinantes do Brasil». Espero.

★ De RECIFE, numa recente manhã de sol, na praia de Boa Viagem, muitos banhistas surpreenderam-se redondamente pensando que era um «Disco Voador», mas não era. Trata-se do «play-boy» Fabiano Veras, no volante da sua Ferrari (último tipo) em companhia de uma fascinante loura de cabelos soltos.

★ Falando da chamada «Veneza» da América do Sul, o Clube preferido pelo «high-society» local é o Internacional. No clube em

questão, segundo o meu informante, precisa com urgência diminuir o excesso de iluminação em suas grandes promoções de gala, onde muitos presentes chegam a sentirem-se numa manhã de sol fortíssimo.

★ Encerro essas «News dos Estados», e fico aguardando novos Boletins de seus categorizados colunistas.

★ No momento em que escrevo esta coluna estou com uma forte «asiática», acamado aqui na minha «suite» do Hotel Glória.

★ Como vocês já sabem minha pista em outubro é Paris, onde tenho um encontro marcado com o «high-society» internacional.

Até a próxima.



Este é o vaidoso Governador Dinarte Maris que reside no Rio, onde passa por «grã-fino» (?). Entretanto está transformando o seu Estado em sucursal de Alagoas. Sem comentários. À direita: A fascinante Lia Pires de Castro, Miss Ceará, que está sem «date». Até quando?



INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



APRENDA A DANÇAR

Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero —
Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango —
Mambo — Baião — Choro — Valsa — Fox — em ape-
nas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino For-
naciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já
em 8ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que
permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem pro-
fessor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Pos-
tal, 649 — São Paulo, Cr\$ 110,00. — Encontra-se também
à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo.
O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado
de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs.
à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 —
São Paulo.

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 179.107.824,70

SEDE: RUA BUENOS AIRES, 144/148 — TELEFONE: 43-8966

End. Telegr.: «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGENCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 135 — AGENCIA TIJUCA:
Praça Saenz Peña, 9 — AGENCIA SÃO CRISTÓVÃO: Rua São
Luiz Gonzaga, 173 — AGENCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo,
367 — AGENCIA URUGUAIANA: Rua Uruguiana, 7 — AGENCIA
COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGENCIA
MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

SUCURSAL NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.



A ASTROLOGIA É UMA CIÊN-
CIA POSITIVA. Todos têm épocas
favoráveis em sorte, negócios, amiza-
des etc. Porém nem todos conhe-
cem as suas oportunidades. Conheça
os meios de vencer os obstáculos da
sorte enviando SOMENTE O ENVE-
LOPE SELADO COM SEU ENDE-
REÇO e data de nascimento para
P. EMTE — Caixa Postal, 1.141 —
Porto Alegre — Rio Grande do Sul
e receberá grátis, e sem compromis-
so, a resposta do seu interesse.

NOEL ROSA

(Continuação da pág. 38)

Quanto ao famoso caso de «esconder parceiros», que tem apaixonado a opinião pública — em sã consciência, eu nada posso afirmar. Uma coisa devo declarar: Noel Rosa era um bom sujeito, honestíssimo e, sobretudo, um grande amigo.

◇ O DEDO E O GIGANTE (Marília Batista)

— «Não há motivo para insistir sobre o valor de Noel Rosa. Todos sabem que suas músicas fazem parte do que se pode considerar de «clássico popular».

Basta examinar a obra musical de Noel, para que logo se perceba que ele era um grande compositor, com inspiração e originalidade — um sambista completo. Autor que, com menos de vinte anos de idade, surgiu com um samba da categoria de «Com que roupa» — não precisava, evidentemente, de parceiros para compor obras primas da música popular.

«Com que roupa» é um «dedo» pelo qual é fácil conhecer o gigante. Os parceiros ocasionais de Noel Rosa não acrescentaram nada à sua glória, nem aumentaram a fecundidade de sua obra artística. É inadmissível e absurda a idéia de que ele, desonestamente, ocultava seus parceiros eventuais. Aliás, nada, absolutamente nada, impediria que após sua morte — esses mesmos parceiros continuassem a produzir grandes músicas. Se não o fizeram, está mais do que claro — é porque não tiveram a necessária inspiração. Se a tiveram, produziram. Se essas obras não apareceram, devem estar sigilosamente guardadas para um lançamento que algum dia produzirá eleito estrondoso.

O artista é julgado pela sua obra e não pela habilidade ou veemência de suas reivindicações.

Sobre a diferença que há entre a gravação de «Último desejo» e a música original: os enganos, os erros, são comuns em toda espécie de atividade humana. Grandes sábios, grandes pensadores, grandes generais, grandes políticos, grandes escritores, grandes técnicos, sempre cometeram, em todas as épocas, erros de toda natureza. Seria estranho se o mesmo não pudesse acontecer com os cantores populares e suas gravações. Uma distração, um cochilo, e aparece uma falha na gravação.

Esses enganos, esses erros, essas falhas, em nada diminuiu, a meu ver, o valor de uma grande cantora, mormente quando esta foi consagrada popularmente por longos anos de atividade artística.

◇ NÃO LEVO FLÁVIO A SÉRIO (Jair Amorim)

A minha opinião pessoal a respeito de Flávio Cavalcanti: ele quer fazer movimento em torno de si mesmo e do programa que apresenta na televisão. Nem o Vadico nem ninguém poderá se sobrepor à glória de Noel Rosa. Li uma crônica de D. Dinah Silveira de Queiroz, onde ela dizia: «O Vadico não podia deixar de reclamar, mas não devia ter dito que a glória do Noel o obscurecia».

Deixei de levar a sério o sr. Flávio, desde o dia em que ele se atreveu a criticar versos de Castro Alves. Quanto ao Vadico, a verdade é que, depois da morte do Noel, ele não compôs nenhuma música de sucesso.

◇ PREFIRO NÃO FALAR (Vicente Vitale)

— «Não quero intervir neste assunto. Minhas declarações complicariam várias pessoas e fariam com que o caso em questão se arrastasse por mais tempo. Prefiro não falar, pois iria mexer com muita coisa que está encoberta.

◇ O VADICO FAZER ESSE PAPEL! (D. Lindaura, viúva de Noel)

É um assunto que não se discute. Noel nunca precisou lançar mão desse recurso (esconder parceiros) para ser um grande compositor. Para ele não representava problema fazer quantos sambas quisesse, sem auxílio de co-autores. Fiquei admirada de ver o Vadico fazer esse papel triste, apoiando uma campanha desonesta contra Noel Rosa. Apoio decididamente o trabalho de Almirante (o único amigo de Noel que está se empenhando para provar a inocência de meu marido) no sentido de desmascarar acusações falsas e traições imperdoáveis. Quero estar cara a cara com Vadico para lhe dizer umas verdades! Noel já morreu há tantos anos, e agora é que Vadico quer difamá-lo? Ele deve estar bem lembrado que Noel tinha prazer de fazer letras e dá-las graciosamente para outros compositores.



— Queremos ainda lhe fazer uma pergunta, D. Lindaura: A senhora se julga explorada no pagamento dos direitos autorais deixados por Noel Rosa?

— «A exploração é geral. Infelizmente eu não posso controlar exatamente a quantas andam os meus direitos autorais. Pela quantidade de músicas e pela execução das mesmas em bailes, boites, rádio e televisão, tenho certeza absoluta de que esses direitos vão muito além...

◇ NOEL OFUSCA (João de Barro)

Se é verdade que Noel Rosa escondia seus parceiros? — Noel, não. Agora, é possível que a grandiosidade do seu nome, em determinados casos, ofuscassem seus parceiros menos brilhantes. Quanto à campanha de Flávio Cavalcanti na televisão — no caso Noel Rosa x Vadico — acho que é um lamentável engano do sr. Flávio, e que, infelizmente, e apesar de todas as provas em contrário, ele teima em não reconhecer.

o
a
o-

os
le

a
-
a-
o-
la

e.
ua
d-
us
ós
es
ão
as
am

e-

a
de
ne-
co-
ho
as
ra-

eu
on-

uer
nta
ria
ela
lito

tre-
e é
de

ica-
sse
que

oel)

nã
ara
sem
pa-
oio
que
sen-
ero
l já
leve
gra-

nora
por

exa-
lade
o e
uito

Noel,
eter-
to à
sa x
in-
nã



MUITAS VEZES, Genaro de Carvalho emprega o modelo vivo em suas composições. Do modelo vivo, éle copia para o papel os motivos. Os cartões são entregues às tecelãs, que afinal executam os tapêtes

GENARO E SUA TAPEÇARIA (QUASE) MÁGICA

Reportagem de JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE



DO ENCONTRO COM TAPÊTE MEDIEVAL (NUM MUSEU) AO ATELIE

FOI EM 1949, em Paris — onde estudava pintura, com Léger e André Lhote —, que o moço Genaro de Carvalho chegou à conclusão de que deveria dedicar-se de preferência à tapeçaria. Não só suas tendências artísticas eram de ordem decorativa, como também já havia, em Paris e no mundo, pintores em demasia. Enveredaria, portanto, pelos caminhos da arte dos **Aubusson** e dos **Gobelins**; conheceria Picart le Doux, Coutand, o famoso Lurçat. E ao regressar à sua cidade natal de Salvador, na Bahia, haveria de fundar um atelier de tapeçaria — o primeiro da terra. Mas fazer **Aubussons** e **Gobelins** no Brasil seria ingenuidade: aqui faltam não só os artesãos indispensáveis à façanha, como totalmente, a tradição sobre a qual se baseia a confecção daquelas peças famosas. No máximo seriam conseguidas imitações grosseiras. Mas isso, Ge-

naro não queria. — E então, eis que se dá o inesperado: um dia, visitando o museu de Cluny, depara-se êle com um tapêto medieval, inteiramente feito a mão, diferente de tudo quanto, no gênero, tinha visto até então. Era um exemplar da tapeçaria «aguie sur Canevas», executada por artesãos anônimos, em enormes ateliers de há muito cerrados. Não constituía a obra de um único indivíduo, mas o trabalho conjunto de vários. Em seu caderno de apontamentos, Genaro desenhou a malha da velha peça, e a maneira como o fio colorido era introduzido, nela, para fazer a trama.

No ano seguinte, Genaro desembarcava em Salvador. Na cabeça levava planos para a fundação de seu atelier de tapeçarias. Mal chegado, ia estabelecendo contacto com as rendeiras e tecelãs populares, identificando-



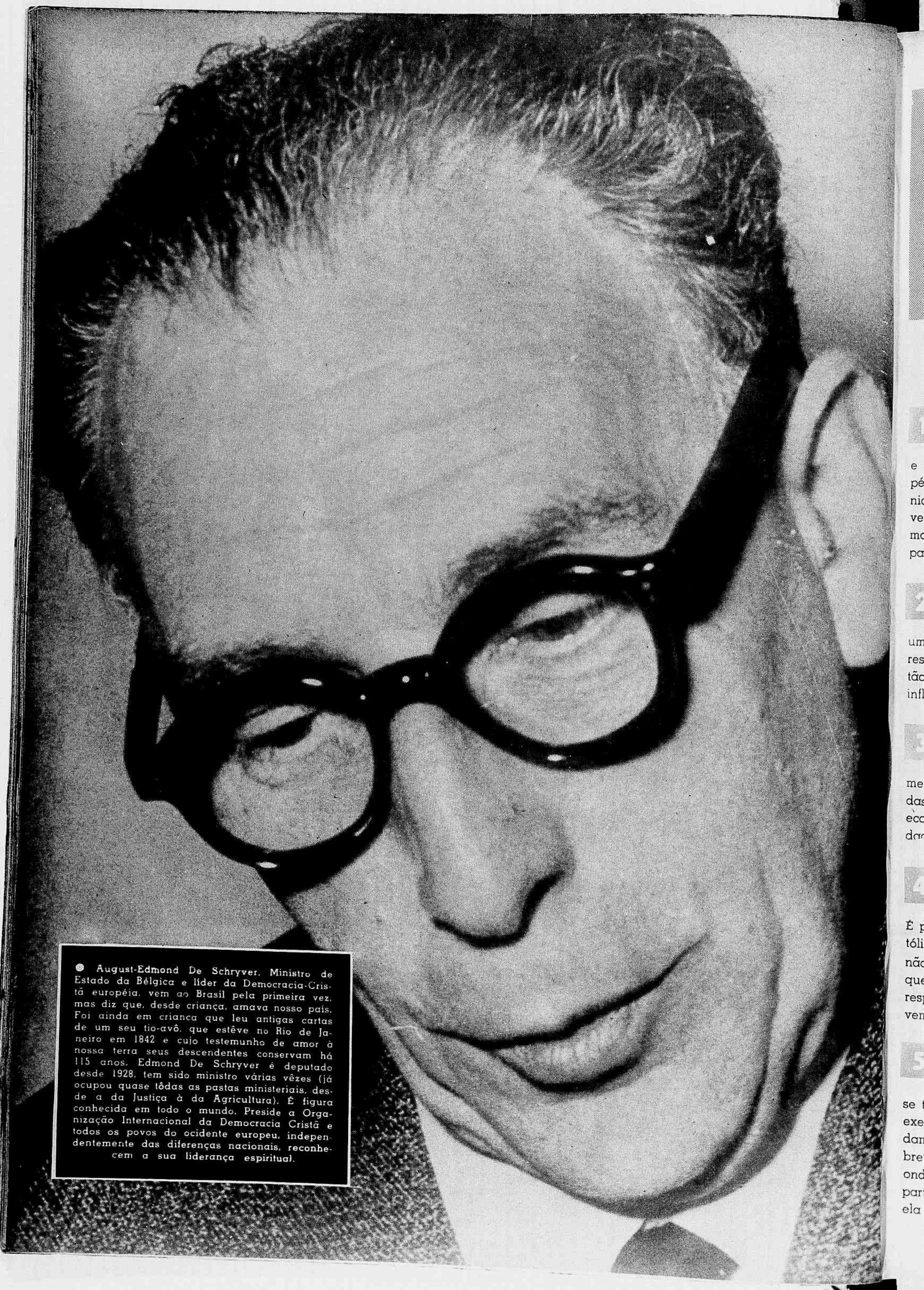
DO CAMPO GRANDE, SALVADOR

se com os temas nacionais, olhando, deduzindo, aprendendo. Logo depois, com um grupo de três jovens tecelãs, dava início à sua oficina de tapeçaria brasileira, em Campo Grande, Cidade do Salvador. O resto da história é conhecida: Genaro tem hoje sob suas ordens nada menos de trinta e seis tecelãs. Seu nome e boa tapeçaria são sinônimos, mais ainda depois que Lurçat, após visitar o atelier de Campo Grande, proclamou aos quatro ventos a excelência da arte do moço baiano.

Exposições foram por êle realizadas em várias cidades do Brasil. E no ano vindouro, Genaro voltará a Paris. Já não como estudante. Mas para mostrar aos franceses sua tapeçaria brasileira. Descendente da medieval gaulesa, de Canevas, de Aubusson, de Gobelin. Mas brasileira pela cor, pelo sentimento, pela temática eminentemente nacional.



AO ALTO, à esquerda, o velho prédio de Campo Grande, em Salvador, onde Genaro de Carvalho estabeleceu seu atelier de tapeçaria. Em baixo, um grupo de tecelãs — recrutadas por Genaro entre gente do povo — dá os últimos retoques numa nova peça. Acima, um dos belos tapêtes do jovem artista baiano: «Sol matutino, fôlhas mortas e fôlhas vivas». Genaro de Carvalho é o renovador da tapeçaria brasileira.



● August-Edmond De Schryver, Ministro de Estado da Bélgica e líder da Democracia-Cristã européia, vem ao Brasil pela primeira vez, mas diz que, desde criança, amava nosso país. Foi ainda em criança que leu antigas cartas de um seu tio-avô, que esteve no Rio de Janeiro em 1842 e cujo testemunho de amor à nossa terra seus descendentes conservam há 115 anos. Edmond De Schryver é deputado desde 1928, tem sido ministro várias vezes (já ocupou quase todas as pastas ministeriais, desde a da Justiça à da Agricultura). É figura conhecida em todo o mundo. Preside a Organização Internacional da Democracia Cristã e todos os povos do ocidente europeu, independentemente das diferenças nacionais, reconhecem a sua liderança espiritual.

e
pé
nic
ve
ma
pa

2
um
res
tão
infl

me
das
eco
dra

É p
toli
nã
que
resp
ven

5
se t
exe
dan
bre
ond
par
ela

EDMOND DE SCHRYVER

(DEMOCRACIA CRISTÃ)

EM DEZ RESPOSTAS

Entrevista concedida a FRED GUIMARÃES

- 1 — ESTOU AQUI para conhecer a situação dos partidos cristãos na América Latina. Mas, desde já, diria que os latino-americanos defensores do ideal social e democrata cristão podem aproveitar a experiência européia, que é o melhor que podemos oferecer-lhes, nos domínios político, social e econômico. A experiência européia deverá ser aplicada às condições americanas. A Europa Democrata-Cristã deverá ser, apenas, uma fonte de inspiração para a América Latina, nunca uma sugestão para cópia.
- 2 — MINHA VINDA AO BRASIL, onde assistirei ao Congresso Democrata Cristão de São Paulo, decorre da criação, em Paris, em novembro do ano passado, de um comitê intercontinental para o estabelecimento de maiores contactos com os partidos democratas e socialistas-cristãos da América Latina, e a conseqüente extensão do raio de influência das "Nouvelles Équipes Internationales".
- 3 — DEMOCRACIA-CRISTÃ, na Europa, é o conjunto de movimentos conduzidos por cristãos (católicos, protestantes, ou ortodoxos), que querem concorrer efetivamente para o aprimoramento da sociedade humana através das soluções adequadas dos problemas sociais, políticos e econômicos, com um espírito de coesão nacional e solidariedade internacional.
- 4 — É FORA DE DÚVIDA que os partidos democratas cristãos mantêm relações com a Igreja. Mas a Democracia Cristã não é um setor da organização religiosa. É preciso não confundi-la com associações como a Ação Católica, por exemplo. Os partidos democratas e social-cristãos não são seções da Igreja, mas agrupamentos de cristãos que querem trazer à vida pública um ideal de solidariedade e respeito humanos. As convicções religiosas dos cristãos devem, necessariamente, levá-los às realizações sociais.
- 5 — O TIPO DE RELAÇÕES entre a Igreja e os partidos difere de país para país. De um modo geral, a Igreja Católica fica fora das lutas políticas. Contudo, Roma se tem pronunciado sobre questões sociais. As Encíclicas, por exemplo, encerram esses pronunciamentos, e são a base fundamental dos partidos democratas e socialistas-cristãos, sobretudo nos países essencialmente católicos. Já em um país onde a religião oficial é a protestante, como a Holanda, os partidos católicos existem mais em função da Igreja, com ela estabelecendo relações mais estreitas.
- 6 — OS TRABALHOS DAS LIGAS cristãs abrangem tanto os setores social e econômico, através de sindicatos de operários, artesãos, classe média e patrões cristãos, como o setor político, através de partidos, chamados democrata-cristãos, socialistas-cristãos, ou diferentemente. A denominação varia de país para país. Na Alemanha, há a União Democrática Cristã; na Itália, a Democracia Cristã; na Áustria, o Partido Popular Austríaco; na Bélgica, o Partido Socialista Cristão — para dar alguns exemplos.
- 7 — A PENETRAÇÃO DO IDEAL político e social dos democratas cristãos na Europa, vem-se operando progressivamente, sobretudo a partir de 1945. Na Bélgica, onde isso se fez sentir de modo mais marcante, os sindicatos cristãos são tão numerosos quanto os sindicatos socialistas, incluindo-se, entre estes últimos, os de caráter comunista, aliás proibidos por lei. Antes da II Guerra Mundial havia 100.000 sindicalizados cristãos. As últimas estatísticas, de 1955, indicam haver aquele número atingido 653.632.
- 8 — OS DEMOCRATAS CRISTÃOS venceram a oposição dos protagonistas mais fervorosos da integração européia, através dos chefes de seus partidos: como De Gasperi, na Itália; Schuman e Bidault, na França; Adenauer, na Alemanha; Figl, na Áustria; na Bélgica, principalmente Von Zeeland. Mas o ideal cristão foi bem mais forte, conseguindo-se criar a União das Democracias Cristãs da Europa Ocidental, ou seja, as "Nouvelles Équipes Internationales", de sou o atual presidente. O nome revela nosso programa: trabalho de equipe, conjunto.
- 9 — A FÔRÇA DOS PARTIDOS democratas e socialistas cristãos está cada dia mais patente nas decisões políticas de países da Europa Ocidental. Na Alemanha, a União Democrática Cristã é o partido mais importante. Na Itália, na Áustria, na Bélgica, o mesmo se verifica. Na França, o Movimento Republicano Popular é uma nova formação que está entre os 4 partidos mais fortes daquele país.
- 10 — O XX CONGRESSO do Partido Comunista da União Soviética de fevereiro de 1956, (Moscou) e as decepções para as classes trabalhadoras, dêle decorrentes, não constituíram fator importante para maior crescimento dos partidos democratas e socialistas-cristãos. Ao contrário, cresceram em número de membros, os partidos de tendência socialista.

MALAIA

MENOS UMA

NAÇÃO

SUBJUGADA



Pescador das costas malaias (à direita). A maioria da população de beira-mar vive da pesca ou da indústria pesqueira. — Praça do Mercado em Kuala Lum-

pur, Es-
derna.

Proclamada a soberania da Federação 31 de

A MALAIA é o último país do mundo a proclamar sua independência. Desde 31 de agosto um Yang Diportuan Agont (Chefe Supremo) exerce a soberania, em nome dos Príncipes Indígenas que governam cada um dos Novos Estados da Federação. Na jovem nação de pescadores e seringueiras levadas da Amazônia, Sua Majestade a Rainha Elizabeth II é soberana apenas nos estabelecimentos de Penag e Malaca, que permanecem britânicos. Tunku Abdul Rahman, educado na Inglaterra, é o Yang Diportuan Agont. A Constituição atual da Malaia repousa no tratado assinado, em 1948, por Sua Majestade o Rei George VI e pelos soberanos malaio, em cujo preâmbulo se dizia que era desejo de todos «ver a evolução do país no sentido da autonomia».

A TERRA

Há duzentos anos a Malaia era uma terra de rios e florestas impenetráveis, de pirataria e pescaria, habitada por homens que vi-

viam,
rios. A
repres
sucess
cais p
zes, p
do de
Malac

O A
Ent
da A
gem
1877.
foram
tituinc



pur, Estado de Selangor. É a capital da Federação e tem muito de cidade moderna. — Perto de Kuala Lumpur, em Selangor, dois homens recolhem coco de

uma palmeira anã. Mais tarde extrairão óleo. Malaia poderá viver independentemente explorando produtos naturais, garantindo assim sua liberdade econômica.

31 de agosto - País de minas, pescaria e seringueiras contrabandeadas do Amazonas

viam, prematuramente, em comunidades semi-isoladas, junto aos rios. A descoberta de minas de estanho no nordeste (estas minas representam, hoje, um terço da produção mundial) trouxe ondas sucessivas de mineradores chineses. Vieram indianos. As tribos locais passaram a ver a riqueza do subsolo e começaram lutas ferozes, pela posse das minas. As lutas provocaram a gradual extensão do domínio britânico, que partiu dos estabelecimentos de Penag, Malaca e Singapura, até cobrir todo o país.

3 A SERINGUEIRA

Então veio a borracha. Mudas de seringueira, contrabandeadas da Amazônia (de onde algumas sementes foram levadas na bagagem de um expedicionário científico britânico) foram plantadas em 1877. Hoje seus descendentes cobrem, somente na Malaia (também foram para o Ceilão e Singapura) quatro milhões de acres, constituindo uma das riquezas do país. Milhares e milhares de índios

acorreram às plantações. Hoje a Federação Malaia abriga, sem discriminações, nativos e chineses, indianos e indonésios, todos atraídos pelo estanho e a seringueira.

3 A INDEPENDENCIA

Veio a II Guerra Mundial. Cinco anos de sofrimentos sob a ocupação japonesa. Anos mais tarde, o movimento armado comunista. Em 1955, terminada a rebelião, houve eleições, vencendo o Partido da Aliança, cujo programa reclamava «novos progressos constitucionais em data próxima». Em 1956 houve uma conferência para decidir o futuro político da Malaia. No ano seguinte constituiu-se uma comissão, presidida pelo lord inglês Reid, que elaborou a Constituição do país. E a Constituição entrou em vigor, pacificamente, a 31 de agosto, sob o olhar dos Duques de Gloucester, representantes da Rainha Elizabeth II; a Malaia tornou-se independente e Tunku Abdul Rahman é o Chefe Supremo.

QUEM É VOCÊ?

● **SERENA** — 23 anos — solteira. Nada de atitudes drásticas. Você é impulsiva e costuma tomar atitudes das quais vem se arrependendo logo depois. Você ainda é muito moça. Tem procurado, reconheçamos, assumir uma posição mais tranqüila e conciliadora. Continue assim que conseguirá ser admirada e respeitada.

● **GUSTAVO AZUL** — 29 anos — casado. Infância sem problemas, na companhia dos pais que foram seus maiores amigos. Adolescência perturbada por problemas econômicos. Atravessa agora uma fase de grande depressão emocional. Sua vida afetiva pode ser regularizada se Você olhar seu lar com maior carinho e perceber a solidão em que deixou sua mulher.

● **TABAJARA** — 18 anos — (casado?). Que há com você? Procure forças para resolver a situação criada por culpa sua. Vai bem no trabalho. Já pode assumir responsabilidade dos atos praticados. Já não é nenhum garoto. Procure usar a cabeça e raciocinar com calma. Está vivendo os momentos mais importantes de sua vida. Não fuja dos compromissos assumidos. Você já usa calças compridas e se fez coisas que não deveria ter feito procure de agora em diante agir corretamente para acertar a situação.

● **CRISTIANA** — 21 anos — solteira. Isso mesmo, Cristiana. Seja sempre assim. Você apesar da idade tem caráter e sabe o que quer. É realmente uma boa filha. Seu teste revela ainda força de vontade e perseverança.

● **SERAFIM** — 27 anos — casado. Não troque a afeição de sua mulher e de seus filhos pela de pessoas estranhas a seu lar. Você tem uma personalidade bastante controvertida. Cheia de ele-

mentos negativos e positivos. Não deixe que o bar estrague sua vida de casado que agora está começando a apresentar os primeiros problemas. Ou você pensa que na vida tudo são alegrias?

● **ANDRÉ BARTOLD** — 25 anos — solteiro. Você acha que não recebeu na infância os mesmos cuidados e afetos de seus irmãos. Está cultivando inútilmente um complexo de rejeição. Procure fazer uma análise de sua infância e adolescência e coloque as coisas no lugar. Ainda é tempo de restabelecer os laços que o uniam à sua família.

● **FERREIRA DE CASTRO** — 45 anos — casado. Personalidade marcante. Homem de estudo e cultura. Apesar de tudo é um passional. Use de seus conhecimentos para dominar seus impulsos. Profissionalmente vitorioso. Sabe conduzir seus passos mas tropeça às vezes em pequenos problemas amorosos.

● **CASTORINO** — 22 anos — solteiro. Muito obrigado pelas palavras de apoio que enviou a esta nova seção da REVISTA DA SEMANA. Você como estudante de Psicologia sabe muito bem o quanto os testes podem dizer das possibilidades de cada um de nós. Você é extrovertido. Excessivamente afetivo. Sabe ver as coisas com clareza e objetividade. Sua infância foi perturbada pela perda dos pais. Soube reagir com segurança e não sofreu traumas de conseqüências mais sérias.

● **PEDRO SÓ** — 26 anos — casado. Infância tumultuada. Você perdeu os pais muito cedo e teve que enfrentar a vida sem ajuda de ninguém. Até agora tem sido muito difícil vencer os obstáculos. Mas suas qualidades pessoais estão fazendo com que você consiga o que deseja. Procure se controlar e dominar os nervos.

● **MARIA ISABEL** — 30 anos — solteira. Gênio impulsivo e autoritário. Nos raros momentos de tranqüilidade emocional consegue admitir que precisa mudar de atitude sendo mais humana e compreensiva. A solidão tem sido seu maior tormento. Procure estar em companhia de gente alegre e jovial. Faça amigos e fará sua felicidade.

● **PROUST** — 18 anos — solteiro. As leituras estão prejudicando sua visão do mundo. Você ainda não tem formação intelectual para enfrentar autores da envergadura do que serviu para seu pseudônimo. Procure livros mais acessíveis. Faça as pazes com sua família que você ainda precisa dela. Não abandone os estudos que os gênios não se improvisam.

● **MARIANGA** — 47 anos — viúvo. Temperamento extremamente extrovertido. Modere sua vida social que o senhor já não é nenhum jovem. Cuide da saúde e passe a ver a vida sob um ângulo mais construtivo. Dê maior atenção aos seus filhos que estão necessitando de seu apoio. Não basta estar preocupado com eles, é preciso dar todo apoio material e afetivo.

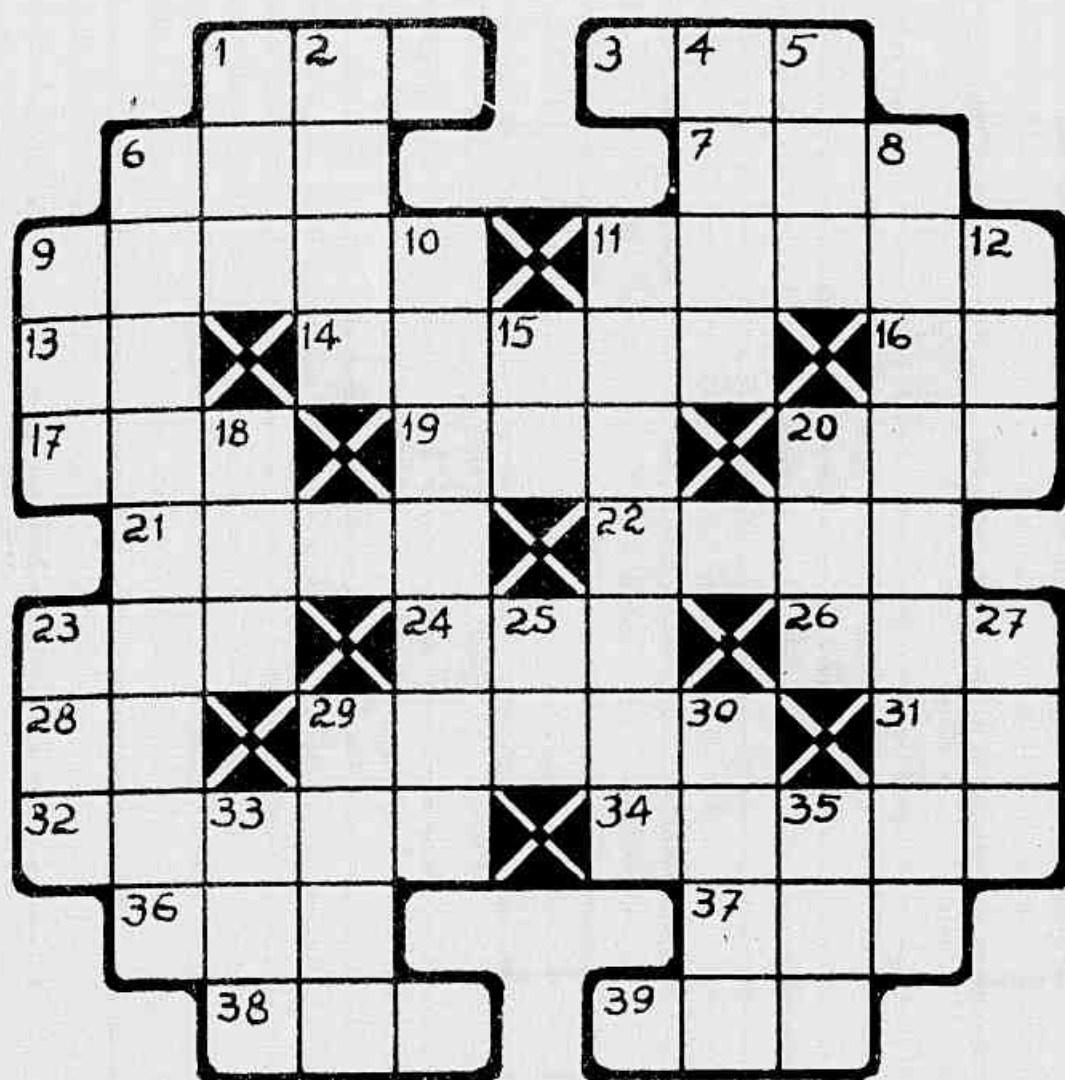
O TESTE QUE REVELARÁ SUA PERSONALIDADE

Tome uma folha em branco, sem pauta. Faça a lápis, o seguinte:

- uma árvore
- outra árvore
- desenhe sua família a passeio, em bonequinhos. Numere as árvores e escreva qual a primeira e qual a segunda. Coloque a identificação das pessoas em relação a você (minha mulher, meus filhos, minha mãe, etc.)

Assine com pseudônimo. Escreva sua idade, sexo, estado civil e envie para: Revista da Semana — «Quem é você?». Rua Visconde de Maranguape, 15. Distrito Federal. Nas próximas semanas você encontrará aqui sua resposta.

PALAVRAS CRUZADAS



Qtaner - Rio

PROBLEMA Nº 1

HORIZONTAIS: — 1. Agrupamento familiar primitivo — 3. — Pagos 6. Culpado — 7. Pequena ilha do grupo das Filipinas — 9. Elemento grego designativo de branco — 11. Fazer grande estrago — 13. Mi-bemol, na notação alemã — 14. Que não produz madeira (planta) — 16. Equivalente latino de "bis" — 17. Armação de cordas que sustenta o balanço — 19. Gana — 20. Templo japonês — 21. Sistema de organização maçônica — 22. Zombavam — 23. Confia — 24. Pajé — 26. Pessoa de mau caráter — 28. Em a — 29. Até agora — 31. Símbolo química do sódio — 32. Publica — 34. Dialeto da língua pareci — 36. Nome próprio masculino — 37. Senhor — 38. Uma das partes da dobradiça — 39. Curiango.

VERTICAIS: — 1. Firmamento — 2. Raineta — 4. Quebradiço — 5. Povoação da Hungria, distrito de Neograd — 6. Camada de terra existente sobre lajedos — 8. Súplica — 9. Vagar — 10. Vista penetrante — 11. Gritaria — 12. Embocadura de rio — 15. Pai de Hupim e Supim — 18. Camareira — 20. Abismo — 23. Espécie de embarcação japonesa de uma só vela — 25. Prefixo designativo de negação, ausência — 27. Bonzo — 29. Decisão do poder; feitos — 30. Cultivar — 33. Pedra — 35. Íntimo.

NOTA — Reiniciando a nossa secção de PALAVRAS CRUZADAS, interrompida por espaço de alguns meses, resolvemos, em consideração ao grande número de leitores que sempre nos distinguiram com a sua atenção e a título de estímulo, distribuir lembranças aos que nos enviarem soluções dos problemas que forem sendo publicados. Assim, a um dos solucionistas que nos enviarem, até 2 de novembro p. f., as soluções certas do problema deste número, será ofertado um exemplar de interessante livro. As soluções, que serão enviadas no desenho do problema publicado, deverão vir acompanhadas do nome e endereço bem legível do solucionista.

Tôda correspondência deverá ser remetida para:

PALAVRAS CRUZADAS
Redação da REVISTA DA SEMANA
Rua Maranguape Nº 15 — 1º — LAPA

PUXE PELO CÉREBRO

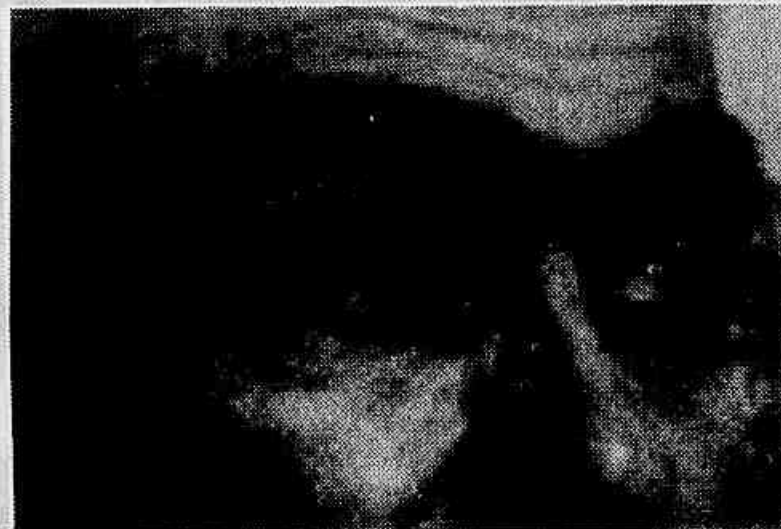
Faça uma forcinha e veja se consegue descobrir quem são os escritores que ilustram esta coluna. As legendas estão propositalmente trocadas. Coloque-as nos lugares certos e tudo estará facilitado, faltando apenas os nomes.



Se você já ouviu falar em João Ternura acertará imediatamente. É o autor de Vila Feliz. Acaba de sair um livro seu: Cadernos de João. Tem uma filha famosa: Maria Clara Machado. Bem, agora já ficou fácil demais.



Poeta Nordestino. Escreveu Cana Caiana. É autor daquele conhecido poema que diz: «hora de trabalhar? Pernas pro ar que ninguém é de ferro.»



Ganhou o prêmio Nobel de literatura em 1929. Descende de antiga família de Lübeck. É alemão. Entre outros livros é o autor de «A Montanha Mágica».



Seus personagens estão sendo acusados de agentes subversivos de Moscou. Coitadinha da Emilia, jamais pensou que isso viesse a acontecer.



O momento solene das decisões. Tôda essa meia lua que circunda o palanque de Billy Graham está a um minuto

Um pastor atômico arrebanha
carneiros nos Estados Unidos

BILLY GRAHAM

Texto de NELSON COELHO (Correspondente da REVISTA DA SEMANA

«Tôdas as vêzes que vejo meu nome em grandes letras luminosas, fico com o coração doente, porque Deus disse que não repartirá sua glória com nenhum homem», declarou recentemente êsse novo ídolo americano que é Billy Graham. E sendo assim, seu coração deve sofrer muito, pois poucos nomes como o dêle foram até hoje tão trabalhados pela publicidade, aparecendo com tanta frequência, intensidade e tamanho nos jornais, televisões, cartazes, revistas, folhetos, em todos os veículos modernos de divulgação.

A história do evangelismo americano já apresentou líderes semelhantes, especialmente dotados de força suficiente para sacudir a massa popular. Dwight L. Moody, em 1876. Billy Sunday e Aimee Semple McPherson em nosso século, na década de 20. Mas Billy Graham é outra coisa. Sua técnica foge a todos os padrões até hoje utilizados por qualquer pregador de qualquer religião, de tôdas as partes do mundo em qualquer tempo. Vejam por que.

«Eu acredito no produto e sinceridade é a parte principal na venda de qualquer coisa,

incluindo o Plano Cristão de Salvamento.» Esta frase, dita por Billy Graham há muito tempo, resume em certo aspecto sua **profissão de fé** e é a chave de seu sucesso. O habilidoso emprego de padronizadas técnicas de venda lhe garante uma perfeita identificação com o «american way of life». Como tôdas as grandes firmas americanas, Billy Graham é uma Sociedade («The Billy Graham Evangelistic Association») com seus diversos órgãos de controle e execução: Departamento de Contabilidade e Finanças, Depart. de Estatística e Pesquisa,



auto conversão. Billy Graham fala às colônias de língua espanhola em Nova Iorque. No segundo plano, o intérprete

MO ELVIS PRESLEY DA RELIGIÃO

ANA Nova Iorque) Fotos do repórter e do "Billy Graham Exec. Committee"

Esta
empo,
de té
o em-
a lhe
m o
ndes
So-
Asso-
ontrô-
dade
uisa,

Depart. de Publicidade e Relações Públicas, Depart. de Pessoal, Depart. de Planejamento, corpo de jornalistas e produtores de televisão, etc. etc. E tudo converge para o «Billy Graham Executive Committee», composto de conhecidos técnicos no assunto. Por trás de toda essa gigantesca máquina (financiando) estão Howard E. Isham, tesoureiro da U.S. Steel Co. e Alexander C. Nagle, presidente do First National Bank.

Billy Graham, homem duns quarenta anos,

com todos os atributos físicos de um galã cinematográfico (muitas mulheres comentam: «Ele é tão simpático e elegante... pena que não esteja no cinema ou na política.») e possuindo excelente dom oratório, voz forte e educada, atitudes teatrais, idealizou o que chama de «Cruzada», para salvar os homens, levando-os a Cristo. Esta consiste numa vasta campanha dividida em grandes concentrações populares para as quais todo mundo é convidado, sem distinção de raça, côr, credo político ou crença religiosa. E nesses «comícios», o ponto alto

é o «momento da decisão», a hora em que Billy Graham, dinâmico e confiante, aparece e fala antecedido por um breve solo de órgão: «Sua vida pode ser mudada daqui a poucos minutos.» Depois abre os braços e: «Nós estamos esperando por você. Você não quer se declarar por Cristo?». As pessoas começam a se dirigir (alguns chorando) para diante da plataforma onde está Billy Graham. Todos aqueles que caminharam até ali, de cabeça baixa, contritos, são considerados convertidos. Conduzem-nos em grupos para um determina-

P.: — Como se explica seu sucesso?

R.: — A única explicação que posso dar é Deus.

P.: — Mas por que Deus o escolheu?

R.: — Quando eu chegar ao Céu, será a primeira pergunta que farei a Ele.



"EU SEI DE ONDE VIM. EU SEI POR QUE ESTOU AQUI. EU SEI PARA ONDE VOU."



do lugar onde cada um assina um papel, documentando a decisão.

As primeiras «Cruzadas» bem sucedidas de Billy Graham foram no exterior. Em 1954, Londres, falou durante doze semanas a um público total de 1.338.400 pessoas, convertendo 38.477. Em Berlim, no Estádio Olímpico (dentro da área soviética), falou a 80.000 pessoas — não se divulgou o número de convertidos. Em 1955 voltou novamente à Inglaterra por quatro meses, sendo assistido por quatro milhões de pessoas e convertendo mais de 100.000 para Cristo. Em 1956 embarcou para a Índia, visitando também outros países da Ásia, onde segundo informes, seu sucesso foi impressionante. Mas de tôdas, sua «Cruzada em Nova Iorque» foi a maior e mais longa (de 15 de maio a 1 de setembro deste ano). Os principais «meetings» foram no Madison Square Garden, imenso teatro para espetáculos como rodeio, lutas e as diversas formas de show esportivo e circense. Tal recinto foi transformado numa gigantesca igreja, segundo definição do próprio Billy Graham. Esta «Cruzada» incluiu também outros pontos da cidade como Yankee Stadium (onde afluíram numa só noite, 100.000 pessoas e o Vice-Presidente Nixon), Forest Hills Tennis Stadium, Harlem, Brooklyn, Wall Street, Central Park, e finalmente a grande concentração de encerramento na Broadway, no dia 1 deste mês. Nesta «Cruzada em Nova Iorque», Billy Graham falou a 2.156.200 pessoas e recebeu 56.600 decisões para Cristo.

△

Este rio de gente é a Broadway na noite do encerramento da Cruzada em Nova Iorque. Os técnicos de Billy Graham falaram em 120.000 pessoas presentes. O chefe de Polícia afirmou entretanto que não passavam de 75.000

QUATORZE FATOS CONTRA ARI JORGE FRANÇA

(Continuação da pág. 6)

sua casa, depois de d. Gertrudes, que o expulsou sucessivas vezes da mansão Amoroso, de Roberto, que passou a tratá-lo com reserva e, por último, do próprio sr. Francisco Amoroso, que colocou como condição única para seu regresso ao lar, a proibição do ingresso de Ari, no domingo do batizado de Elizabete, (a filha de Arquilau e Aida, irmã de Helena) levaram o rapaz a uma situação em que entendeu que ia ser «rifado», por Helena.

Duas coisas pesaram, então, sobre sua personalidade. Seu gênio impulsivo e seu caráter passional. Talvez o exemplo de Gelson Maia, que se suicidara por amor de Helena, lhe houvesse indicado um rumo, quando ele se expressou a testemunha Baldino Seixas que, em brincadeira, lhe disse:

«Cuidado, Ari. Que não te aconteça o que sucedeu ao Gelson».

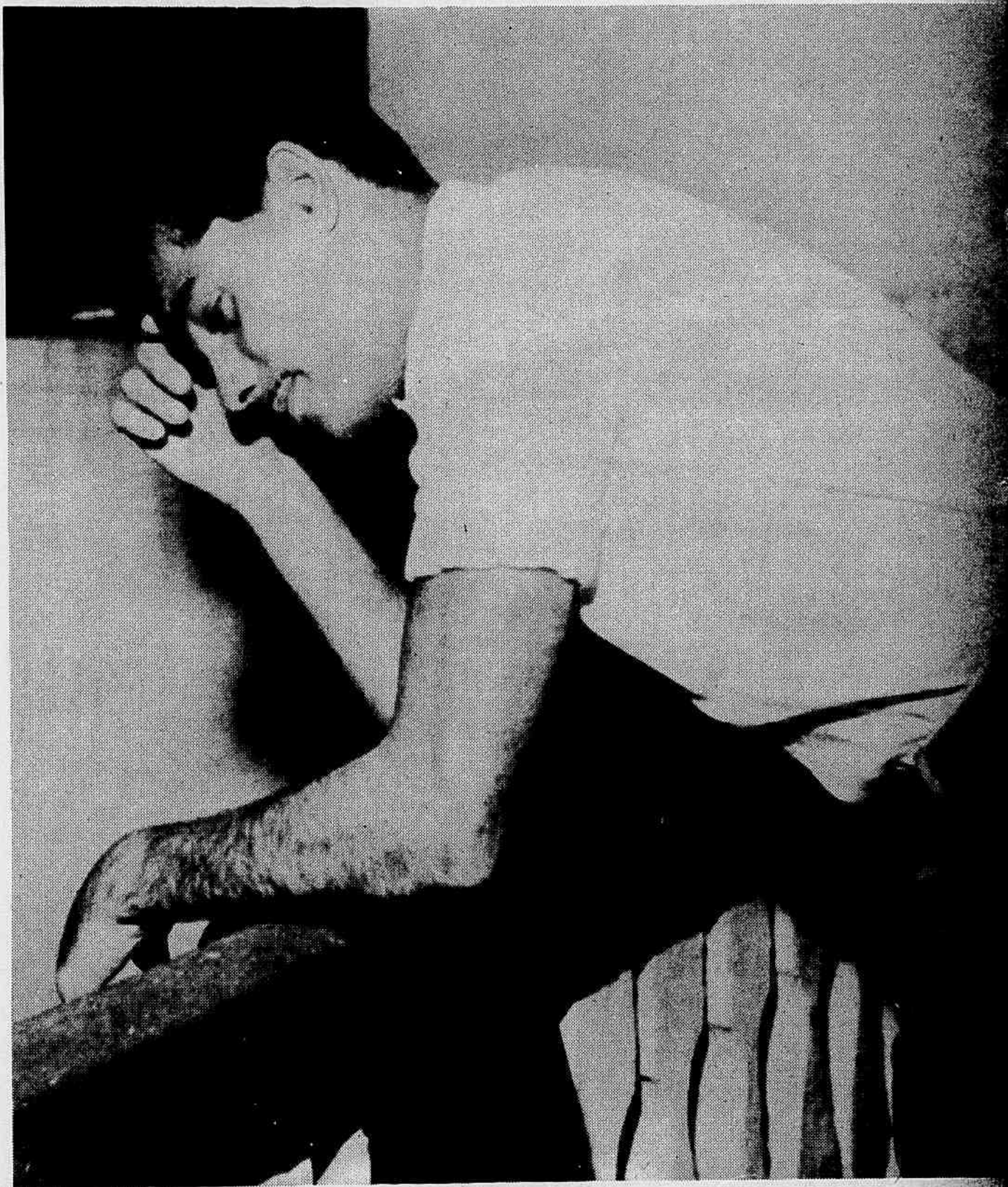
«Antes que ela me mande embora — respondeu Ari na ocasião — eu mato a Helena e me mato a seguir».

No andamento do processo, examinando detidamente as declarações de Ari, em seus três depoimentos, foi a polícia reunindo dados capazes de levar à conclusão de que, mais que ninguém, Ari Jorge França tinha conveniência e mesmo motivos para matar Helena Amoroso. Seu temperamento impulsivo e passional está caracterizado em 14 feitos diversos, que vão de agressões a Helena quando alcoolizado a tiros disparados sem motivo aparente.

♦ **ROTEIRO DO CRIME** — Seguindo o raciocínio das autoridades, vamos achar Ari dentro do carro de Helena, na noite do crime, a porta do edifício nº 55 da rua Sílvia Romero, na Lapa, local onde reside Arquilau Mesquita. Conversando, então, com o porteiro Manuel Francisco do Nascimento, Ari deu mostra de grande excitação, tendo exibido um revólver e feito ameaças a uma pessoa indeterminada, dizendo, entre outras coisas: «Comigo é espêto. Brincou comigo, eu resolvo na bala» ou, em outra fase da conversa: «Eu tenho sina na vida. Mas comigo ninguém leva vantagem». (Estas expressões que acima citamos não são as mesmas usadas por Ari, pois estas, ao pé da letra, são impubescíveis).

Depois Ari arrancou o carro com Helena e começou o último passeio da moça. Seriam, segundo o depoimento de Arquilau, Aida e do porteiro, perto de 22 horas. Extraímos, do depoimento de Ari, um resumo da viagem fatídica:

«Partimos da casa de Arquilau, pela rua do Riachuelo, e quando alcançamos o largo da Lapa, Helena, que antes havia manifestado vontade de ir à Praça Quinze, comer um angu à baiana, resolveu mudar de idéia e mandou tocar para a Barra da Tijuca. (Helena saíra da casa de Arquilau dizendo que ia direto para casa, pois queria evitar aborrecimentos com a mãe, por chegar tarde). Seguimos o percurso normal pela rua da Lapa, Praia do Flamengo, de Botafogo, Túnel do Pasmado, Túnel Novo, Rainha Isabel, Avenida Copacabana e Gustavo Sampaio, até alcançar a Avenida Atlântica, de onde pretendíamos descer para o pôsto 6. Isto não foi possível pois o tráfego estava impedido à altura do Lido (os acrobatas alemães estavam em exibição no local) e retornamos, então, pelo mesmo caminho, de onde, alcançando Barata Ribeiro e Avenida Copacabana, fomos ter ao Pôsto 6; bar existente na esquina de Joaquim Nabuco com Avenida Atlântica. Paramos durante cinco minutos ali, e estivemos tomando uma água mineral e uma batida. Durante este primeiro percurso corremos em média a cinquenta ou sessenta quilômetros horários. Daí partimos pelo caminho normal, Avenida Vieira Souto e Delfim Moreira, pela Avenida Niemayer acima, até o João e Estrada da Barra. Paramos na Barra da Tijuca, para comer ostras. Estivemos ali parados durante cerca de dez minutos, comendo ostras, conversando e, por último, evitando o assédio de um motorista que queria condução para o



Pouco antes das acareações, Ari Jorge posou para nosso flash. Note-se o sorriso, em contraste com a atitude preocupada

Recreio dos Bandeirantes. Partimos da Barra e seguimos pela Estrada de Jacarepaguá, Reta do Anil, até rua Geremário Dantas, onde, na esquina do Cemitério do Pexincha, Helena me chamou a atenção para um carro que, saindo da sombra, passou a seguir-nos. Helena teve medo e deitou-se no acento do carro, ao meu lado, enquanto eu deixava o carro passar. Do seu interior quatro ou três homens nos olharam belicosamente e o carro superou o nosso em velocidade. Helena, então, aliviada, levantou-se e, por curiosidade, quis ver o número do carro, para, como explicou, jogar no bicho, no dia seguinte. Guardamos a centena final, 604. Era um furgão amarelo e marrom, que, em breve, perdemos de vista».

Diferente, porém, é a versão policial. Neste ponto da estrada, entre a Barra da Tijuca e o cemitério do Pexincha, Helena foi assassinada. Seu corpo estava caído no banco dianteiro. Ari, sentindo que um carro passava por ele e que o motorista, no caso o sr. José Ferreira que, com sua família, voltava apressado de

um centro espírita que frequenta, teria ou poderia tê-lo visto sozinho ao volante, sem acompanhante ao lado, tratou de gravar o número todo, pois quem vê uma centena final vê o número todo, e inventou os detalhes da história para evitar que este testemunho pudesse condená-lo. Afinal, o plano não deu certo, pois o motorista o viu e declarou na polícia que o carro ia com uma só pessoa. Porque tinha uma obrigação espiritual a realizar, o sr. José Ferreira teve o cuidado de examinar as horas em que chegou em casa. Eram 0 hora e dois minutos. Considerando-se que o sr. José afirma que normalmente faz o percurso de sua casa ao Centro espírita, em quinze ou vinte minutos, pode-se supor a hora em que teria visto Ari na estrada. Eram aproximadamente, 23,40 ou 23,45 horas.

«Depois de passar por nós o carro perdeu-se de vista, prossegue Ari em suas declarações. Seguimos, então, por Geremário Dantas, Praça Séca e, daí, pela rua Luiz Beltrão (o casal, quando voltava dos passeios, não ta-

Testemunhas de última hora ameaçam tumultuar o inquérito



«Segundo a polícia, em nenhuma ocasião o pai de Helena, banqueiro Francisco Amoroso, esteve no rol dos suspeitos». «Quanto a d. Gertrudes, apesar de haver a polícia afastado as suspeitas de sua pessoa, tem contra si grande parte da opinião pública, principalmente no local».

zia normalmente este percurso, seguindo sempre por Intendente Magalhães, estrada em que começa a rua Quiririm) até minha casa. Moro na rua Japeri, logo no início. Paramos no largo do Valqueire, tendo Helena parado à direita da rua, para evitar de fazer manobra. Saltei, Helena ficou me olhando. Voltei e dei-lhe um beijo. Ela arrancou com o carro e eu segui para casa. Cheguei em casa e, depois de tomar um copo de leite, deitei e dormi. Quando fui acordado a polícia já estava na porta». Apesar de não possuir relógio de pulso (inúmeras testemunhas afirmam que Ari sempre teve um relógio, com o qual andou sempre) e de não haver relógio na sala, sei que cheguei em casa entre 23,15 e 23,20 horas.

◆ **DESTRUIÇÃO DO ALIBI** — Como se não bastasse a comprovação de José Ferreira, que Ari diz ter visto na estrada (esta afirma tê-lo visto, cerca de 23,40), existem, ainda, contra Ari, duas testemunhas que destroem o seu horário.

O motorista Pascoal André viu e reconheceu o carro de Helena, quando na noite do crime, corria pela Rua Cândido Benício, em direção à Praça Sêca, no trecho compreendido entre as ruas Pinto Teles e Ana Teles, correndo com as luzes apagadas, em marcha moderada e com uma só pessoa ao volante. Hora do fato: entre 23,40 e 23,50.

Euzébio Armando Ozon, dono do circo, no qual, Helena e Maurício Pereira haviam estado na noite de quarta-feira depois de Ari partir para Cascadura, Ari apareceu depois do espetáculo, escondido «por brincadeira» no salão do carro com um revólver na mão) afirma que, na noite de sexta-feira havia estado de 21 horas às 23,50 ou mais na porta do circo, estava armado no largo de Vila Valqueire (exatamente no ponto onde Ari teria deixado Helena) e que afirma não se lembrar do carro amarelo de Helena haver aparecido ou parado no local, durante este período.

◆ **A PROVA TÉCNICA** — Todos os elementos até aqui expostos, seriam suficientes para levantar, contra Ari, uma base de forte suspeição. Resta, contudo, à polícia, uma arma, indestrutível, e que se chama «Prova Técnica». O Instituto de Exames Periciais, com todos os seus técnicos, trabalhou ativamente neste caso, tendo realizado experiências e testes que terminaram por levar a conclusão inofismável de que:

1) Helena foi morta fora de casa, na estrada, possivelmente.

2) Helena caiu morta no assento do carro, tendo sido sua última posição retificada pelo criminoso, com o interesse de despistar a justiça.

3) Quando Helena foi assassinada, estava à direita do carro, possivelmente muito junto a porta lateral direita.

4) O criminoso usou de premeditação, frieza e, sobretudo, procurou armar uma cena que terminou por incriminá-lo.

5) Helena já entrou em casa morta.

Os elementos que permitem levar, sem dúvidas, a estas conclusões, estão contidos no exame do próprio carro, no exame de balística, de som, de ângulo de tiros e, finalmente, no levantamento do local, que mesmo parcialmente destruído, ainda serviu para comprovar as conclusões periciais.

◆ **TESTEMUNHA DE ÚLTIMA HORA** — Conforme estampamos em edição anterior, surgiu na última hora, duas testemunhas bomba, que, possivelmente, com suas declarações, tumultuaria o processo e poria por terra todas as afirmativas da polícia.

◆ **O MECÂNICO SOLDADOR** — Muito cronométrico o mecânico João Domingos Gomes, afirma que vindo de um cinema na cidade, saltou na esquina da Estrada Intendente Magalhães com rua Quiririm, às 23,25 horas do dia 23-8. No percurso deste ponto até sua casa (Rua Sabino Barroso, 245) não viu ninguém no caminho, a excessão do carro e da pessoa de

Helena Amoroso, que viu saltando, abrindo e fechando o portão da mansão em que morava, e depois entrando sozinho no palacete.

Ouvindo ainda os tiros, que teriam vitimado Helena e não contou o fato a ninguém, até o dia 20 p.p., quando procurou o advogado de defesa, Dr. Celso do Nascimento, para relatar o que viria.

◆ **O BARBEIRO DANIEL** — Daniel Ribeiro Balbino, barbeiro de profissão relatou depois do aparecimento do sr. João Gomes, que a pedido de Lourdes França, a irmã de Ari, havia procurado o Dr. Celso do Nascimento, para informar que vira Ari saltar do carro de Helena, na Praça Professor Cardoso Fontes, cerca das 23,20 do dia do crime, criando assim um alibi perfeito para o criminoso.

Ditos assim podem dar estes depoimentos uma impressão de grande veracidade e que só o andamento dos fatos poderão confirmar ou desmentir. Por ora é cedo para uma opinião definitiva.

◆ **CAPÍTULO FINAL** — Conclusões exatas são poucas as que se podem chegar ao fim do primeiro «round». Duas famílias, família Amoroso e família de Ari Jorge França tiveram os seus nomes e vidas envolvidos em colunas e colunas de jornais e revistas em seus mais íntimos detalhes.

Uma moça está morta e sem possibilidade de defesa para seu nome agora acusada de ter tido amantes, de relações pouco lícitas e outros fatos mais, sem que nada ateste estas afirmativas. O próprio exame cadavérico da vítima a dá como inteiramente sem mácula em sua honra.

Um rapaz está com a vida desgraçada, culpado ou inocente e, durante muito tempo, não poderá agir para avançar ou recuar no emaranhado de fatos em que se meteu. E permita Deus não venha, ele a purgar na cadeia por fatos pelos quais possivelmente seria responsável, mas que poderiam ter sido evitados, se cortados com eficiência no nascedouro.

ito

des,
cal.

o e
iva,

ado
até
de
ela-

bal-
do
edi-
via
in-
na,
das
libi

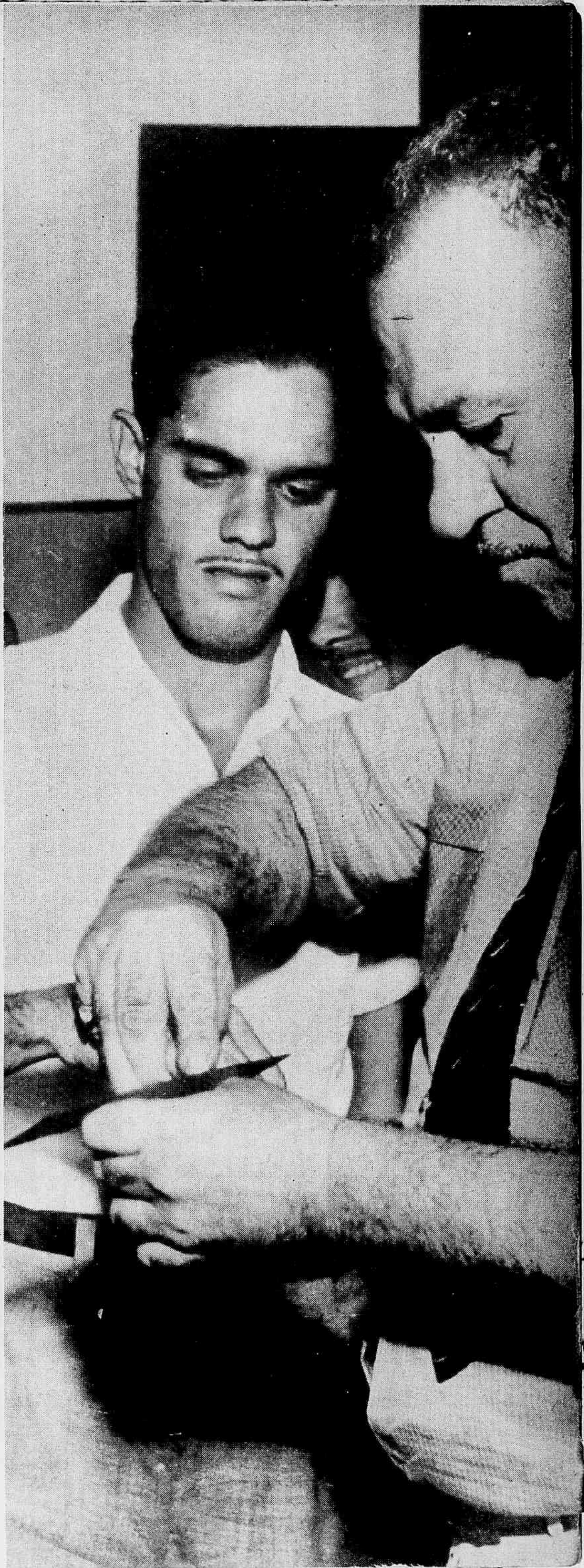
tos
que
nar
pi-

ção
do
no-
os
e
ais

de
de
e
tas
da
em

ul-
ão
na-
ita
por
on-
se

Sendo criminalmente identificado, e pen-
sativo, talvez, do futuro que o aguarda,
eis Ari Jorge França em duas fotos





◆ Estudantes universitários promoveram na Cinelândia a primeira aula pública de protesto contra a demora do término das obras da Cidade Universitária. Instalaram carteiras escolares, quadro negro e deram o seu "show" "sala de aula". As faixas localizadas pelos estudantes na Cinelândia diziam: "Sem instalações só podemos estudar na rua", "Verba para cavalos do Exército: 500 milhões de cruzeiros; para a cidade universitária: 140 milhões. É melhor ser cavalo". Esse protesto pacífico e pitoresco é um apelo sério ao Presidente da República para que providencie o término das obras da Cidade Universitária. — (Foto de Adir Vieira).

Sumário

◆ REPORTAGENS:

Ari: Tenente Bandeira da Zona Norte	3/6 e	59/61
O passado vai voltar à Penha		9/11
Noel Rosa		22/27
Garôtas de Xurupito		30/34
Cecil B. de Mille		39/41
Genaro e a Tapeçaria		47/49
Edmond de Schryver		50/51
Malaia: independência		52/53
Billy Graham, o Elvis Presley da religião		56/59

◆ SEÇÕES:

Crônica (Eneida)	7
Humor (Olati Ambrozio)	63

Conto (A viúva que sabia demais)	14
Jornal da Revista	15/21
Literatura e arte	28/29
Política	36/37
Sociedade	43/45
Quem é você?	54
Puxe pelo cérebro	55
Palavras cruzadas	55

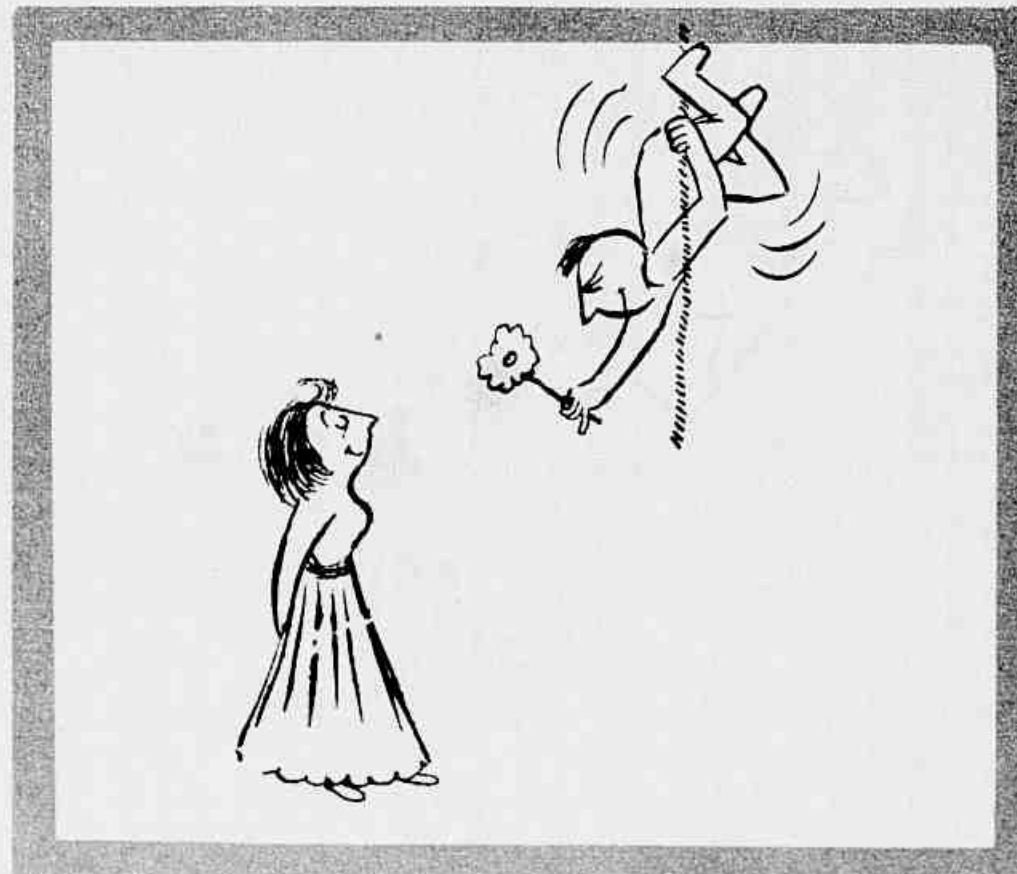
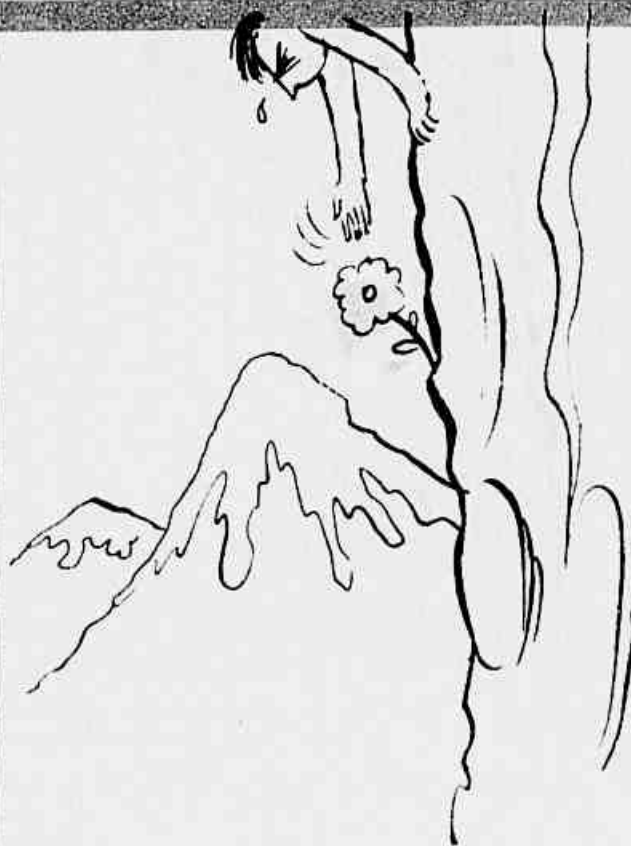
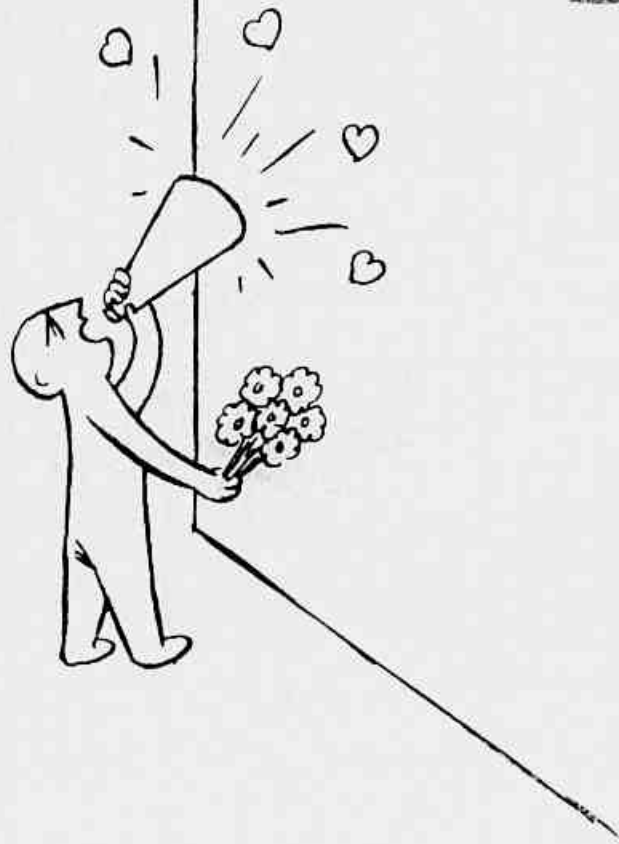
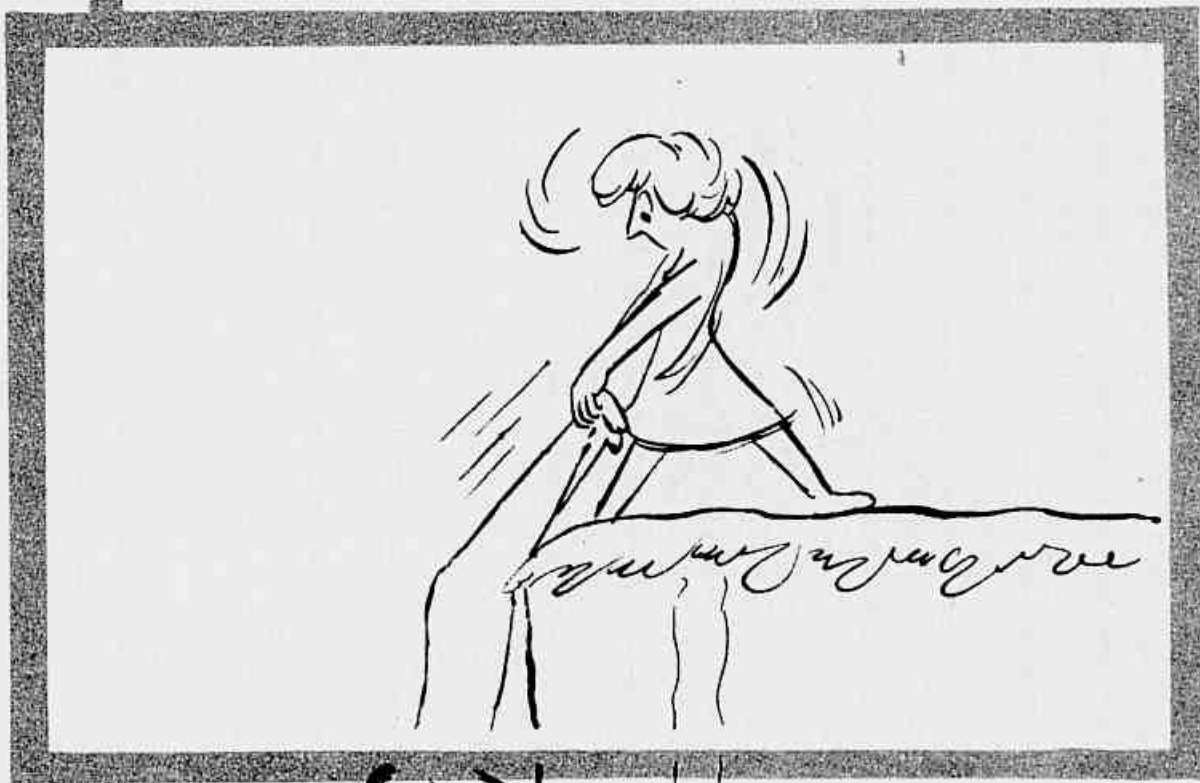
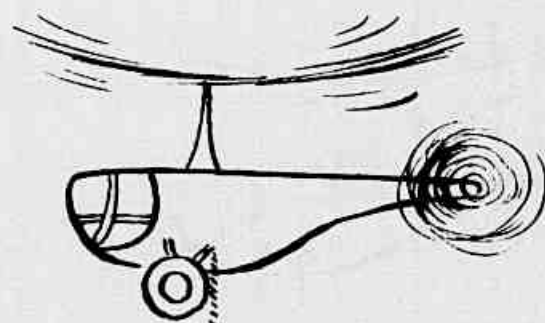
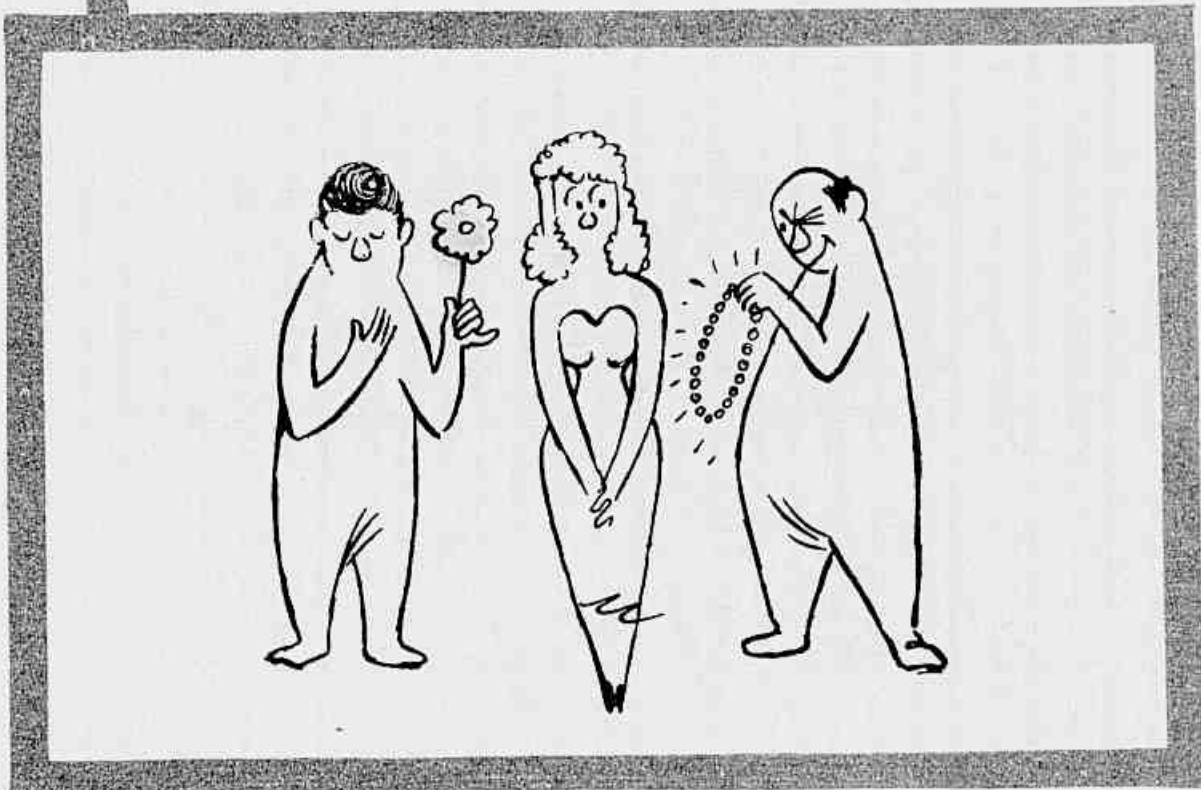
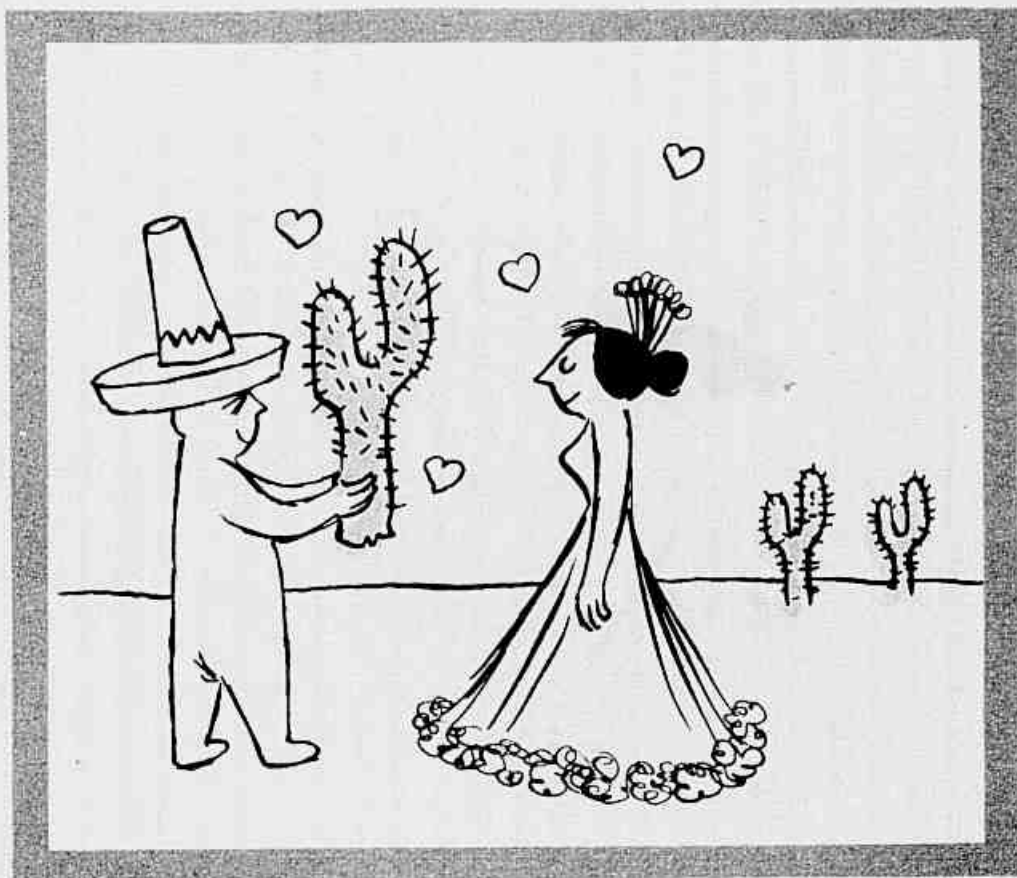
Este número consta de 64 páginas.

◆ CAPA:

Rose Rondelli, uma das "estrelas" do "show" de Valter Pinto. Veja reportagem "Garôtas de Xurupito". 30/34.



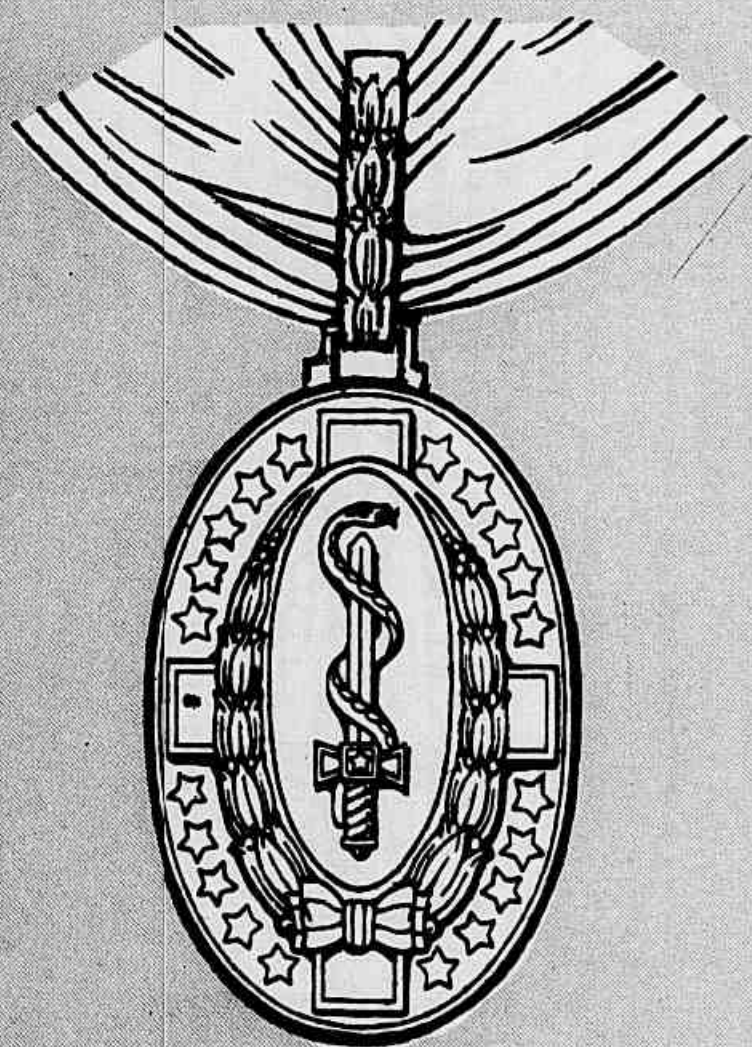
AMBROZIO



ALMANAQUE EU SEI TUDO

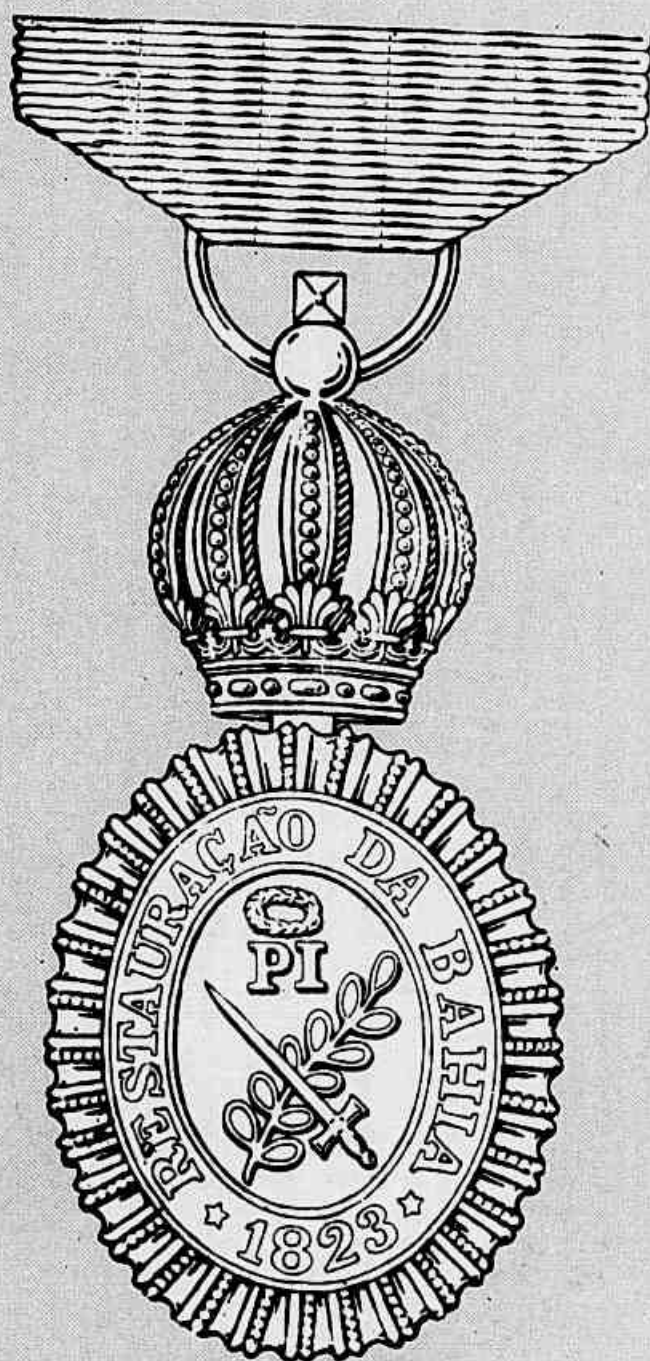
EDIÇÃO DE 1958

EM PREPARO



**Medalhística
Brasileira**

PELA PRIMEIRA VEZ
A MAIS COMPLETA
HISTÓRIA DA



♦ Totalmente esgotada que foi a edição de 1957, está sendo confeccionado o número para o próximo ano com maior tiragem.

♦ Um romance completo, contos e artigos históricos, informações sobre o ano, notas e curiosidades.

♦ O Almanaque "EU SEI TUDO" é um livro com mais de 300 páginas que custará ao leitor apenas Cr\$ 50,00.

♦ É uma edição da
CIA. EDITORA AMERICANA,
Rua Maranguape, 15 — Rio.

— QUE É COROAÇÃO? — QUE É OVAÇÃO? — QUE É TRIUNFO? — ORDENS HONORÍFICAS DO IMPÉRIO E DA REPÚBLICA — PRIMEIRAS MEDALHAS MILITARES BRASILEIRAS — MEDALHAS CRIADAS A PARTIR DE 1940 — DESDE A CARTA REGIA DE 16 DE AGOSTO DE 1809 ATÉ 1956.